Lewis Carroll

Alice no País do Espelho

L&PM POCKET

LEWIS CARROLL

Alice no País do Espelho

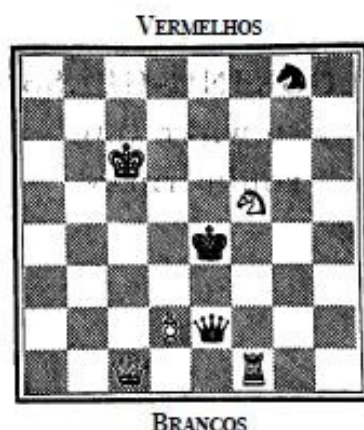
L&PM POCKET

Lewis Carroll

Alice no País do Espelho

Tradução de William Lagos

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

VERMELHOS

BRANCOS

O Peão Branco da Rainha (Alice) joga e vence em onze lances.

PÁGINA	PÁGINA
1. Alice encontra a Rainha Vermelha ... .42	1. A Rainha Vermelha vai para a Quarta Casa da Torre do Rei Vermelho...52
2. Alice avança pela Terceira Casa (de trem) até a Quarta Casa (Tweeledum e Twedledeee) 59	2. A Rainha Branca vai para a Quarta Casa do Bispo da Rainha (depois do episódio do xale) 89
3. Alice encontra a Rainha Branca (de xale) 89	3. A Rainha Branca vai para a Quinta Casa do Bispo da Rainha (transformada em ovelha) 97
4. Alice vai para a Quinta Casa da coluna da Rainha (loja, rio, loja) 97	4. A Rainha Branca vai para a Oitava Casa do Bispo do Rei (deixando o ovo sobre a prateleira)....105
5. Alice vai para a Sexta Casa (encontra Humpty Dumpty) 106	5. A Rainha Branca vai para a Oitava Casa do Bispo da Rainha (fugindo do Cavalo Vermelho) 133
6. Alice vai para a Sétima Casa (floresta) 138	6. O Cavaleiro Vermelho vai para a Segunda Casa do Rei (xeque) 140
7. Cavalo Branco toma o Cavalo Vermelho 143	7. O Cavaleiro Branco vai para a Quinta Casa do Bispo do Rei 158
8. Alice chega à Oitava Casa da Rainha (coroação) 159	8. A Rainha Vermelha vai para a Primeira Casa do Rei (exame) 162
9. Alice torna-se Rainha (o Peão Branco é promovido a Rainha)....161	9. Roque da Rainha (entra no castelo) 173
10. Alice faz roque (*castle*) no banquete 178	10. Dama Branca vai para a Sexta Casa da Dama Vermelha (sopa) 182
11. Alice toma a Rainha Vermelha e vence a partida 183	

NOTA: *As páginas de referência (corrigidas acima para esta edição) saíram erradas na edição de 1897, que foi composta a partir da tiragem popular da* People's Edition *(1887), com os números de página inalterados.*

Dramatis Personae

(Conforme as peças dispostas no tabuleiro no princípio do jogo.)

Brancas

Tweedledee (Daisy, a Margarida) – Peão da Torre da Rainha.

Unicórnio (Haigha, a Lebre) – Peão do Cavalo da Rainha.

Ovelha (Oyster, a Ostra) – Peão do Bispo da Rainha.

Peão da Rainha Branca (Lily, o Lírio) – Peão da Rainha (Alice).

Peão do Rei Branco (Fawn, o Corço) – Peão do Rei.

O Velho Sentado no Portão (Oyster) – Peão do Bispo do Rei.

O Cavaleiro Branco (Hatta, o Chapeleiro Louco) – Peão do Cavalo do Rei.

Tweedledum (Daisy) – Peão da Torre do Rei.

Vermelhas

Humpty Dumpty (Daisy) – Peão da Torre da Rainha.

Carpinteiro (Messenger, o Mensageiro) – Peão do Cavalo da Rainha.

Morsa (Oyster) – Peão do Bispo da Rainha.

Peão da Rainha Vermelha (Tiger-lily, o Lírio-tigrino ou Tigrídia) – Peão da Rainha.

Peão do Rei Vermelho (Rose, a Rosa) – Peão do Rei.

Corvo (Oyster) – Peão do Bispo do Rei.

Cavaleiro Vermelho (Frog, o Sapo) – Peão do Cavalo do Rei.

Leão (Daisy, o Personagem Importante) — Peão da Torre do Rei.

NOTA: Dramatis Personae: como apresentadas na edição de 1872, omitidas em 1897 e nas edições subsequentes, mas tornando a surgir nas reimpressões da People’s Edition, a edição popular.

Criança pura, de olhar despreocupado

E rosto sonhador de maravilhas!

Embora o tempo seja rápido e suas trilhas

Por meia vida nos tenham separado,

Teu sorriso contente saudará as baladas

No dom de amor deste conto de fadas.

Teu rosto radiante não vi nem verei,

Nem hei de escutar teu riso argentino:

Jamais pensarás do autor no destino.

Em tua juventude lugar não terei.

Mas basta que agora escutes as baladas

Singelas, contidas em meu conto de fadas.

Num tempo distante ocorreu esta história,

Quando o sol de verão brilhava feliz.

Um toque de sino que agora nos diz,

Num ritmo leve, que traz à memória

Os ecos da infância e faz relembrar

O que a inveja da idade preferia apagar!

Escuta-me agora, pois a voz do pavor

De notícias amargas virá carregada;

Em breve a teu leito será convocada

A mulher melancólica do luto e temor.

A hora do leito é como o fim da vida:

Somos apenas crianças mais velhas, querida.

Há geada lá fora, há neve cegante,

Os caprichos do vento, a feroz tempestade;

Mas no ninho infantil, em que a felicidade

Se aquece à lareira de luz crepitante,

Tua atenção será presa pelas palavras mágicas

E não hás de temer as rajadas mais trágicas.

Se enfim a sombra esquiva de um suspiro

Profundo tremular ao longo da história,

Dos dias de verão pela perdida glória,

Pelo feliz fulgor que te alegrou o mundo,

Não poderá afetar, com tristezas aladas,

A alegria e o frescor deste conto de fadas.

Advertência

Há mais de vinte e cinco anos, venho tornando meu principal objetivo, no que se refere a meus livros, que eles apresentem a melhor qualidade de impressão e de encadernação possível, relativamente aos preços de cada exemplar. Estou profundamente aborrecido por haver verificado que a última edição de Through the looking-glass, formada pelos exemplares do Sexagésimo Milhar, foi posta à venda sem que tivesse sido percebido que a maioria das ilustrações ficara tão apagada na impressão que os livros não valiam o preço pago por eles. Solicito a todos os proprietários desses exemplares que os enviem aos srs. Macmillan & Co., 29 Bedford Street, Covent Garden, com seus respectivos nomes e endereços, para que cópias da próxima edição lhes sejam enviadas em substituição.

Contudo, em vez de destruir os exemplares que não chegaram a ser vendidos, pretendo dar-lhes uma finalidade, doando-os ao Instituto de Mecânica, às Salas de Leitura das Aldeias e a outras instituições semelhantes, em que os meios para aquisição de tais livros são escassos. Assim sendo, convido os interessados a solicitar tais doações, em carta endereçada a mim, “aos cuidados dos srs. Macmillan”. Todos os pedidos deverão ser assinados pela pessoa responsável e declarar até que ponto a referida instituição tem condições de adquirir livros para si própria e qual é o número médio de seus leitores.

Aproveito a oportunidade para anunciar que, caso em algum momento futuro eu possa desejar comunicar-me com meus leitores, eu o farei por meio de um anúncio na coluna “Agony” de alguns dos jornais diários, na primeira terça-feira de cada mês.

Lewis Carroll

Natal de 1893

Prefácio à 61a edição inglesa

Uma vez que o problema de xadrez exposto na página anterior tem confundido alguns de meus leitores, talvez seja conveniente explicar que ele foi resolvido da maneira correta no que se refere aos movimentos. A alternância das peças brancas e vermelhas talvez não tenha sido tão estritamente observada como deveria ser, e o roque das Três Rainhas é meramente uma forma de dizer que elas entraram juntas no palácio: mas o xeque do Rei Branco no movimento número seis, a captura do Cavaleiro Vermelho no número sete e o xeque-mate final do Rei Vermelho serão encontrados, mediante o estudo do problema, por qualquer pessoa que se dê ao trabalho de colocar as peças em um tabuleiro e de realizar os movimentos que foram indicados; dessa forma, se verificará que eles ocorrem estritamente dentro das regras do jogo.

As palavras novas no poema Jabberwocky (O Tagarelão: veja página 33) deram origem a algumas diferenças de opinião quanto à sua pronúncia. Portanto, talvez seja melhor fornecer algumas instruções com referência a esse ponto. Pronuncie slithy como se fossem as palavras sly e the (alguma coisa como “sláidi”, com o “s” soprado, e não aspirado, e o “d” pronunciado contra os dentes inferiores); a letra “g” é oclusiva em gyre (gáire, gáier ou gáia) e gimble (guêmbol), e rath se pronuncia como em bath (à maneira britânica, com o “a” aberto e o “th” com o som de “s” pronunciado com a língua de encontro aos dentes superiores).

Para os sessenta e um mil exemplares desta nova edição, foram produzidos novos eletrótipos, os quais, uma vez que nunca foram utilizados para impressão direta, estão em condições tão boas quanto estavam ao serem gravados em 1871; o livro inteiro foi composto novamente, utilizando-se uma fonte de tipos nova. Se a qualidade artística desta reimpressão não for a mesma, sob qualquer aspecto ou detalhe, daquela apresentada pelos exemplares da edição original, não será por falta de esforço do autor, do editor ou do impressor.

Aproveito esta oportunidade para anunciar que a versão infantil de Alice em forma de livro de gravuras com texto reduzido, até o presente oferecida por quatro xelins, pode ser agora obtida nas mesmas condições que os livros de gravuras comuns, vendidos à razão de um xelim por exemplar, embora eu tenha certeza de que sua qualidade, sob todos os aspectos (exceto pelo próprio texto reduzido, sobre o qual não estou em condições de me manifestar), seja

grandemente superior àquela normalmente apresentada por este tipo de publicação, e que quatro xelins constituam um preço de venda perfeitamente razoável, considerando o grande investimento inicial que tive de fazer, o qual foi bastante vultoso.

Todavia, como o público praticamente afirmou: “Não pagaremos mais de um xelim por um livro de gravuras, por mais artisticamente que tenha sido produzido”, me contentarei em considerar meu investimento nesta edição como uma perda total e, ao invés de permitir que os pequeninos, para os quais ele se destinava, se vejam obrigados a passar sem ele, estou agora vendendo os ditos exemplares a um preço que, para mim, é praticamente a mesma coisa que dá-los de presente.

Natal de 1896

Capítulo I

A Casa do Espelho

De uma coisa podemos ter certeza: a gatinha branca não teve culpa de coisa alguma. A falta foi inteiramente do gatinho preto. Isso porque, durante o último quarto de hora, a gata velha estava lavando o rostinho da gatinha branca (que, apesar de tudo, estava suportando o incômodo com bastante paciência); assim, vocês veem perfeitamente que ela não poderia ter participado de jeito algum da travessura.

A maneira como Dinah lavava os rostos de seus filhotes era a seguinte: primeiro ela prendia a pobre criaturinha contra o assoalho por uma das orelhas, usando uma de suas próprias patas, e então, com a outra pata, ela esfregava completamente a cara do bichinho do jeito errado, isto é, arrepiando todo o pelo a partir do focinho; nesse momento, como disse antes, ela estava empenhada na realização de tal tarefa justamente com a gatinha branca, que permanecia deitada, muito quietinha, tentando até mesmo ronronar. Sem a menor dúvida, ela acreditava que a tortura estava sendo executada para seu próprio bem.

Porém, o gatinho preto já tinha recebido o mesmo tratamento no princípio da tarde. Então, enquanto Alice estava enroscada em um canto da grande poltrona, meio adormecida e meio falando sozinha, ele brincava à vontade, correndo para cá e para lá com o grande novelo de lã cardada que antes Alice estivera tentando enrolar, e havia desenroscado o fio inteiro: lá estava ele, espalhado sobre o tapete em frente à lareira, cheio de nós e todo embaraçado, enquanto o gatinho corria atrás da própria cauda no meio da confusão.

– Ah, mas que bichinho malvado! Que confusão você me armou! – gritou Alice, agarrando o gatinho e dando-lhe um beijo no focinho, para que ele entendesse que havia agido muito mal e que agora estava em desgraça. – Realmente, a Dinah deveria ter lhe ensinado melhores maneiras! Você deveria, Dinah, você sabe que deveria! – acrescentou ela, olhando reprovadoramente para a gata velha e falando com a voz mais zangada que pôde…

Então, retornou para a mesma poltrona, colocando o gatinho no colo e pegando o fio de lã, o qual começou a enrolar novamente para formar um novelo. No entanto, a tarefa não andava muito porque ela conversava o tempo todo, algumas vezes com o gatinho e algumas vezes consigo mesma. O gatinho permanecia sentado sobre seus joelhos, muito compenetrado, pretensamente controlando o progresso do enovelamento, e esticava de vez em quando uma das patinhas a fim

de tocar gentilmente na bola de lã, como se estivesse disposto a ajudar, desde que lhe dessem permissão.

– Você sabe que dia é amanhã, gatinho? – começou Alice. – Teria adivinhado se tivesse ficado junto à janela comigo.[1] Só que foi bem na hora em que Dinah estava lhe dando banho, então não deu para você ver. Eu estava olhando os meninos recolherem madeira para a fogueira grande. E é preciso um monte de madeira, gatinho! Mas aí começou a ficar muito frio e a nevar tanto que eles tiveram de desistir. Mas não se preocupe, gatinho, amanhã vamos ver quando eles acenderem a fogueira!

Nesse ponto da conversa, Alice enroscou duas ou três voltas da lã ao redor do pescoço do bichano, para ver como é que ele ficava: isso resultou em uma escaramuça, durante a qual o novelo rolou para o chão e uns quantos metros dele se desenroscaram de novo.

– Você sabe, eu fiquei tão zangada, gatinho – prosseguiu Alice, assim que estavam os dois novamente instalados na poltrona com todo o conforto –, quando vi toda aquela malvadeza que você fez, que quase abri a janela e o coloquei lá fora, no frio e na neve! E você bem que merecia, seu bandidinho querido e travesso! Por acaso tem alguma coisa a dizer em sua defesa? Não, não, não me interrompa agora! – ela prosseguiu, sacudindo um dedinho levantado no ar. – Eu vou fazer a relação de todos os seus crimes! Número um: você guinchou duas vezes enquanto Dinah estava lavando seu rosto hoje de manhã.[2] Não pode dizer que não, gatinho: eu mesma escutei! O que você tem a dizer? (Nesse ponto, Alice fingiu que estava escutando o bichinho falar.) – O que foi? A pata da mamãe entrou em seu olho? Bem, a culpa foi sua mesmo. Por que não ficou com os olhos fechados? Se tivesse apertado bem os olhinhos, nada teria acontecido. Não apresente mais desculpas agora, apenas escute! Número dois: você puxou o rabo de Snowdrop quando coloquei o pires com leite diante dela! O quê? Você estava com sede, era isso? Como é que você sabe que ela não estava com mais sede ainda? Agora vem o pior, o número três: você desenrolou todo o novelo de lã cardada enquanto eu não estava olhando! São três crimes, gatinho, e você ainda não foi castigado por nenhum deles. Você sabe que estou guardando todos os seus castigos para a quarta-feira da semana que vem? Imagine se tivessem guardado todos os meus castigos!

Ela continuou, falando mais consigo mesma do que com o gatinho:

– O que será que eles fariam no final de um ano? Acho que iriam me mandar para a prisão, suponho, quando chegasse o dia de pagar por todos. Ou então –

vamos ver – suponhamos que o castigo fosse ir para a cama sem jantar; desse modo, quando esse dia infeliz chegasse, eu teria de ficar sem cinquenta jantares de uma só vez! Bem, acho que eu não iria me importar tanto assim! Seria muito melhor ficar sem cinquenta jantares do que ter de engolir todos os cinquenta de uma vez só!

Ela fez uma pausa e então prosseguiu:

– Está escutando a neve batendo contra as vidraças, gatinho? Como o som é macio e agradável! É como se alguém lá fora estivesse beijando os vidros da janela! Fico imaginando: será que a neve sente amor pelas árvores e pelos campos e é por isso que os beija tão gentilmente? Depois ela os cobre, carinhosamente, com um acolchoado branco, para protegê-los do frio, você sabe. Pode ser que ela diga: “Vão dormir, meus queridos, até que o verão chegue outra vez”. E quando as árvores e os campos se acordam no verão, gatinho, eles se vestem todos de verde e dançam por toda a parte – sempre que sopra o vento, é claro –, e fica tudo tão bonito!

Alice bateu palmas, deixou cair o novelo de lã e exclamou:

– Como eu gostaria que isso fosse verdade! Pois olhe, tenho certeza de que as árvores parecem estar sonolentas no outono, quando as folhas vão perdendo a cor e ficando castanhas. Gatinho, você sabe jogar xadrez? Não, não sorria, meu querido, estou fazendo uma pergunta séria. Porque, naquela hora em que nós estávamos jogando, você ficou olhando como se entendesse todo o jogo. E quando eu disse: “Xeque!”, você ronronou! Bem, foi um lindo xeque, não foi, gatinho? Realmente, eu deveria ter ganho aquela partida, se não fosse por aquele Cavaleiro nojento! Aquela porcaria que veio se retorcendo e se meteu pelo meio das minhas peças. Gatinho, querido, faz de conta...

Nesse ponto da conversa, eu gostaria de poder relatar a vocês metade das coisas interessantes que Alice costumava dizer, quando começava com sua frase favorita: “Faz de conta”. Ela tinha tido uma longa discussão com sua irmãzinha no dia anterior – tudo porque começara a conversa com a introdução: “Faz de conta que somos reis e rainhas”, e sua irmã, que gostava de ser muito exata, argumentou que não podiam, porque elas eram só duas, e Alice fora obrigada a dizer: “Bem, você pode ser uma rainha só, e eu fico sendo todas as outras!”. E, uma vez, ela havia realmente assustado sua velha babá, ao gritar subitamente em seu ouvido: “Babá! Faz de conta que eu sou uma hiena faminta e que você é um

osso!”.

Mas estamos nos afastando da conversa de Alice com o gatinho. Foi assim:

– Faz de conta que você é a Rainha Vermelha, gatinho![3] Sabe de uma coisa? Acho que, se você sentasse, levantasse o corpo e cruzasse os braços, ficaria exatamente com a mesma cara que ela! Vamos tentar, queridinho!

Alice tirou a Rainha Vermelha de cima da mesa e colocou-a diante do gatinho, como um modelo para que o animal imitasse; todavia, a tentativa não obteve sucesso, principalmente porque, segundo afirmou Alice, o gatinho não queria cruzar os braços da maneira certa. Assim, para dar-lhe um castigo, ela segurou o bichinho em frente ao espelho, a fim de que pudesse ver por si mesmo que estava com cara de emburrado.

– E, se você não se portar bem imediatamente – acrescentou ela –, vou enfiá-lo dentro da Casa do Espelho. O que você vai achar disso? Agora, se ficar bem quietinho e não me interromper tanto, vou lhe contar tudo o que penso sobre a Casa do Espelho. Em primeiro lugar, há essa sala que você pode ver através do vidro – é uma sala igualzinha à nossa sala de visitas, só que as coisas estão todas viradas para o outro lado. Eu posso ver tudo, quando subo em uma cadeira. Só não consigo ver o pedacinho que fica atrás da lareira. Ah, eu gostaria tanto de poder ver esse pedacinho também! Queria tanto saber se eles acendem o fogo no inverno!... Nunca dá para saber isso direito, você sabe, a não ser que a nossa lareira esteja fumegando, porque, aí, dá para ver a fumaça subindo pelo ar na sala do espelho também – só que pode ser uma fumaça falsa, eles podem estar fingindo que tem um fogo aceso lá na sala deles e estar, na verdade, com o fogo apagado. Bom, e o que mais que tem?... Os livros parecem muito com os nossos livros, mas acontece que as palavras estão todas erradas, todas as letras estão ao contrário, e não consigo ler nada. Sei que não dá mesmo para ler, porque um dia coloquei um de nossos livros aberto diante do espelho e então eles seguraram outro livro lá na sala deles.

Alice pensou um momento e depois continuou:

– Você gostaria de morar na Casa do Espelho, gatinho? Fico pensando se o pessoal de lá vai dar leite a você... Pode ser que o leite do Espelho não seja bom de beber. Mas olhe, gatinho! Agora dá para ver a passagem. A gente pode dar uma espiadinha na passagem que dá para o resto da Casa do Espelho, desde que

se deixe a porta de nossa sala de visitas bem aberta. É muito parecida com o nosso corredor, até onde se vê, só que a gente sabe que pode ser completamente diferente mais adiante. Ah, gatinho, como seria lindo se a gente pudesse atravessar o espelho e entrar na Casa do Espelho! Tenho certeza de que lá existem coisas tão maravilhosas, coisas tão belas! Vamos fazer de conta que existe uma maneira de atravessar o vidro do espelho, que há uma forma de a gente passar por ele, gatinho! Vamos fazer de conta que o vidro ficou macio como se fosse o filó de um mosquiteiro e que a gente pode ir empurrando e atravessar! Ora, mas não é que o vidro está se transformando numa névoa, ora essa! Assim, vai ser fácil passar para o outro lado...

Nesse ponto, Alice já estava em cima do tampo da lareira, embora não tivesse percebido como havia chegado lá. Sem a menor dúvida, o vidro estava derretendo, como se fosse um nevoeiro prateado e brilhante.

No momento seguinte, Alice havia atravessado o espelho e saltado com leveza para dentro da sala da Casa do Espelho. A primeira coisa que ela fez foi examinar se havia um fogo aceso dentro da lareira e ficou muito satisfeita ao descobrir que havia mesmo um fogo verdadeiro, crepitando tão alegremente quanto aquele que havia deixado para trás, na sala de sua própria casa.

“Bem, isso quer dizer que vou ficar tão quentinha aqui como estava naquela sala velha”, pensou. “De fato, acho que até vou sentir mais calor deste lado, porque não vai aparecer ninguém para ralhar comigo e mandar eu sair de perto do fogo. Ah, como vai ser engraçado quando eles me virem aqui, através do espelho, e não puderem tocar em mim!”

Depois, ela começou a olhar em volta e descobriu que aquelas coisas que podiam ser vistas da sala de sua própria casa através do espelho eram totalmente comuns e desinteressantes; porém, todo o resto era tão diferente quanto possível. Por exemplo, os quadros na parede que ficava junto à lareira pareciam ter vida; até mesmo o relógio que ficava sobre a platibanda da lareira (que no espelho só se podia ver por trás) tinha, em vez de mostrador, o rosto de um velhinho, e este sorria para ela.

“Eles não conservam esta sala tão bem arrumada como a outra”, pensou Alice, ao perceber que diversas das peças do jogo de xadrez, em vez de se acharem sobre o tabuleiro, tinham sido jogadas na parte da frente da lareira, por entre as cinzas.

Porém, no momento seguinte, emitindo um pequeno “oh!” de surpresa, ela se abaixou, apoiada nas mãos e nos joelhos, a fim de contemplá-las melhor. As peças do jogo de xadrez estavam caminhando para cá e para lá, no espaço que ficava na frente da lareira, lado a lado com os seus pares!

– Olhe só! Eis o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha... – disse Alice (meio cochichando, porque teve medo de assustar as criaturinhas). – E lá estão o Rei Branco e a Rainha Branca sentados na beirada da pazinha de tirar as cinzas. Olhe só! Lá vão as duas Torres marchando de braços dados! Acho que não podem me escutar... – prosseguiu ela, colocando sua cabeça mais perto das peças. – Aliás, tenho quase certeza de que tampouco podem me ver. Tenho a impressão de que fiquei invisível, ao menos para elas.

Nesse momento, alguma coisa começou a guinchar sobre a mesa por trás de Alice, que girou a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos cair de costas e começar a espernear. Ela ficou olhando cheia de curiosidade a fim de ver o que aconteceria a seguir.

– É a voz de minha filha! – gritou a Rainha Branca e correu bem depressa, passando pelo Rei com tanta violência que o jogou no meio das cinzas. – Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial!

Ela começou a subir freneticamente pelo lado do guarda-fogo da lareira.

– Besteira imperial! – resmungou o Rei, esfregando o nariz, que tinha machucado durante a queda. Afinal, ele tinha o direito de ficar um pouco aborrecido com a Rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice ficou muito ansiosa por ajudar e, ao ver que a pequena Lily parecia estar a ponto de ter um ataque de tanto berrar, rapidamente agarrou a Rainha Branca e a colocou sobre a mesa, ao lado de sua pequena filha barulhenta.

A Rainha perdeu a respiração e caiu sentada. A rápida jornada através do ar a tinha deixado completamente sufocada, e por um minuto ou dois ela não conseguiu fazer coisa alguma além de abraçar em silêncio a pequena Lily. Mas, tão logo recuperou parcialmente o fôlego, ela gritou para o Rei Branco, que estava sentado, muito aborrecido, em meio às cinzas:

– Cuidado com o vulcão!

– Mas que vulcão? – indagou o Rei, olhando ansiosamente para as labaredas que crepitavam atrás de si, no centro da lareira, como se considerasse aquele o lugar mais provável para se encontrar um.

– Ele... me... assoprou! – gemeu a Rainha, entrecortadamente, porque ainda não havia recobrado plenamente o controle de sua respiração. – Agora suba com cuidado... pelo caminho normal... e não deixe que o vulcão assopre você também!

Alice ficou observando o Rei Branco, enquanto este se esforçava lentamente para subir pelas travessas horizontais do guarda-fogo, até que, finalmente, disse:

– Ora, desse jeito você vai levar horas e horas para conseguir subir até a mesa. Vai ser muito melhor se eu o ajudar também, não é verdade?

Contudo, o Rei Branco não pareceu sequer ouvir a pergunta. Estava perfeitamente claro que não podia escutá-la nem vê-la. Assim, Alice o apanhou com toda a gentileza e o ergueu mais vagarosamente do que havia feito com a Rainha, esperando, dessa maneira, que ele não perdesse a respiração também. Porém, antes de colocá-lo sobre a mesa, pensou que poderia espaná-lo um pouco, já que estava coberto de cinzas dos pés à cabeça.

Depois que tudo havia passado, ela disse que nunca tinha visto, em toda a sua

vida, uma careta igual à que fez o pobrezinho do Rei Branco, ao descobrir-se agarrado no ar por uma mão invisível, enquanto outra lhe retirava a maior parte do pó que o recobria. Estava tão espantado que sequer conseguia gritar de medo, mas seus olhos e sua boca foram ficando cada vez maiores, cada vez mais redondos, até que a menina começou a rir, e sua mão tremeu tanto com tal riso que ela quase deixou a pobre peça de xadrez cair no chão.

– Oh, por favor, não faça essas caretas tão gozadas, meu querido! – exclamou ela, totalmente esquecida do fato de que o Rei não conseguia escutá-la. – Você está me fazendo rir tanto que quase já não consigo segurá-lo! E não fique com a boca assim tão aberta! Toda essa cinza vai entrar para dentro dela. Pronto, acho que agora você já está bem limpinho... – acrescentou, alisando-lhe os cabelos e colocando-o sobre a mesa, perto da Rainha.

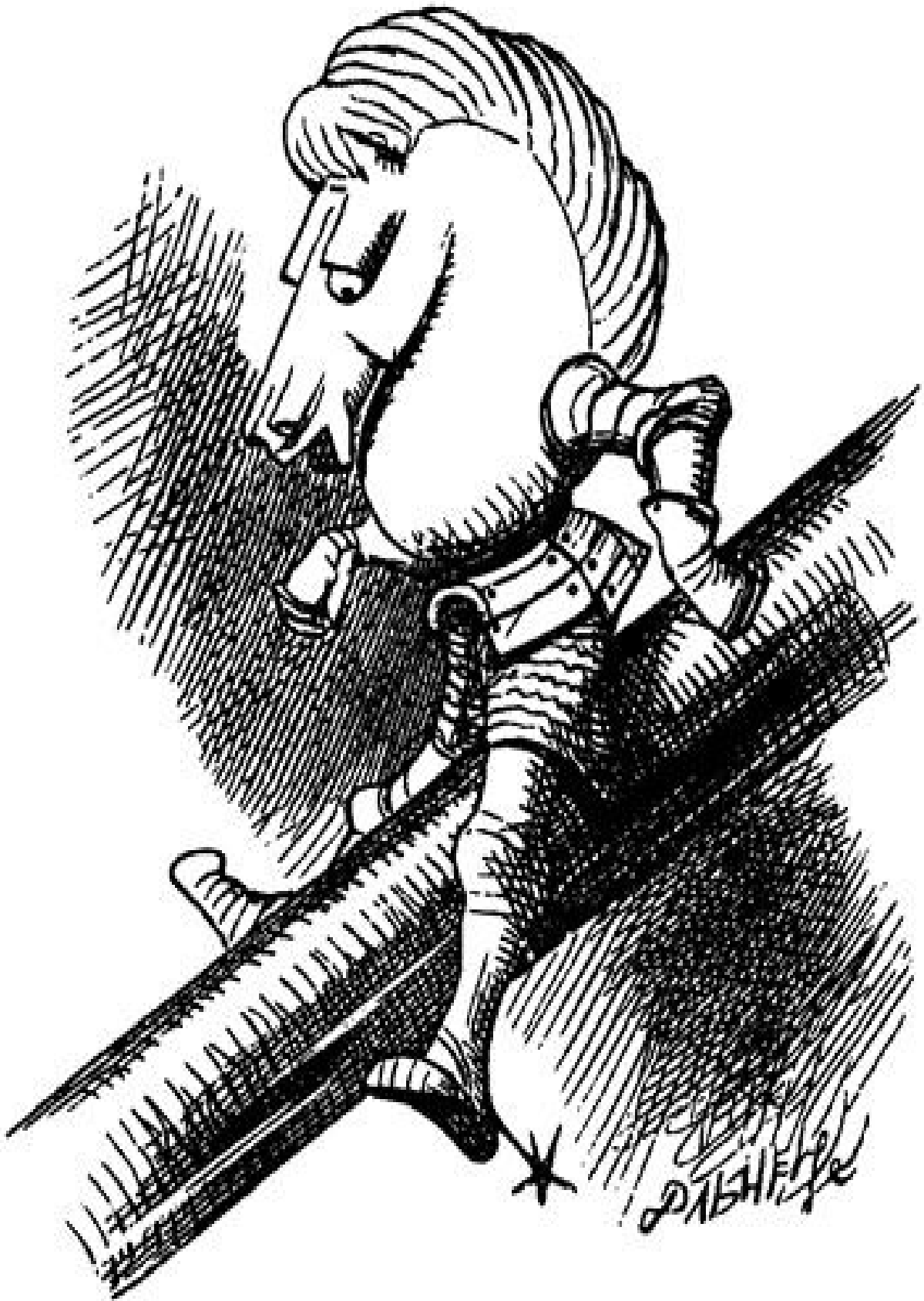
Imediatamente, o Rei caiu de costas e ficou perfeitamente imóvel; Alice estava um pouco alarmada com o que havia feito, começando a dar voltas pela sala, para ver se encontrava um pouco de água para jogar em cima dele. Todavia, a única coisa que conseguiu achar foi um vidro de tinta e quando retornou com ele, descobriu que o Rei Branco já se havia recuperado e que ele e a Rainha estavam conversando juntos em murmúrios assustados – cochichando tão baixinho, de fato, que Alice mal podia escutar o que estavam dizendo.

– Posso lhe jurar, minha querida – dizia o Rei –, que fiquei gelado até a ponta dos fios de minha barba!

– Mas você não usa barba – replicou a Rainha.

– Que horror, que horror! Que susto passei naquele momento! – prosseguiu o Rei. – Eu nunca, jamais, hei de me esquecer!

– Vai esquecer, sim – replicou a Rainha. – A não ser que faça uma anotação bem detalhada em seu Livro de Memorandos.

Alice ficou observando com grande interesse a conversa, enquanto o Rei retirava um enorme livro de memorandos de seu bolso (quer dizer, enorme em relação ao próprio tamanho) e nele começava a escrever. Subitamente, foi acometida de um pensamento malicioso e segurou o cabo do lápis, que era muito comprido para o pequeno Rei Branco e que sobressaía além de seus ombros, começando a escrever na página do livro em vez dele.

O pobre Rei parecia assombrado e muito infeliz, de modo que lutou com o lápis por algum tempo sem proferir palavra; mas Alice era muito forte para ele, que, finalmente, começou a lastimar-se:

– Querida! Eu realmente preciso de um lápis mais fino. Simplesmente não consigo controlar este daqui. Ele escreve sozinho todo o tipo de coisas que eu não pretendia...

– Que tipo de coisas? – falou a Rainha Branca, olhando para a página do livro (em que Alice havia escrito: O Cavaleiro Branco está escorregando pelo atiçador da lareira. Ele está muito mal equilibrado.) – Mas isso não é um memorando dos seus sentimentos!

Havia um livro sobre a mesa, perto de Alice e, enquanto cuidava do Rei (porque ainda estava um pouco ansiosa a seu respeito e conservava o vidro de tinta à mão para jogá-la em cima dele, caso desmaiasse de novo), ela começou a folhear suas páginas a fim de encontrar alguma parte que pudesse ler. – "Está tudo escrito em algum tipo de linguagem que eu não conheço!" – murmurou para si mesma.

O que estava escrito era o seguinte:

O TAGARELÃO

Era o Assador e os Sacalarruigos
Elasticojentos no eirado giravam;
Miserágeis prefluíram os Esfregachugos
E os verdes Porcalhos írcasa arrobiavam.

Ela ficou olhando para o livro por algum tempo, completamente confusa, mas finalmente teve uma ideia brilhante.

– Ora, é um livro do Espelho, naturalmente! Se eu colocar as páginas em frente a um espelho, ou até mesmo diante de um vidro com o fundo escuro, as palavras vão ficar do jeito certo e vai dar para ler perfeitamente.

E foi este o poema que Alice leu:

O TAGARELÃO

Era o Assador e os Sacalarxugos

Elasticojentos no eirado giravam;

Miserágeis perfuram os Esfregachugos

E os verdes Porcalhos ircasa arrobiavam.[4]

“Cuidado, meu filho, com o Tagarelão!

Te morde com a boca e te prende com a garra!

Escapa ao terrível Jujupassarão

E foge ao frumoso e cruel Bandagarra!”

Cingiu à cintura sua espada vorpal

E por longo tempo o manximigo buscou;

Da árvore Tumtum na sombra mortal,

Em cismas imerso afinal descansou.

E assim, ufichado em seu devaneio,

O Tagarelão, com olhos de chama,

Surdiu farejando do bosque no meio:

A gosma supura e a baba derrama!

Um, dois! E dois, um! A lâmina espessa

Cortou navalhando sua espada vorpal!

Deixou-lhe o cadáver e trouxe a cabeça;

Voltou galunfando em triunfo total!

“Pois mataste destarte o Tagarelão?

Vem dar-me um abraço, meu filho valente!

O fragor deste dia! O meu coração

Em êxtase canta loução e contente!”

“Era o Assador e os Sacalarxugos

Elasticojentos no eirado giravam;

Miserágeis perfuram os Esfregachugos

E os verdes Porcalhos ircasa arrobiavam!”

– Parece ser muito bonito – disse ela, quando havia acabado de ler. – Mas é bastante difícil de entender! (Como vocês veem, ela não queria confessar, nem a si mesma, que não conseguia entender patavina!) De algum modo, essa poesia parece encher minha cabeça com ideias novas, só que eu não sei exatamente que ideias são! Entretanto, alguém matou alguma coisa! Isso, pelo menos, está claro!...

Subitamente, Alice levantou-se de um só pulo:

“Oh!”, pensou ela. “Se eu não me apressar, vou ter de voltar através do Espelho antes de poder ver como é o resto da casa! Vamos dar primeiro uma olhadela no jardim!...”

Em um momento, ela havia saído da sala e corria pelas escadas abaixo – quer dizer, não correu exatamente, mas inventou uma nova maneira de descer escadas rápida e facilmente, como explicou a si mesma. A menina simplesmente manteve as pontas dos dedos no corrimão e flutuou gentilmente para o andar térreo, sem ao menos tocar nos degraus com os bicos dos sapatos. Depois, continuou flutuando ao longo do corredor e teria passado pela porta do mesmo jeito, se não tivesse se agarrado firmemente ao marco. Já estava ficando um pouco tonta, depois de flutuar tanto tempo no ar, e ficou bastante contente ao poder caminhar novamente do jeito natural.

[1]. A maior parte dos críticos considera que essa é uma referência ao Dia de Guy Fawkes (1570-1606), conspirador inglês capturado em 1605, depois de uma tentativa de explodir o Parlamento, e queimado na fogueira no ano seguinte. Até hoje é costume na Inglaterra, a 5 de novembro, queimar um boneco de palha com a efígie de Guy Fawkes em uma grande fogueira. (N.T.)

[2]. Embora o processo de limpeza no rosto do gatinho tenha sido descrito como realizado “no princípio da tarde”, Alice se refere a ele como ocorrendo “de manhã”. Ambas as expressões se encontram no original. (N.T.)

[3]. No Brasil, as peças de xadrez em geral são Brancas e Pretas, mas no tabuleiro referido na história as Pretas são substituídas por peças vermelhas. Do mesmo modo, a Rainha costuma ser referida como “Dama”, mas, da maneira como os personagens são tratados, é melhor conservar a denominação inglesa de “Rainha” (Queen). Da mesma forma, os Cavalos são designados, em inglês, como “Cavaleiros” (Knights), e mais adiante a história se refere a eles dessa forma. (N.T.)

[4]. Lewis Carroll inventou uma série de palavras para esta poesia, em uma técnica chamada de nefelibatismo, na qual interessa o som das palavras, e não seu significado. O leitor poderá encontrar a explicação apresentada por Humpty Dumpty sobre a maior parte delas no capítulo VI. As restantes podem ser facilmente entendidas a partir do contexto. O original inglês é o seguinte:

Jabberwocky

– ‘Twas brillig, and the slithy toves / Did gyre and gimble in the wabe / All mimsy were the borogoves / And the mome raths outgrabe. (N.T.)

Capítulo II

O jardim das flores falantes

– Eu poderia ter uma visão muito melhor do jardim – disse Alice a si mesma – se pudesse chegar ao topo daquela colina. Bem, este caminho parece conduzir diretamente a ela – ou, pelo menos... não, me enganei, ele vai para outro lado. (Isso ela falou depois de caminhar alguns metros ao longo da senda e de ter dobrado várias curvas fechadas.) Mas suponho que eventualmente chegue lá... Que engraçado! Como esse caminho parece se retorcer! É mais um saca-rolhas do que uma aleia! Bem, esta volta conduz à colina, suponho eu. Ora, pois não é que vai para outro lado! Por aqui voltarei direto para a casa! Bem, então vou virar e tentar o contrário.

E foi o que ela fez; vagueou para cima e para baixo e experimentou curva após curva, mas, não importa o que fizesse, sempre acabava retornando para a casa. Houve até uma vez em que dobrou uma esquina mais depressa do que as outras e bateu contra a parede, antes de conseguir parar.

– Não adianta falar mais sobre esse assunto – resmungou Alice, olhando para a casa de cima a baixo, com as mãos na cintura e fazendo de conta que estava discutindo com ela. – Eu não pretendo voltar para dentro, por enquanto. Sei muito bem que, se voltar, vou ter de atravessar o Espelho de volta para aquela sala velha – e isso vai ser o final de todas as minhas aventuras!

Assim, ela voltou as costas resolutamente para a casa e recomeçou a trilhar outra aleia com passo firme e decidido, determinada a seguir direto em frente, até atingir a colina. Por alguns minutos, tudo pareceu estar dando certo, e ela já estava murmurando para si mesma: "Desta vez vou conseguir mesmo!", quando o caminho de repente pareceu se retorcer e se sacudir todo (pelo menos foi assim que ela descreveu a sensação mais tarde); no momento seguinte, Alice descobriu que de fato estava caminhando em direção à porta por onde havia saído.

– Ah, mas que coisa bem triste! – gritou ela, cheia de raiva. – Eu nunca encontrei antes uma casa que se enfiasse assim no caminho da gente! Nunca, nunca mesmo!

Todavia, lá estava de novo a colina bem diante de seus olhos, de modo que a única coisa que ela poderia fazer era retomar a caminhada. No entanto, dessa vez, ela passou por um enorme canteiro de flores com as beiradas formadas por um círculo de margaridas e um salgueiro crescendo bem no meio.

– Lírio-tigrino – falou Alice, dirigindo-se a uma flor situada mais no meio do canteiro, que se sobressaía às margaridas e balouçava graciosamente no vento. – Eu queria tanto que você soubesse falar!

– Mas eu falo – disse o Lírio-tigrino. – Todas as flores podem falar, desde que haja alguma pessoa com quem valha a pena conversar.

Alice ficou tão surpreendida que, por um minuto, não conseguiu pronunciar uma só palavra. Parecia que tinha corrido muito e ficado sem fôlego. Finalmente, ao perceber que o Lírio-tigrino apenas continuava balançando gentilmente na brisa, sem dizer mais nada, ela falou de novo, com a voz cheia de timidez, quase em um sussurro:

– Todas as flores sabem falar?

– Tão bem quanto você – disse o Lírio-tigrino. – E podemos falar muito mais

alto.

– Só que não é de bom-tom que nós mesmas iniciemos uma conversação, você sabe – disse uma Roseira. – Eu realmente estava imaginando quando você iria começar a falar! Estava dizendo a mim mesma: “A expressão de seu rosto parece apresentar alguma forma de raciocínio, embora você não aparente ser lá muito esperta!”. Mesmo assim, sua face tem a cor adequada, e isso já é bastante importante!

– Eu não estou me importando com a cor de sua pele – observou o Lírio-tigrino. – Se ao menos as suas pétalas fossem um pouco mais curvas, ela ficaria bastante bem.

Alice não gostava de ser criticada, então começou a fazer perguntas:

– Algumas vezes vocês não ficam com medo de estarem plantadas sozinhas aqui fora, sem ninguém para tomar conta de vocês?

– Ora, pois não existe a árvore no meio do canteiro? – disse a Roseira. – Para que mais você acha que ela serve?

– Mas o que a árvore poderia fazer se houvesse algum perigo? – indagou Alice.

– Ela poderia latir – disse a Roseira.

– Ela grita “pau-uau-auau”! – disse uma Margarida. – É por isso que os seus galhos são feitos de pau!...

– Você não sabia disso? – troçou outra Margarida. E todas elas começaram a rir e a gritar ao mesmo tempo, até que o ar parecia completamente cheio de pequeninas vozes agudas.

– Façam silêncio, todas vocês! – gritou o Lírio-tigrino, sacudindo-se violentamente de um lado para o outro e tremendo de excitação. – Elas sabem que eu não posso sair daqui e bater nelas! – ofegou, inclinando sua cabeça trêmula para Alice. – Se não fosse isso, não teriam a ousadia de gritar tanto na minha presença!

– Ora, não se preocupe!... – respondeu Alice, em um tom tranquilizador, e então inclinou-se em direção às margaridas, que estavam recomeçando a algazarra, e

sussurrou: – Se vocês não aprenderem a controlar as línguas, vou colher vocês todas e fazer um buquê!

No mesmo momento, estabeleceu-se um silêncio completo, e diversas margaridinhas rosadas ficaram completamente brancas, tal como as outras.

– É assim que se fala! – disse o Lírio-tigrino. – As margaridas são justamente as flores mais mal-educadas. Quando uma fala, todas começam a gritar ao mesmo tempo, e isso é suficiente para fazer qualquer um murchar!

– Como é que vocês todas conseguem falar tão bem? – disse Alice, tentando melhorar o humor do Lírio-tigrino com o elogio. – Eu já estive antes em muitos jardins, mas nenhuma das flores sabia falar.

– Coloque a mão no chão e apalpe a terra – disse o Lírio-tigrino. – Aí você vai saber por que nós falamos tão bem.

Alice obedeceu.

– Mas que chão bem duro! – disse ela. – Só não sei o que isso tem a ver.

– Na maioria dos jardins – respondeu o Lírio-tigrino – eles deixam a terra dos canteiros tão fofa que as flores dormem o tempo todo.

Essa pareceu ser uma razão muito boa, e Alice ficou muito satisfeita de sabê-la.

– Imagine só! Eu nunca havia pensado nisso antes! – falou.

– Na minha opinião – disse a Rosa, em um tom muito severo – você nunca pensou em nada!

– Eu também acho. Nunca vi alguém com um aspecto tão estúpido – falou uma Violeta, tão subitamente que Alice deu um pulo de susto, pois a florzinha não tinha participado da conversa até então.

– Morda essa língua, atrevida! – exclamou o Lírio-tigrino. – E quando é que você viu alguém antes! Fica o tempo todo com a cabecinha escondida embaixo das folhas e ronca o dia inteiro, nem sabe do que se passa no mundo. É como se fosse um botão e ainda não tivesse desabrochado!

– Existem outras pessoas no jardim além de mim? – perguntou Alice, preferindo não dar atenção ao último comentário insolente da Rosa.

– Há uma outra flor no jardim que consegue andar por aí tal como você – disse a Rosa. – Fico só imaginando como é que vocês conseguem.

– Você está sempre imaginando uma coisa ou outra – comentou o Lírio-tigrino.

– A outra flor tem mais folhas do que você – prosseguiu a Rosa, sem se abalar.

– Ela é parecida comigo? – indagou Alice, ansiosamente, porque um pensamento cruzou-lhe a mente. – Existe outra meninazinha no jardim, em algum lugar!

– Bem, ela tem esse mesmo formato desajeitado que você tem – declarou a Rosa –, mas é mais vermelha, e suas pétalas são mais curtas, creio eu.

– Suas pétalas são penteadas bem juntas, bem apertadas, quase como as pétalas de uma dália – interrompeu o Lírio-tigrino. – Não ficam soltas e despenteadas como as suas.

– Bem, mas isso não é culpa sua – aduziu a Rosa, com bondade. – É que você já está começando a desbotar e vai murchar logo. Ninguém pode impedir que as pétalas fiquem frouxas e fora do lugar antes de começarem a cair.

Alice não gostou nem um pouquinho dessa ideia. Então, a fim de mudar de assunto, perguntou:

– E ela costuma vir até este canteiro?

– Ouso dizer que em breve vocês duas se encontrarão – disse a Rosa. – Ela é do tipo espinhento, que tem um monte de espinhos, você sabe.

– E onde ela usa os espinhos? – perguntou Alice, com alguma curiosidade.

– Ora, ao redor de sua cabeça, naturalmente – replicou a Rosa. – Eu estava imaginando por que você não tinha alguns em sua cabeça. Pensei que fosse a regra da sua espécie.

– Ela está chegando! – gritou uma Esporinha. – Estou escutando os passos dela ao longo do caminho. Ela faz tum-tum no cascalho, entre os canteiros!

Alice olhou ao redor ansiosamente e descobriu que era a Rainha Vermelha.

– Mas como ela cresceu! – foi sua primeira observação. E, de fato, ela havia crescido muito. Da primeira vez que Alice a encontrara, passeando nas cinzas da lareira, ela tinha somente uns sete ou oito centímetros – e eis que agora ela se aproximava e tinha pelo menos dez centímetros a mais de altura do que a própria Alice!

– É o ar puro que faz crescer – disse a Rosa. – O ar deste jardim é maravilhoso, extremamente fresco e puro.

– Acho que eu vou até onde ela está, para cumprimentá-la – falou Alice, pois, embora as flores fossem bastante interessantes, ela achou que seria muito mais elegante manter uma conversa com uma verdadeira Rainha.

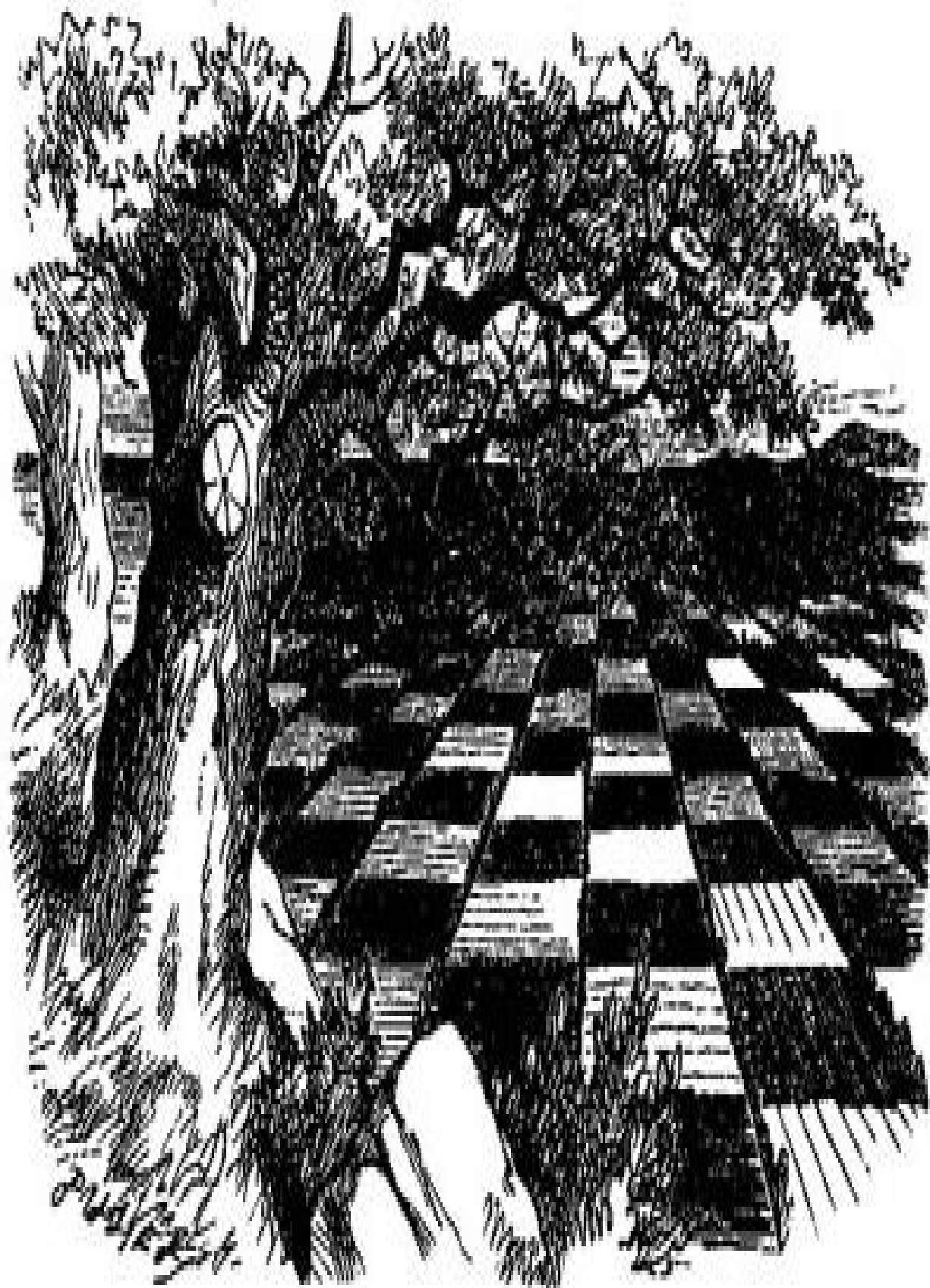
– Mas é impossível você fazer isso – disse a Roseira. – O meu conselho é que você caminhe justamente na direção oposta.

Isso pareceu absurdo para a menina, e, assim, ela não disse nada, mas começou de imediato a caminhar na direção da Rainha Vermelha. Para sua enorme surpresa, em um momento perdeu-a de vista e percebeu que estava caminhando de novo em direção à porta da casa.

Sentindo-se um pouco irritada, ela interrompeu a marcha e começou a olhar para todos os lados em busca da Rainha (e finalmente conseguiu descobri-la, só que a uma grande distância). Então, pensou que, ao menos uma vez, poderia experimentar a sugestão da Rosa, isto é, caminhar na direção oposta, só para ver o que acontecia.

O plano teve o maior dos sucessos. Ela mal tinha andado um minuto, quando descobriu que estava face a face com a Rainha Vermelha e igualmente bem pertinho da colina que havia tentado atingir durante tanto tempo.

– De onde você vem? – quis saber a Rainha Vermelha. – E aonde pensa que vai? Levante os olhos, fale com educação e não fique girando os polegares o tempo todo!

Alice prontamente obedeceu a todas estas instruções e explicou da melhor forma possível que tinha perdido o seu caminho.

– Não sei o que você pretende dizer com seu caminho – retorquiu a Rainha. – Todos os caminhos por aqui pertencem a mim. Mas por que você resolveu aparecer por aqui? – acrescentou ela, com um pouco mais de gentileza na voz. – Vamos lá, faça-me uma vênia e uma curvatura enquanto pensa no que vai dizer. Assim, não perdemos tempo.

Alice ficou um pouco atrapalhada com tudo aquilo, mas sentia uma admiração grande demais pela Rainha para pôr em dúvida o que ela havia dito.

“Acho que vou experimentar fazer umas mesuras e umas curvaturas quando chegar em casa”, pensou ela, “na próxima vez em que me atrasar um pouco para o jantar.”

– Pronto, já é hora de você me responder – disse a Rainha olhando para o relógio. – Abra sua boca um pouco mais quando falar e sempre se dirija a mim com a introdução costumeira: “Vossa Majestade”.

– Eu só queria ver como era o jardim, Majestade... Vossa Majestade...

– Está tudo bem – disse a Rainha, dando-lhe uns tapinhas delicados na cabeça, coisa de que Alice não gostou nada, mesmo que fossem tapinhas leves. – Mas quando você me fala em “jardim”... Ora, eu mesma já vi uma porção de jardins; comparado com os quais este aqui mais parece um deserto.

Alice não tentou discutir a assertiva real, mas prosseguiu:

– ... e então eu pensei que encontraria meu caminho até o alto daquela colina...

– Quando você fala em “colina” – interrompeu a Rainha Vermelha –, eu poderia mostrar-lhe colinas em comparação com as quais você chamaria esta colina de vale.

– Ah, não, eu não chamaria – disse Alice, surpresa de estar finalmente contrariando sua formidável interlocutora. – Uma colina não pode ser um vale, Vossa Majestade sabe. Isso seria um absurdo...

A Rainha Vermelha sacudiu a cabeça.

– Você pode chamar isso de “absurdo”, se quiser – disse ela. – Porém, já escutei

absurdos tais que, comparados com eles, essa afirmação seria tão sensata como as explicações contidas em um dicionário!

Alice fez uma nova mesura, pois havia escutado o tom de voz da Rainha e tinha medo de que ela estivesse um pouco ofendida. Assim, ambas caminharam em silêncio, até que chegaram ao topo da pequena colina.

Por alguns minutos, Alice ficou ali parada, sem dizer uma só palavra, olhando em todas as direções daquele país – que era mesmo um país muito curioso. Havia uma porção de minúsculos regatos que corriam em linhas perfeitamente retas, de um lado para outro, e que cortavam o terreno transversalmente, em porções regulares. Estas, por sua vez, eram divididas por um grande número de pequenas sebes verdes, que iam de um regato até o outro e formavam pequenos quadrados como se fossem uma toalha de restaurante.

– Mas esse campo está dividido perfeitamente, tal qual um grande tabuleiro de xadrez! – afirmou Alice, finalmente. – Só que deveria haver algumas peças a se movimentar sobre os quadrados. Mas olhe só, existem mesmo algumas! – acrescentou, com a voz cheia de prazer, e seu coração começou a bater rapidamente com a excitação, enquanto ela prosseguia. – Mas é um grande jogo, um imenso jogo de xadrez que está sendo jogado – cobrindo o mundo inteiro. Quer dizer, se é que isto aqui é um mundo, afinal de contas. Ah, mas que coisa mais divertida! Como eu gostaria de ser uma das peças do jogo! Não me importaria em ser apenas um Peão, desde que pudesse entrar na brincadeira... Embora, é claro, fosse muito melhor se eu pudesse ser... Bem, gostaria de ser uma Rainha. Seria muito mais divertido.

Ela olhou muito timidamente para a Rainha verdadeira enquanto dizia isso, mas sua companheira simplesmente dirigiu-lhe um sorriso agradável e disse:

– Mas isso é fácil de conseguir. Você pode ser o Peão da Rainha Branca, se quiser, porque Lily é pequena demais para jogar. Para começar, você já sai da Segunda Casa e, quando conseguir chegar na Oitava Casa, se torna Rainha também...

Justamente nesse momento, sem que Alice percebesse como nem por que, as duas começaram a correr de mãos dadas.

Alice nunca pôde recordar inteiramente, ao pensar de novo sobre o episódio, a maneira ou o motivo por que começaram a correr: tudo de que se lembra é que

estavam correndo de mãos dadas e que a Rainha corria tão depressa que o máximo que a menina conseguia fazer era acompanhá-la.

Entretanto, a Rainha Vermelha continuava a incitá-la:

– Mais depressa! Mais depressa! – mas Alice sentia que simplesmente não podia correr mais rápido, embora já não tivesse mais fôlego para reclamar ou dizer qualquer outra coisa.

O mais curioso de tudo, entretanto, era que as árvores e os outros objetos ao redor delas pareciam não mudar absolutamente de lugar. Por mais rápido que elas corressem, não conseguiam deixar nada para trás. “Será que todas as coisas estão correndo junto conosco?”, pensou a pobre Alice, no maior dos espantos. E a Rainha Vermelha pareceu adivinhar seus pensamentos, porque gritou:

– Mais depressa! Nem tente falar!

Mesmo porque Alice não tinha a menor intenção de iniciar uma conversa. Ela tinha a impressão de que nunca mais iria poder falar, uma vez que havia perdido completamente a respiração. Ainda assim, a Rainha gritava:

– Mais depressa! Mais depressa! – e arrastava consigo a pobre menina. Finalmente, Alice conseguiu perguntar, no intervalo entre dois ofegos:

– Já estamos perto de lá?

– Perto de lá? – repetiu a Rainha. – Ora, nós já passamos por lá há dez minutos! Mais depressa!

Elas continuaram a correr sempre em frente, em completo silêncio, só percebendo que o tempo passava porque o vento zunia nas orelhas de Alice e ela tinha a impressão de que iria arrancar-lhe os cabelos da cabeça.

– Agora! Agora! – gritou a Rainha Vermelha. – Mais depressa! Mais depressa!

E elas correram tão ligeiro que, finalmente, parecia que estavam flutuando no ar, mal tocando o solo com a ponta dos pés, até que, de repente, quando Alice estava ficando completamente exausta, elas pararam e a menina se encontrou sentada no chão, completamente tonta e sem respiração.

A Rainha puxou-a até apoiar-lhe as costas contra o tronco de uma árvore e disse gentilmente:

– Você pode descansar um pouco agora.

Alice lançou um olhar ao redor, muito surpresa.

– Ora, mas eu tenho certeza de que estivemos embaixo desta árvore o tempo todo! Todas as coisas estão justamente como eram antes!

– Mas é claro que estão – disse a Rainha. – De que jeito você queria que estivessem?

– Bem, em nosso país, Vossa Majestade – disse Alice, ainda resfolegando um pouco –, em geral a gente chega em um lugar diferente. Quer dizer, quando se corre assim tão depressa como nós corremos.

– Mas que país lento, esse de onde você veio! – comentou a Rainha, com um certo desprezo. Mas por aqui, é como você vê. É necessário correr e mais correr, com o máximo de velocidade, somente para permanecer no mesmo lugar. Se você quiser chegar a algum outro ponto, deverá correr pelo menos com o dobro da velocidade!

– Prefiro não tentar, por favor! – disse Alice. – Estou totalmente satisfeita por ficar sentada aqui mesmo. O único problema é que estou com tanto calor e tanta sede!

– Eu sei do que você gostaria! – disse a Rainha, cheia de boa vontade, tirando uma caixinha de dentro de seu bolso. – Quer comer um biscoito?

Alice pensou que não seria muito educado dizer que não, se bem que um biscoito seco fosse a última coisa que ela realmente quisesse. Assim, ela o aceitou e o comeu da melhor forma que pôde; de fato, era muito seco, e ela pensou que nunca tinha ficado tão engasgada em toda a sua vida.

– Enquanto você fica sentadinha aí, se refrescando – disse a Rainha –, vou começar a tirar as medidas.

Ela retirou uma fita métrica de dentro do bolso, dividida em jardas e polegadas, e começou a medir o solo, cravando umas varinhas aqui e ali.

– Ao final de duas jardas – disse ela, cravando outra varinha no chão, para marcar a distância –, eu lhe darei instruções e lhe mostrarei aonde deve ir. Quer comer outro biscoito?

– Não, obrigada, Vossa Majestade – disse Alice. – Um foi mais do que suficiente!

– Ah, já matou a sede, assim espero? – disse a Rainha.

Alice não sabia exatamente como responder, nem se essa era exatamente uma pergunta, mas, por sorte, a Rainha não esperou por uma resposta. Prosseguiu:

– Ao final de três jardas, vou repetir as instruções; senão, você pode esquecê-las. No fim de quatro jardas, vou dar-lhe adeus. Depois de cinco, vou embora!

A essa altura, ela havia cravado no chão todas as varinhas que pretendia, e Alice ficou olhando, com grande interesse, enquanto ela retornava até a árvore e depois começava a caminhar lentamente, ao longo da fileira de pauzinhos.

Quando ela chegou na varinha que marcava as duas jardas, girou sobre si mesma e disse:

– Um Peão tem o direito de avançar duas casas em seu primeiro movimento, você sabe. Assim, você irá passar muito rapidamente através da Terceira Casa – de fato, você vai de trem, creio eu. Em um abrir e fechar de olhos, você se encontrará na Quarta Casa. Bem, essa casa pertence a Tweedledum e Tweedledee; a Quinta é coberta quase toda de água; a Sexta pertence a Humpty Dumpty. Mas você não vai fazer nenhum comentário?

– Eu... eu não sabia que tinha de fazer algum... por enquanto... Vossa Majestade... – balbuciou Alice e depois se interrompeu, realmente sem saber o que dizer.

– Você deveria ter dito – prosseguiu a Rainha, com um ar de grave reprovação – qualquer coisa como: "É extremamente gentil da parte de Vossa Majestade me contar tudo isso". Todavia, vamos supor que você o tenha dito. A Sétima Casa é uma grande floresta. Mas um dos Cavaleiros irá aparecer e lhe mostrará o caminho. E, quando você chegar à Oitava Casa, nós seremos Rainhas juntas, daremos um banquete e nos divertiremos bastante!

Nesse ponto, Alice se levantou e fez uma nova curvatura perante a Rainha Vermelha, mas depois sentou-se de novo.

Na varinha seguinte, a Rainha girou nos calcanhares de novo e, dessa vez, ela disse:

– Fale em francês quando não conseguir pensar em nada para dizer em português, isso é muito importante. Caminhe com os pés virados para a frente sempre que tiver de andar. Não entorte os polegares para dentro! E lembre-se o tempo todo de quem você é!...

Ela não esperou que Alice fizesse nova vênia dessa vez, mas caminhou rapidamente até a próxima varinha, voltou-se, por um momento, para dizer "Adeus!", e então foi bem depressa até a derradeira marca.

Alice nunca soube explicar como aconteceu, mas exatamente no instante em que a Rainha chegou à última varinha, ela foi embora. Se sua companheira desapareceu no ar ou se correu tão depressa que se enfiou no bosque sem que a menina conseguisse acompanhá-la com o olhar (afinal, ela conseguia correr muito depressa! – pensou Alice), não havia maneira de adivinhar, mas o fato é que ela foi embora e Alice lembrou-se subitamente de que agora era um Peão e que, em breve, iria chegar a hora em que ela deveria executar seu primeiro

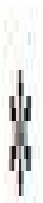
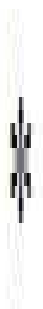
movimento.

Capítulo III

Os insetos no País do Espelho

É claro que a primeira coisa a fazer era inspecionar minuciosamente a região que iria atravessar. "Vai ser algo parecido com aprender Geografia", pensou Alice, parada na ponta dos pés no alto da colina, na esperança de enxergar um pouquinho mais longe. "Vamos ver: primeiro os rios principais – não tem nenhum. Montanhas principais: estou na única elevação que poderia ser chamada de montanha, mas acho que ela nem tem nome. Cidades principais... Ora, o que são aquelas criaturas que estão fazendo mel lá embaixo? Não podem ser abelhas – ninguém jamais conseguiu ver abelhas a um quilômetro e meio de distância, você sabe..." – e durante algum tempo ela permaneceu silenciosa, olhando uma delas que parecia muito ocupada no meio das flores, enfiando sua probóscide dentro delas. "Está se portando como uma abelha normal", pensou Alice.

Entretanto, o animal poderia ser qualquer coisa, menos uma abelha normal. De fato, era um elefante. Alice logo descobriu isso, embora a ideia a princípio a tivesse feito prender a respiração.

– Mas essas flores devem ser imensas! – foi sua próxima ideia. – Devem ser do tamanho de cabanas, sem o telhado de colmo, mas com talos imensos que vão até o solo – e que imensas quantidades de mel elas devem produzir! Acho que vou descer e... não, por enquanto ainda não vou – ela continuou, falando com seus botões e vencendo o impulso de descer correndo a colina, ao mesmo tempo em que tentava descobrir alguma desculpa para sua súbita timidez.

– Ah, mas não vai dar certo! Eu não posso descer e ir me metendo no meio deles sem um galho forte e comprido para espantá-los e mantê-los a distância. Acho que vai ser muito divertido quando eu voltar para casa e me perguntarem o que achei do passeio. Responderei: "Oh, gostei bastante, achei muito divertido..." (aqui ela fez um de seus gestos favoritos, sacudir a cabeça e jogar os cabelos para trás) "...só que estava muito quente, e o caminho era bastante empoeirado...

além disso, os elefantes ficaram mexendo comigo!”.

Depois de uma pausa, ela prosseguiu:

– Acho mesmo que vou é descer pelo outro lado. Talvez eu possa visitar os elefantes mais tarde. Além disso, o que quero mesmo é chegar à Terceira Casa!

Assim, com essa desculpa servindo tão bem quanto qualquer outra, ela correu colina abaixo e pulou sobre o primeiro dos seis regatos.

– Passagens, por favor! – disse o Cobrador, enfiando sua cabeça pela janela. E logo todos os passageiros estavam apresentando seus bilhetes: eram muito grandes, aproximadamente do mesmo tamanho das pessoas, e pareciam encher totalmente o vagão.

– Vamos lá! Mostre sua passagem, criança! – prosseguiu o Cobrador, olhando para Alice com uma expressão zangada. De repente, um grande número de vozes começou a falar ao mesmo tempo ("como se fosse o coro de uma canção", pensou Alice).

– Não o deixe esperando, criança! Ora, seu tempo vale mil libras por minuto!

– Sinto muito, senhor, mas acho que não tenho passagem – disse Alice, bastante assustada. – Não havia um guichê de venda de passagens no lugar de onde vim.

De novo o coro de vozes proclamou:

– Não havia lugar para construir uma estação ferroviária no lugar de onde ela veio. A terra de lá vale mil libras por polegada quadrada!

– Não me venha com desculpas – disse o Cobrador. – Você deveria então ter comprado seu bilhete do maquinista.

E mais uma vez o coro de vozes estrugiu, proclamando:

– O homem que dirige a locomotiva. Ora, somente a fumaça que sai pela chaminé vale mil libras por baforada!

Alice pensou consigo mesma: "Ora, se é assim, nem vale a pena falar".

Dessa vez, as vozes não ribombaram suas proclamações, visto que ela não havia falado em voz alta; porém, para sua grande surpresa, todas as criaturas pensaram em coro (espero que você entenda o que significa pensar em coro – porque devo confessar que eu mesmo não sei): "Melhor não dizer coisa alguma. A linguagem vale mil libras por palavra!".

Durante todo esse episódio, o Cobrador olhava para ela, primeiro através de um telescópio, depois por meio de um microscópio e, então, com um binóculo de teatro. Finalmente, ele disse:

–Você está viajando na direção errada.

Depois disso, simplesmente fechou a janela e foi embora.

– Uma criança tão jovem – disse o cavalheiro que estava sentado bem à frente dela (ele estava vestido de papel branco dos pés à cabeça) – deveria saber ao menos para onde está indo, mesmo que não saiba dizer seu próprio nome!

Um Bode, que estava sentado ao lado do cavalheiro vestido de papel branco, fechou os olhos e disse em uma voz muito alta:

– Ela deveria saber o caminho até o guichê de venda de passagens, mesmo que não tivesse ainda decorado o alfabeto!

Havia um Escaravelho sentado ao lado do Bode (o vagão estava completamente cheio com os mais estranhos passageiros), e, como a regra parecia indicar que cada um devia falar por sua vez, ele retomou a peroração:

– A partir daqui ela terá de seguir como bagagem!

Alice não conseguia ver quem estava sentado ao lado do Escaravelho, mas uma voz rouca falou a seguir:

– Troquem de locomotiva!... – mas pareceu engasgar-se e teve de parar.

“Engraçado”, pensou Alice consigo mesma, “parece a voz de um cavalo”.

Nesse mesmo momento, uma vozinha extremamente baixa falou perto de seu ouvido:

– Você poderia até fazer uma brincadeira com isso: um cavalo rouco, por exemplo.

Então, uma voz muito gentil, a distância, falou:

– Ela deveria ser rotulada: “Garota – transportar com cuidado!”. Vocês não

acham...?

Depois disso, uma porção de outras vozes foi falando, cada uma por sua vez. (“Mas quanta gente está viajando neste mesmo vagão!”, pensou Alice). As vozes faziam uma série de sugestões: “Ela deve ir pelo correio, com os selos colados na cabeça!”; “Ela deve ser enviada como uma mensagem pelo telégrafo!”; “Ela deve pagar a passagem dirigindo o trem até o fim da viagem!”; e assim por diante.

Contudo, o cavalheiro vestido de papel branco inclinou-se para a frente e murmurou em seu ouvido:

– Não dê a menor importância ao que eles dizem, minha querida; mas compre uma passagem de volta cada vez que o trem parar.

– Mas é claro que eu não vou fazer isso! – protestou Alice, cheia de impaciência. – Na verdade, não tenho a menor razão para estar dentro deste trem ou fazendo esta viagem! Há alguns minutos, estava no meio de uma floresta, e gostaria de poder voltar para lá!

– Você poderia fazer uma piada com isso! – disse a vozinha que estava junto a seu ouvido. – Alguma coisa no estilo de “você iria, mas não podia”, “você queria a floresta, mas a floresta não a queria” , alguma coisa parecida com isso, entende?

– Não fique me incomodando com besteiras – disse Alice, olhando ao redor para ver de onde vinha a vozinha, mas sem obter o menor resultado. – Se está tão ansiosa por uma piada, por que você mesma não inventa uma?

A vozinha soltou um profundo suspiro: estava muito infeliz, evidentemente; e Alice teria dito alguma coisa bondosa a fim de confortá-la (“se ao menos ela suspirasse como as outras pessoas”, pensou). No entanto, acontece que o seu suspiro era tão maravilhosamente débil que ela não o teria escutado se não tivesse sido proferido tão pertinho de seu ouvido. Consequentemente, ela apenas sentiu cócegas na orelha, e isso afastou completamente seus pensamentos da infelicidade da pobre criaturinha.

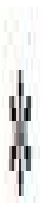
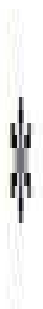
– Eu sei que você é minha amiga – prosseguiu a vozinha –, uma cara amiga, uma velha amiga. Sei também que você não vai me machucar, embora eu seja um inseto.

– Mas que tipo de inseto você é? – indagou Alice, com uma certa ansiedade. O que ela realmente queria saber era se ele picava ou não, mas achou que tal pergunta, feita diretamente, não revelaria uma boa educação.

– O quê? Mas então quer dizer que você não... – começou de novo a vozinha, quando foi totalmente apagada por um apito agudo que partia da locomotiva, fazendo todos pularem de seus assentos, alarmados, Alice entre eles.

O Cavalo, que tinha posto a cabeça para fora da janela, voltou tranquilamente para dentro e disse:

– É somente um regato sobre o qual o trem vai saltar.

Todos pareceram satisfeitos com essa explicação, embora Alice sentisse um certo nervosismo perante a ideia de que trens pudessem saltar por cima de qualquer coisa. (“Todavia, se ele cruzar um regato, isso significa que vamos passar para a Quarta Casa, o que me serve de algum conforto!”, disse a si mesma.) E, no momento seguinte, ela sentiu o vagão dar um pulo e erguer-se completamente no ar. Em seu pavor, ela agarrou-se à coisa mais próxima que encontrou, que por acaso era a barbicha do Bode.

Entretanto, a barbicha pareceu derreter-se no momento em que ela a tocou, e Alice descobriu que estava sentada calmamente embaixo de uma árvore, enquanto o Mosquito (que era o inseto com quem ela havia conversado) estava equilibrado em um raminho logo acima de sua cabeça e a abanava com suas asas.

Certamente era um Mosquito muito grande. Era mais ou menos do tamanho de uma galinha, segundo Alice pensou. Mesmo assim, ela não se sentiu nervosa ao lado dele, tampouco achou que representasse qualquer ameaça, depois de terem conversado por tanto tempo.

– ...quer dizer que você não gosta de todos os insetos? – prosseguiu o Mosquito, com uma voz normal, tão tranquilamente como se nada tivesse acontecido.

– Gosto dos insetos que sabem falar – disse Alice. – Nenhum deles jamais falou, no lugar de onde eu venho.

– Que tipo de insetos lhe causam o maior regozijo no lugar de onde você vem? – quis saber o Mosquito.

– Ora, eu não me regozijo com inseto algum – explicou Alice –, porque, para falar a verdade, tenho muito medo deles. Pelo menos, tenho medo dos insetos maiores. Mas posso lhe dizer os nomes de alguns dos que conheço.

– E, naturalmente, eles atendem quando alguém chama seus nomes? – inquiriu o Mosquito, despreocupadamente.

– Bem, eu nunca vi um inseto atender quando era chamado.

– E para que serve ter nomes – observou o Mosquito –, se eles não respondem quando alguém chama por eles?

– Bem, pode não ser útil para eles – falou Alice. – Mas acho que é muito útil para as pessoas que lhes põem os nomes, suponho. Se não fosse por isso, para que as coisas teriam nomes?

– Eu é que não sei dizer – replicou o Mosquito. – Lá adiante, na floresta, eles não têm nome algum. Mas isso não tem importância. Prossiga com sua lista de insetos: você está perdendo tempo.

– Bem, primeiro tem a Mutuca, que também chamam de Mosca-de-Cavalo – iniciou Alice, começando a marcar os nomes nos dedos.

– Tudo bem – disse o Mosquito. – Mais ou menos pela metade daquele arbusto, logo ali adiante, você verá uma Mosca-de-Cavalo-de-Balanço, se procurar com cuidado. Ela é feita inteiramente de madeira e se movimenta balançando-se de galho em galho.

– E o que ela come? – perguntou Alice, com grande curiosidade.

– Seiva das árvores e serragem de madeira – disse o Mosquito. – Continue com a lista.

Alice olhou para a Mosca-de-Cavalo-de-Balanço com grande interesse e, dentro de sua cabeça, resolveu que ela tinha sido recém-pintada, porque brilhava muito, dando a impressão de que a tinta nela ainda estava meio grudenta. Depois, continuou:

– Bem, existe a Libélula, que também chamam de Mosca-Dragão.

– Olhe para o galho acima de sua cabeça – disse o Mosquito – e você encontrará uma Mosca-Dragão-de-Doce. Seu corpo é feito de pudim de ameixa; suas asas, de folhas de azevinho; e sua cabeça é uma passa de uva queimando em licor.

– E do que ela vive? – perguntou Alice, como fizera antes.

– De manjar de leite e pastelão de guisado – replicou o Mosquito. – Ela faz seu ninho dentro de caixas de presentes de Natal.

– Depois, temos a Borboleta, que chamam também de Mosca-Manteiga – prosseguiu Alice, após ter dado uma boa olhadela no estranho inseto que caminhava tranquilamente, soltando fumaça de sua cabeça em chamas... e haver pensado: “Deve ser por isso que os insetos gostam tanto de se jogar na chama de uma vela – decerto querem virar Moscas Dragão-de-Doce também!”.

– Arrastando-se a seus pés – disse o Mosquito (Alice puxou os pés para trás, tomada de um certo alarme) –, você pode observar uma Mosca-Pão-com-Manteiga. Suas asas são fatias finas de pão e manteiga, naturalmente, seu corpo é uma ponta de uma bisnaga de pão, só a casca, sem miolo, e sua cabeça é um torrão de açúcar.

– E o que esse bicho come?

– Ele toma chá com um pouco de creme, naturalmente. Mas tem de ser chá fraco.

Uma nova dificuldade surgiu na cabeça de Alice:

– Suponhamos que ele não consiga encontrar chá com creme? – sugeriu. – O que acontece nesse caso?

– Ele morre, naturalmente.

– Mas isso deve acontecer com muita frequência – observou Alice, pensativamente.

– Acontece o tempo todo – concordou o Mosquito.

Depois disso, Alice ficou em silêncio por um minuto ou dois, ponderando. Enquanto pensava, o Mosquito ficou se divertindo sozinho, zunindo ao redor de sua cabeça. Finalmente, ele pousou de novo e fez uma observação:

– Suponho que você não queira perder seu nome?

– Naturalmente que não – respondeu Alice, com uma certa ansiedade.

– E mesmo assim, eu não sei – prosseguiu o Mosquito, em um tom despreocupado. – Pense como seria conveniente que você pudesse deixar seu nome por aqui e voltar para casa sem ele! Por exemplo, quando a governanta achasse que estava na hora de interromper seus brinquedos e chamasse para fazer as lições, ela diria: “Venha cá...?”, e então teria de deixar a ordem pela metade, porque não haveria nenhum nome pelo qual pudesse chamar; naturalmente, então, você não teria de ir e poderia continuar brincando, sabe?

– Ah, mas não ia adiantar nada, tenho certeza – disse Alice. – A governanta nunca, jamais me liberaria das lições só por isso. Se ela não pudesse lembrar o meu nome, simplesmente me chamaria de “senhorita!”, como os criados fazem.

– Bem, se ela dissesse apenas “senhorita” e nada mais – observou o Mosquito –, você teria perdido o nome e naturalmente poderia perder também as lições. Isso é uma piada, mas eu preferiria que você a tivesse soltado.

– E por que você queria que eu tivesse soltado essa piada? – perguntou Alice. – É uma piada muito sem graça.

Mas o Mosquito apenas suspirou profundamente, enquanto duas lágrimas grossas rolavam por suas bochechas magras.

– Você não deveria fazer brincadeiras – falou Alice –, se elas o deixam assim tão triste.

Então veio outro daqueles pequenos suspiros melancólicos, e dessa vez o pobre Mosquito realmente pareceu consumir-se de tanto suspirar, porque, quando Alice começou a olhar em volta, tentando encontrá-lo, não havia mais nada pousado no raminho, nem em qualquer outra parte; e, como ela estava começando a se sentir gelada, tendo ficado por tanto tempo sentada no chão, levantou-se e começou a andar.

Em seguida, chegou a um campo aberto, com uma floresta do lado oposto. Esta parecia muito mais escura do que o bosque de onde Alice vinha, e a menina sentiu um pouco de medo de entrar nela. Entretanto, depois de pensar durante algum tempo, decidiu prosseguir, “porque eu certamente não vou retornar”, pensou consigo mesma, e aquele era o único caminho que conduzia à Oitava Casa.

– Esta deve ser a floresta – disse meditativamente a si própria – em que as coisas não têm nomes. Imagino o que vai acontecer com o meu nome, quando eu entrar lá! Não gostaria nem um pouquinho de ficar sem ele –, porque vão ter de me dar outro, e é quase certo que eu não vou gostar deste. Mas como seria engraçado descobrir qual a criatura que tinha ficado com meu antigo nome! Seria igual aos anúncios de jornal, quando as pessoas perdem os cachorros: “Responde pelo nome de Dash e está usando uma coleira de latão”. Imagine que graça iria ser chamar cada coisa nova que aparecesse pelo nome de “Alice” até que uma delas respondesse! Só que a coisa que tivesse pegado meu nome não iria responder nada e ficaria bem quietinha, se fosse esperta.

Ela continuava divagando dessa maneira quando chegou à floresta, que dava a impressão de ser muito fresca e cheia de sombra.

– Bem, pelo menos é um grande conforto – disse Alice, no momento em que entrou no meio das árvores –, depois de estar com tanto calor, entrar embaixo de... à sombra de... sob... o quê? – ela prosseguiu, muito surpresa por não ser capaz de lembrar da palavra. – Eu quero dizer, ir para baixo da... embaixo da... embaixo disto, naturalmente! – finalizou, encostando uma das mãos no tronco de

uma árvore. – Mas como é que esta coisa se chama, hein? Estou achando que nem tem nome... Ora, mas é claro que não tem!

Ela ficou parada, em silêncio, durante um minuto, pensando. Subitamente, começou a falar de novo:

– Quer dizer então que realmente aconteceu, não foi? E agora, quem sou eu? Eu vou fazer força e vou me lembrar! Estou determinada a me lembrar!

Todavia, estar determinada não ajudou muito. Tudo o que ela pôde dizer, depois de queimar os miolos durante bastante tempo, foi:

– L. Eu sei que o meu nome começa com L!

Nesse instante, um Veadinho saiu do bosque calmamente e veio em sua direção; contemplou Alice com grandes olhos cheios de gentileza e não pareceu estar nem um pouco amedrontado.

– Venha cá! Venha cá! – disse Alice, estendendo a mão para tentar fazer-lhe um carinho; mas o resultado foi assustar um pouco o bichinho, que recuou um ou dois passos e depois parou, ficando de novo a contemplá-la.

– Como é que você se chama? – perguntou o Veadinho finalmente, com uma voz doce e delicada.

“Eu gostaria de saber!”, pensou a pobre Alice. E então respondeu, cheia de tristeza: – Nada. Acho que agora não me chamo nada...

– Pense de novo – disse ele. – Você deve ter um nome.

Alice pensou com força, mas não conseguiu nenhum resultado.

– Por favor, você quer me dizer qual é o seu nome? – disse ela, timidamente. – Pode ser que isso ajude a relembrar o meu.

– Digo com prazer – disse o Veadinho. – Mas você vai ter de caminhar junto comigo até um pouco mais adiante. Aqui não consigo lembrar.

Assim, os dois caminharam juntos através da floresta, e Alice colocou os braços amorosamente ao redor do pescoço macio do Veadinho, até que chegaram a um outro campo aberto; lá, o pequeno animal deu um súbito salto no ar, libertando-se dos braços de Alice.

– Eu sou um Veadinho! – gritou, em uma voz cheia de alegria. – Ai de mim, você é uma criança humana!

Um súbito olhar de pavor apareceu em seus lindos olhos castanhos, e no momento seguinte ele correu para longe, com a maior velocidade possível.

Alice ficou parada, olhando para o veadinho, quase chorando de tristeza por ter perdido seu querido amiguinho tão repentinamente.

– Bem, pelo menos sei o meu nome agora – disse ela. – Isso sempre é algum conforto. Alice! Alice... Não vou esquecer de novo. E agora, qual dessas tabuletas vou seguir?

Não foi uma questão muito difícil de responder, porque somente uma estrada atravessava a floresta, e as duas tabuletas estavam recortadas em forma de mãos com um dedo esticado e apontavam na direção dela.

– Bem, eu deixo para decidir depois – disse Alice para si mesma. – Quando a estrada se dividir e elas apontarem em direções diferentes.

Contudo, isso não tinha muita probabilidade de ocorrer. Ela caminhou e caminhou ao longo da estrada, caminhou por muito tempo, mas sempre que havia uma divisão para um caminho lateral, apareciam duas tabuletas, recortadas no formato de mãos, apontando para o mesmo lado. Uma delas sempre dizia:

Para a casa de Tweedledum, enquanto a outra orientava: Para a casa de Tweedledee.

– Realmente, estou acreditando – falou Alice finalmente – que eles moram na mesma casa! Não sei por que não pensei nisso antes. Só que não posso ficar muito tempo na casa deles. Só vou parar um pouquinho, dizer educadamente: “Como vão vocês?” e depois perguntar o caminho para sair desta floresta. Gostaria de poder chegar na Oitava Casa antes de anoitecer!

E assim ela prosseguiu, falando sozinha enquanto caminhava, até que, ao dobrar uma curva fechada, encontrou dois homenzinhos gordos, tão de repente que deu um pulo para trás. Entretanto, no momento seguinte, ela reassumiu o controle de si mesma, tendo plena certeza de quem eles deviam ser.

Capítulo IV

Tweedledum e Tweedledee

Eles estavam parados embaixo de uma árvore, cada qual com um braço passando pelos ombros do outro; no mesmo instante, Alice ficou sabendo quem era quem, porque um deles tinha a sílaba “DUM” bordada em seu colarinho, enquanto o outro trazia a sílaba “DEE”. “Suponho que os dois tenham escrito ‘Tweedle’ na parte de trás do colarinho, só que não aparece”, murmurou para si mesma.

Eles estavam parados tão imóveis que a menina esqueceu completamente que estavam vivos; aproximou-se então para ver se estava mesmo escrito “TWEEDLE” na parte de trás de seus colarinhos e, assim, levou um susto quando escutou a voz do que trazia o bordado “DUM”.

– Se você acha que somos figuras de cera – disse ele –, deve primeiro pagar a entrada. Ninguém se dá ao trabalho de fazer figuras de cera para que as pessoas fiquem olhando de graça. De jeito nenhum!

– Ao contrário – disse o que estava marcado com “DEE” –, se você acha que estamos vivos, então deve falar conosco.

– Oh, eu sinto muito, sinto muito mesmo! – foi tudo o que Alice conseguiu dizer, porque as palavras de uma velha canção começaram a girar dentro de sua cabeça como o tique-taque de um relógio, de modo que ela mal conseguia evitar pronunciá-las em voz alta:

Tweedledum, junto com Tweedledee

Em batalhar tinham concordado,

Porque Tweedledum disse que Tweedledee

Seu novo chocalho tinha estragado!

Foi então que desceu um corvo disforme,

Tão negro como alcatrão!

E o medo dos heróis foi tão enorme

Que logo esqueceram sua discussão!

– Eu sei muito bem em que você está pensando – disse Tweedledum. – Mas não foi isso o que aconteceu. De jeito nenhum!

– Ao contrário – continuou Tweedledee. – Se fosse assim, bem que poderia ser; e, caso fosse, teria sido; mas uma vez que não foi, não é mesmo. Isso é lógico.

– Eu estava pensando – disse Alice, com a maior educação – em perguntar a vocês qual é a melhor maneira de sair desta floresta: está ficando tão escuro! Um de vocês quer me dizer, por favor?

No entanto, os homenzinhos gordos somente olharam um para o outro e deram largos sorrisos. Eles pareciam tão exatamente com dois meninos, em idade escolar, que tinham crescido demais que Alice não pôde evitar apontar seu dedo para Tweedledum e dizer:

– Menino Número Um! Você fala primeiro!

– De jeito nenhum! – Tweedledum exclamou grosseiramente e fechou a boca de novo com um ruído audível.

– Menino Número Dois! Você fala a seguir! – disse Alice, passando para Tweedledee, embora tivesse plena certeza de que ele apenas gritaria: “Ao contrário!”, e foi exatamente o que ele fez.

– Você começou errado! – exclamou Tweedledum. – A primeira coisa que uma visita deve fazer é dizer: “Como vão vocês?”, e depois apertar as mãos das pessoas. Nesse momento, os dois irmãos se abraçaram mais estreitamente e então estenderam as duas mãos que estavam disponíveis, a fim de apertar a da menina.

Alice não queria apertar a mão de nenhum deles primeiro, por medo de ofender os sentimentos do outro; assim, como a melhor maneira de sair dessa dificuldade, ela segurou as mãos dos dois ao mesmo tempo e, no momento seguinte, os três estavam dançando como se estivessem numa ciranda. Isso parecia inteiramente natural (conforme Alice recordou mais tarde), de modo que a menina não ficou nem ao menos surpreendida por escutar música tocando. A melodia parecia brotar da árvore sob a qual estavam dançando e era executada (ou pelo menos era o que ela conseguia perceber) por dois galhos que se esfregavam um contra o outro, como se fossem uma rabeca e um arco.

– Mas é claro que foi muito divertido! – contou Alice mais tarde, quando estava relatando tudo isso à sua irmãzinha. – De uma hora para outra, eu me vi cantando: Estamos dançando à volta da amoreira. Não sei quando comecei a fazê-lo, mas, de repente, tive a impressão de que já estava cantando há muito, muito tempo!

Os outros dois bailarinos eram gordos e em seguida ficaram sem fôlego.

– Quatro voltas ao redor da amoreira são mais do que suficientes para uma dança só – disse Tweedledum, ofegante, e pararam de dançar tão subitamente como haviam começado: a música se interrompeu no mesmo momento.

Então eles largaram as mãos de Alice e ficaram olhando para ela por um minuto. Houve uma pausa bastante embaraçosa, porque a menina não sabia como iniciar uma conversa com pessoas que lhe tinham servido como parceiros de dança alguns instantes atrás.

“Agora, não seria mais ocasião de dizer: ‘Como vão?’,” pensou consigo mesma. “Acho que de alguma maneira nós já ultrapassamos essa fase!”

– Espero que vocês não estejam muito cansados – disse ela, finalmente.

– De jeito nenhum. Mas eu lhe agradeço muito por ter feito a gentileza de perguntar! – disse Tweedledum.

– Ao contrário! Mas eu também sinto-me muito obrigado! – acrescentou Tweedledee. – Você gosta de poesia?

– Bem, sim, gosto até bastante... de algumas poesias – disse a menina, com alguma dúvida na voz. – E agora vocês podem me indicar qual a estrada que conduz para fora da floresta?

– Que devo eu recitar para ela? – disse Tweedledee, voltando o rosto para Tweedledum, com seus olhos grandes e cheios de solenidade, sem dar a menor bola para a pergunta de Alice.

– “A Morsa e o Carpinteiro” é a mais comprida que você sabe – replicou Tweedledum, dando um abraço afetuoso em seu irmão.

Tweedledee começou imediatamente:

– O sol rebrilhava feliz...

Porém, nesse momento, Alice se aventurou a interrompê-lo:

– Se for muito comprida – disse ela, com a maior polidez de que era capaz –, vocês podem primeiro me dizer qual é a estrada...

Tweedledee sorriu gentilmente e recomeçou:

O Sol rebrilhava feliz sobre o mar,

Brilhava em pleno poder;

Feroz procurava as ondas tornar

Brilhantes também e tranquilas correr –

E isso era estranho, porém, ao se ver

Que era o meio da noite!

A Lua brilhava também, amuada,

Porque achava que o Sol

Não tinha motivos para fazer nada

Depois do crepúsculo, antes do arrebol –

“Mas que grosseria!” – dizia – “um farol

Atrapalhar meu plantão!”

O Mar era úmido e todo molhado

As areias eram secas, porém,

Não se via uma nuvem no céu estrelado

Porque não saíram as nuvens também –

E as aves não piam, as aves não veem

Que o Sol retornou!

A Morsa marchava ao longo da praia,

Ao lado do Carpinteiro;

Choravam ao ver quão extensa era a raia

De areias aos montes, num grande terreiro –

“Vão ter de chamar o carroção do pedreiro

E fazer um aterro!”

“Se sete criadas com sete esfregões

Varressem metade de um ano” –

Indagou a Morsa – “estes areiões

Poderiam ser limpos pelo esforço humano?” –

Falou o Carpinteiro: “Descreio do plano” –

Soltando uma lágrima triste!

“Vinde, Ostras queridas, conosco passear!”

– A Morsa gentil convidou.

“Um passeio agradável, à beira do mar,

Na praia salgada que o vento agitou.” –

“Subam quatro somente” – depois ajuntou –

“E todos daremos as mãos!”

A Ostra mais velha apenas olhou,

Sem nem ao menos falar;

A Ostra mais velha seus olhos piscou,

Meneando a cabeça, como a revelar –

Que o leito das ostras não ia deixar

No fundo do Oceano!

Mas quatro das Ostras mais jovens subiram,

Ansiosas pelo passeio:

Lavaram o rosto, os casacos vestiram,

De sapatos lustrados, sem terem receio –

De mostrar por este ou qualquer outro meio

Que nem tinham pés!

E logo mais quatro das Ostras nadaram

E mais outras quatro surgiram;

E em bando radiante a areia alcançaram

E outras e outras a praia atingiram –

Saltaram as ondas, à margem subiram,

Dançando em folia!

A Morsa avançou, junto ao Carpinteiro:

Quilômetro e meio marcharam;

Juntaram um monte de pedras primeiro

E uma espécie de mesa depois prepararam –

Ao redor as Ostrinhas também se assentaram

Esperando uma história!

A Morsa exclamou: “A hora é chegada!

Temos mil coisas para conversar:

Sapatos, veleiros e cera encarnada

E lacre e repolhos e Reis proclamar! –

Porque esta noite fervente está o mar

E os porcos criaram asas!”

“Espere um momento!” – as Ostras gritaram –

“Depois iniciamos a conversação:

Estamos sem fôlego, nossos pés se cansaram,

Nós somos gordinhas – tenham compaixão!” –

Falou o Carpinteiro: “Esperamos, pois não!?”

E as Ostras agradeceram!

“Precisamos agora de uma bisnaga de pão” –

Disse a Morsa, contente.

“Pimenta e vinagre na palma da mão

E um pouco de sal, que se espalha frequente –

E agora, se está pronta a assembleia presente,

Começamos a comer!”

As Ostras gritaram: “Vão nos devorar?

Não façam! Piedade!

Nós somos amigas! Não podem matar

Depois da conversa e passeio: é maldade! –

E a Morsa responde, com sinceridade:

“Gostaram da vista, não foi?”

“A sua visita nos deu muito prazer,

Foi uma delícia este dia!”

O Carpinteiro contentou-se em dizer:

“Por mim está ótimo – outro assim me servia –

Por favor, me corte mais uma fatia:

Eu quero mais pão!”

A Morsa falou: “Estou envergonhada,

Foi um truque cruel!

Trazê-las aqui, nesta caminhada,

Como se fossem pelotão de quartel” –

E o Carpinteiro limpou num papel

As mãos sujas de manteiga!

“Chorei por vocês” – a Morsa falou –

“Com profunda simpatia”.

Aos soluços, fungando, ela devorou

As Ostras maiores que via! –

E, nos intervalos, seu lenço trazia

E secava suas lágrimas!

“Ostrinhas queridas” – falou o Carpinteiro –

“Pra mim este dia foi muito feliz!

E, agora, voltemos pra casa ligeiro!...”

Mas nenhuma resposta se escuta ou se diz –

Aquelas que o bom Carpinteiro não quis,

Foram todas comidas pela Morsa primeiro!...

– Eu gosto mais da Morsa – disse Alice –, porque dá para ver que ela estava com um pouquinho de pena das pobres Ostras.

– Pode ser, mas ela comeu muito mais do que o Carpinteiro – disse Tweedledee. – Na verdade, ela estava colocando o lenço em frente ao rosto para que o Carpinteiro não pudesse contar quantas ela estava comendo! Ao contrário!

– Mas isso foi uma coisa muito mesquinha! – disse a menina, indignada. – Então eu gosto mais do Carpinteiro, já que ele não comeu tantas Ostras como a Morsa!

– De jeito nenhum! Ele comeu todas as que conseguiu pegar! – disse Tweedledum.

Isso deixou Alice bastante confusa. Depois de uma pausa, ela recomeçou:

– Pois muito bem! Eram ambos pessoas muito desagradáveis!

Nesse ponto, ela parou de falar, um tanto assustada, porque escutou alguma coisa que soava como se fosse o sopro de um grande motor a vapor na floresta próxima, embora tivesse ficado com medo de que fosse algum animal selvagem.

– Há leões ou tigres por aqui? – perguntou timidamente.

– Muito pelo contrário! Isso que você está escutando são os roncos do Rei Vermelho – declarou Tweedledee.

– Venha dar uma espiada nele! – exclamaram os gêmeos, e cada um pegou uma das mãos de Alice e a conduziu até o ponto em que o Rei estava dormindo.

– Você não o acha simplesmente adorável? – disse Tweedledum.

Honestamente, Alice não podia dizer que ele o fosse: estava usando uma carapuça de dormir vermelha, muito comprida, com um pompom na ponta, e achava-se deitado, com o corpo todo encolhido, como se fosse um amontoado de coisas jogadas no chão; além disso, roncava muito alto.

– Vai roncar até lhe cair a cabeça! – observou Tweedledum.

– Tenho medo que ele apanhe um resfriado, deitado assim no capim úmido – falou Alice, que era uma meninazinha de coração muito compassivo.

– Ele está sonhando agora – disse Tweedledee. – Sobre o que você acha que ele está sonhando?

– Ninguém pode adivinhar uma coisa dessas – respondeu Alice.

– Ao contrário! Ele está sonhando com você! – exclamou Tweedledee, batendo palmas triunfantemente. – E se ele parasse de sonhar com você, onde você pensa que estaria?

– Estaria no mesmo lugar em que estou agora, é claro – falou Alice.

– Engano seu! – replicou Tweedledee, desdenhosamente. – Não estaria em parte alguma! Ora, você é apenas uma parte do sonho dele!...

– Se aquele Reizinho ali despertasse – acrescentou Tweedledum –, você desapareceria, iria explodir, se apagar feito uma vela!

– Não, não iria não! – exclamou Alice, cheia de indignação. – Além disso, se sou tão somente uma coisa que ele está sonhando, o que são vocês, eu gostaria de saber?

– Idem – disse Tweedledum.

– Idem, idem! – gritou Tweedledee.

Ele berrou tão alto que Alice não conseguiu impedir-se de dizer:

– Psiu! Você vai acordá-lo! Estou com medo de que o acorde, se não parar de fazer tanto barulho!

– Bem, não adianta nada você falar a respeito de acordá-lo ou não – disse Tweedledum. – Você é somente uma figura que ele inventou num sonho. Sabe muito bem que não é real.

– Eu sou real! – protestou Alice, pondo-se a chorar.

– Você não vai ficar nem um pouquinho mais real com essa choradeira toda – observou Tweedledee. – Mesmo porque não há o menor motivo para você ficar chorando.

– Se eu não fosse real – argumentou Alice, meio rindo por entre as lágrimas, pois a discussão toda parecia tão ridícula –, não seria capaz de chorar!...

– Você não supõe estar derramando lágrimas verdadeiras, espero? – interrompeu Tweedledum, com o maior desprezo.

“Sei que eles só estão dizendo bobagens”, pensou Alice. “Realmente, é uma tolice estar chorando por causa disso.”

Assim, secou as lágrimas com a manga do vestido e prosseguiu tão alegremente quanto podia:

– Seja como for, tenho mesmo de sair desta floresta, pois agora já está ficando muito escuro. Vocês acham que vai chover?

Tweedledum abriu um grande guarda-chuva, sobre si mesmo e sobre seu irmão, e olhou para a parte de dentro dele.

– Não, acho que não vai. Pelo menos – acrescentou – não vai chover aqui embaixo. De jeito nenhum!

– Mas pode chover aqui fora?

– Até que pode, desde que a chuva queira – disse Tweedledee. – Não fazemos objeção a isso. Muito pelo contrário!

“Que carinhas mais egoístas!”, pensou Alice, que já estava se decidindo a dar “boa noite!” e ir embora, quando Tweedledum pulou, de repente, para fora do guarda-chuva e a agarrou pelo pulso.

– Você está vendo aquilo? – disse ele, com uma voz muito emocionada, e seus olhos cresceram e ficaram amarelos no mesmo instante, enquanto apontava com um dedo trêmulo para uma pequena coisa branca que estava caída embaixo da árvore.

– É apenas um chocalho – disse Alice, após um exame cuidadoso do pequeno objeto branco. – Não é uma cobra de chocalho, uma cascavel, você sabe – acrescentou, bem depressa, pensando ser esse o motivo de ele estar amedrontado. – É só um chocalho velho. Bastante velho e, ainda por cima, está quebrado.

– Eu sabia que era! – gritou Tweedledum, começando a andar em volta, enquanto batia os pés com força no chão e começava a arrancar os cabelos violentamente. – Está estragado, é claro!

Nesse ponto, ele lançou um olhar furioso para Tweedledee, que imediatamente sentou-se no chão e tentou esconder-se debaixo do guarda-chuva. Alice colocou-lhe uma mão no braço, dizendo em um tom tranquilizador:

– Não há necessidade de você ficar tão zangado só por causa de um chocalho velho!

– Mas não é velho! – gritou Tweedledum, ainda mais furioso do que antes. – É novo, é novinho, lhe garanto. Comprei ontem! Meu lindo chocalho NOVO! – e sua voz subiu até transformar-se em um perfeito uivo.

Todo esse tempo, Tweedledee estava se esforçando ao máximo para fechar o guarda-chuva consigo dentro. Isto pareceu a Alice uma coisa tão extraordinária que tirou sua atenção completamente do irmão encolerizado. Contudo, ele não conseguiu realizar a proeza a contento e acabou rolando no chão, enroscado no guarda-chuva, somente com a cabeça de fora. E ficou deitado ali mesmo, abrindo e fechando a boca e seus olhos imensos, "parecendo um peixe fora d'água", como pensou Alice.

– Naturalmente, você concorda em travar batalha comigo? – inquiriu Tweedledum em um tom mais calmo.

– Creio que sim. É, suponho que sim – replicou o outro, de muito mau humor, enquanto se arrastava para fora do guarda-chuva. Só que ela terá de nos ajudar a nos vestir para o combate, entendeu?

Assim, os dois irmãos entraram de mãos dadas na floresta e, depois de um minuto, retornaram com os braços cheios de coisas – tais como almofadas, cobertores, capachos, toalhas de mesa, guarda-pratos e baldes de carvão.

– Espero que você seja bastante habilidosa em cravar alfinetes e amarrar tiras! – disse Tweedledum. – Todas essas coisas têm de ser colocadas ao nosso redor, de uma maneira ou de outra.

Alice observou mais tarde que nunca, em toda a sua vida, tinha visto uma confusão tão grande por causa de uma coisa qualquer. A maneira como aqueles dois se movimentavam para todos os lados – a quantidade de coisas que colocaram sobre o corpo – e o trabalho que lhe deram, só para atar cordéis e fechar botões.

– Realmente, quando tudo isso acabar, eles vão parecer mais umas trouxas de roupa suja do que duas pessoas! – resmungou consigo mesma, enquanto ajeitava uma almofada ao redor do pescoço de Tweedledee, "para evitar que sua cabeça fosse cortada fora", segundo ele.

Depois de uma pausa, ele acrescentou muito seriamente:

– Você sabe, esta é uma das coisas mais graves que podem acontecer a uma pessoa durante uma batalha; imagine só, ser decapitado!

Alice soltou uma gargalhada, mas conseguiu disfarçá-la em uma tosse, pois não queria ferir-lhe os sentimentos.

– Será que pareço muito pálido? – indagou Tweedledum, aproximando-se para que a menina lhe prendesse o capacete. Pelo menos, ele chamava o utensílio de capacete, embora, realmente, fosse mais parecido com uma caçarola.

– Bem... sim... está um pouquinho pálido – respondeu Alice, gentilmente.

– Em geral, eu sou muito corajoso – prosseguiu em um tom de voz bem baixo –, mas acontece que hoje estou com dor de cabeça.

– E eu estou com dor de dente! – reclamou Tweedledee, que tinha escutado o comentário. – Estou muito pior do que você!

– Então é melhor que vocês não combatam hoje – sugeriu Alice, pensando ser aquela uma boa oportunidade para levá-los a fazer as pazes.

– Mas nós devemos lutar, nem que seja um pouco. Na verdade, não faço a menor questão de que a batalha seja muito longa – disse Tweedledum. – Que horas são agora?

Tweedledee de alguma forma conseguiu olhar para seu relógio e disse:

– São quatro e meia.

– Então, vamos combater até as seis e depois jantar – disse Tweedledum.

– Muito bem – disse o outro, com um aspecto muito triste. – Ela pode ficar nos olhando, só que é melhor você não chegar muito perto – acrescentou. – Em geral, quando fico muito nervoso, eu acerto em tudo o que vejo.

– Pois eu acerto em qualquer coisa a meu alcance – afirmou Tweedledum, em uma voz bem alta – quer consiga ver, quer não consiga.

– Então você deve atingir as árvores com muita frequência, penso eu! – disse Alice, rindo.

Tweedledum olhou ao redor com um sorriso satisfeito.

– Não creio – declarou – que uma só árvore fique de pé, em um arco de muitas milhas, depois que tivermos acabado.

– E tudo isso por causa de um chocalho! – lamentou Alice, ainda esperando deixá-los um pouquinho envergonhados por estarem lutando por uma coisa tão boba.

– De jeito nenhum! Eu não teria ficado tão ofendido – disse Tweedledum – se não tivesse sido o meu chocalho novinho, recém-comprado!

“Gostaria que o corvo monstruoso aparecesse!”, pensou Alice.

– Nós temos somente uma espada, você sabe – disse Tweedledum para o irmão. – Mas você pode usar o guarda-chuva, que tem uma ponta bem aguda. Só que temos de começar depressa, porque já está ficando muito escuro.

– O pior é que está ficando ainda mais escuro – disse Tweedledee.

Na verdade, estava ficando extremamente escuro, e isso acontecia tão depressa que Alice pensou que uma tempestade se aproximava.

– Mas que nuvem preta e espessa! – disse ela. – E como está chegando depressa! Ora, tenho até a impressão de que essa nuvem tem asas!

– É o corvo! – gritou Tweedledum, em uma voz muito aguda e assustada; os dois irmãos então deram nos calcanhares e logo desapareceram da vista.

Alice correu um pouquinho também, entrou na floresta e parou embaixo de uma grande árvore.

“Aqui ele não pode me pegar!”, pensou ela. “Esse passarão é grande demais para se enfiar pelo meio das árvores. Mas gostaria que não batesse tanto as asas, está provocando um verdadeiro furacão na floresta.” Olhe só, o vento trouxe até aqui o xale de alguém!

Capítulo V

Lã e Água

Ela agarrou o xale no ar, enquanto falava, e olhou ao redor, em busca da proprietária. No momento seguinte, a Rainha Branca surgiu correndo rapidamente pela floresta, com os braços bem abertos e esticados, como se estivesse tentando voar. Muito educadamente, Alice foi até onde ela se encontrava, a fim de entregar-lhe o xale.

– Estou muito feliz por estar no caminho e poder agarrar o seu xale, Majestade – disse Alice, enquanto a ajudava a colocar de novo o xale nas costas.

A Rainha Branca olhou-a de um jeito desamparado e cheio de temor, repetindo todo o tempo alguma coisa que parecia ser: "Pão com manteiga, pão com manteiga"; desse modo, Alice concluiu que, se deveria surgir algum tipo de conversa, era ela mesma quem deveria iniciá-la. Assim ela o fez, ainda que bastante timidamente:

– Por acaso estou me dirigindo à Rainha Branca?

– Bem, está, se é que você chama isso de "dirigir-se" – falou a Rainha. – Mas, para falar com franqueza, meu conceito de "direção" é bastante diferente.

Alice achou que simplesmente não iria dar certo se elas começassem a discutir logo no princípio da conversa; assim, deu um sorriso e disse:

– Se Vossa Majestade quiser me dizer qual é a maneira correta de começar, tentarei fazer o melhor que puder.

– Mas eu não quero, em absoluto! – gemeu a pobre Rainha. – Venho dirigindo a mim mesma há pelo menos duas horas!

Teria sido muito melhor, segundo pareceu a Alice, que ela tivesse alguma outra pessoa que a dirigisse, pelo menos no que se referia às suas roupas, pois estava

pavorosamente desarrumada. “Não há uma só peça de roupa que não esteja fora do lugar”, pensou a menina. “Tudo está torto e mal-ajambrado, e ela está cheia de alfinetes!”

Depois, indagou em voz alta:

– Vossa Majestade permite que eu arrume seu xale?

– Não sei qual é o problema dele – disse a Rainha, em um tom de voz repleto de melancolia. – Acho que está empenado. Prendi aqui com um alfinete e ali com outro, mas não há jeito de agradar esse bendito xale!

– Ele não pode ficar reto, Vossa Majestade sabe, se colocar os alfinetes todos do mesmo lado – disse Alice e gentilmente lhe ajeitou a roupa. – Ai, meu Deus, como seu cabelo está todo despenteado!

– A culpa é da escova, que ficou toda emaranhada nele! – disse a Rainha, com um suspiro. – E o pente eu perdi ontem!...

Alice desembaraçou cuidadosamente a escova e fez o melhor que estava a seu alcance para colocar-lhe os cabelos em ordem.

– Bem, Vossa Majestade está muito melhor agora! – concluiu, depois de alterar a posição de mais meia dúzia de alfinetes. – Mas, de fato, deveria contratar uma camareira!

– Tenho certeza de que poderei dar-lhe o emprego com o maior prazer! – disse a Rainha. – Dois centavos por semana e terá geleia para passar no pão dia sim, dia não.

Alice não pôde evitar uma gargalhada e disse:

– Não estou pedindo a Vossa Majestade que contrate a mim... E, para ser franca, eu não gosto de geleia.

– Mas é uma geleia muito boa – protestou a Rainha.

– Bem, eu não quero comer geleia hoje, de qualquer maneira, Majestade.

– Ora, você não poderia comer geleia hoje, mesmo que quisesse – disse a Rainha. – A regra é: geleia amanhã e geleia ontem – mas nunca geleia hoje.

– Mesmo assim, algum dia tem de ser “geleia hoje”, Majestade! – objetou Alice.

– Não, não pode ser assim – disse a Rainha. – A geleia é servida sempre no outro dia, e hoje é este dia, não o outro. Entendeu?

– Não, não compreendi – respondeu Alice. – Essa história toda é uma confusão danada!

– Esse é o efeito de se viver de trás para frente – disse a Rainha, bondosamente. – No princípio, a gente sempre fica um pouco tonta...

– Viver de trás para frente! – repetiu Alice, cheia de assombro. – Mas eu nunca ouvi falar em uma coisa dessas!

– ... porém, existe uma grande vantagem nisso. É que a memória da gente funciona nos dois sentidos.

– Tenho certeza de que a minha só funciona em um sentido – redarguiu Alice. – Eu simplesmente não consigo me lembrar das coisas antes que aconteçam!

– A sua é uma memória bem fraca, se só funciona para trás – disse a Rainha.

– E de que tipo de coisas Vossa Majestade consegue se lembrar melhor? – aventurou-se Alice a indagar.

– Oh, das coisas que acontecerão daqui a duas semanas – replicou a Rainha, despreocupadamente. – Agora, por exemplo – prosseguiu, enquanto enfiava uma grande atadura no dedo –, há o Mensageiro do Rei. Ele está na prisão, sendo castigado por seus crimes. Mas o julgamento nem ao menos irá começar até quarta-feira que vem. E é claro que ele vai cometer os crimes bem depois de ser julgado.

– E supondo que ele nunca chegasse a cometer os crimes? – perguntou Alice.

– Mas isso seria o melhor que poderia ocorrer, não é mesmo? – disse a Rainha, enquanto enrolava a atadura ao redor de seu dedo e prendia com um pedaço de fita.

Alice chegou à conclusão de que isso era inegável. Mesmo assim, respondeu:

– É claro que seria muito melhor, Majestade. Mas, para ele, não seria “muito melhor” que tivesse sido castigado sem ter cometido crime algum!

– Nesse ponto, pelo menos, você está errada – disse a Rainha. – Você nunca recebeu um castigo?

– Somente quando fazia alguma coisa errada, Majestade, ou deixava de cumprir uma obrigação – respondeu Alice.

– E você ficou muito melhor por causa disso, eu sei muito bem! – disse a Rainha, triunfantemente.

– Está certo, mas acontece que eu tinha feito as coisas pelas quais estava sendo castigada – disse Alice. – Isso faz um mundo de diferença... Majestade.

– Mas, se você não tivesse feito essas coisas – disse a Rainha –, teria sido melhor ainda: melhor, melhor, MUITO MELHOR! Sua voz foi ficando progressivamente mais alta a cada “melhor” que pronunciava, até que, no final, parecia mais com um ganido ou um guincho.

Alice estava começando a dizer: “Há alguma coisa errada em alguma parte...”, quando a Rainha começou a gritar tão alto que a menina teve de deixar a sentença pela metade.

– Ai, ai, ai! – uivava a Rainha, sacudindo a mão como se quisesse arrancá-la fora. – Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai, ai!...

Seus uivos eram tão parecidos com os apitos de uma locomotiva a vapor que Alice teve de tapar os ouvidos com as duas mãos.

– Mas qual é o problema? – disse ela, no primeiro intervalo em que surgiu uma oportunidade de se fazer ouvida. – Vossa Majestade espetou alguma coisa no dedo?

– Não espetei ainda – disse a Rainha –, mas sei que vou espetar o dedo em seguida. Ai, que dor! Ai, ai, ai, ai!...

– E quando Vossa Majestade espera que isso aconteça? – perguntou Alice, sentindo-se fortemente inclinada a explodir em risadas.

– Quando eu for prender o meu xale de novo – gemeu a pobre Rainha. – Daqui a pouquinho o broche vai se soltar. Ai, ai, ai!

Nem bem havia acabado de gritar, o broche se abriu de repente e a Rainha agarrou-o bem depressa, tentando prendê-lo de novo no lugar.

– Cuidado! – gritou Alice. – A senhora o está segurando todo torto! – advertiu, estendendo a mão para pegar o broche, embora já fosse tarde demais. O prendedor dele escorregou e a Rainha deu um espetão no dedo.

– Isso explica por que eu estava sangrando, percebe? – disse ela para a menina, com um sorriso. – Agora você entende o jeito como as coisas acontecem por aqui.

– Mas por que Vossa Majestade não está gritando agora? – indagou Alice, com os braços erguidos e pronta para pôr as mãos sobre os ouvidos novamente.

– Ora, já gritei tudo o que precisava – disse a Rainha. – De que adiantaria ficar chorando e me lastimando de novo?

A essa altura, já estava ficando claro outra vez.

– O corvo já deve ter voado para longe, creio eu – disse Alice. – Estou tão feliz por ele ter ido embora. Tinha pensado que a noite estava chegando.

– Gostaria de poder me sentir feliz! – disse a Rainha. – Mas não consigo me lembrar de como é a regra da felicidade. Você deve estar muito contente por morar nesta floresta e poder ser feliz sempre que tem vontade!

– Só que por aqui é tão solitário! – disse Alice, numa voz muito melancólica; pensar em sua solidão fez com que duas gordas lágrimas lhe rolassem pelas faces.

– Oh, não fique assim! – gritou a pobre Rainha, torcendo as mãos em desespero. – Considere como você é uma garota de valor! Considere todo o caminho que percorreu hoje! Considere que horas são... Considere qualquer coisa, mas não chore!

Alice não pôde deixar de rir, mesmo em meio a suas lágrimas.

– E Vossa Majestade pode parar de chorar, considerando certas coisas? – perguntou.

– Mas é assim que se faz – afirmou a Rainha, com grande decisão. – Ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, percebe? Vamos considerar, em primeiro lugar, a sua idade: quantos anos você tem?

– Tenho exatamente sete anos e meio.

– Você não precisava dizer "exatualmente" – observou a Rainha. – Eu posso acreditar em você sem isso. Agora, vou dizer uma coisa para você acreditar. Tenho apenas cento e um anos, cinco meses e um dia.

– Mas não posso acreditar nisso! – falou a menina.

– Ah, não pode? – disse a Rainha, em um tom cheio de pena. – Tente de novo: respire fundo e feche bem os olhos.

Alice riu de novo:

– Não é uma questão de tentar, Majestade – esclareceu a menina. – A gente não pode acreditar em coisas impossíveis!

– Ouso dizer que você não tem muita prática – disse a Rainha. – Quando eu tinha a sua idade, sempre acreditava meia hora por dia. Ora, houve certas ocasiões em que consegui acreditar em até seis coisas impossíveis antes de tomar o café da manhã! Ai, minha nossa, lá se vai meu xale de novo!

O broche havia afrouxado outra vez, enquanto a Rainha falava, e uma súbita lufada de vento soprou seu xale para o outro lado de um pequeno regato. A Rainha abriu os braços novamente e foi voando atrás da roupa; dessa vez, no entanto, conseguiu pegá-la sozinha.

– Pronto! Peguei! – gritou ela, em um tom triunfante. – Agora você me verá prendê-lo de novo, sozinha e sem sua ajuda!

– Então, espero que o dedo de Vossa Majestade esteja melhor agora! – disse Alice, de uma maneira muito bem educada, enquanto cruzava o pequeno regato atrás da Rainha.

– Oh, muito melhor! – gritou a Rainha, sua voz subindo até virar um guincho, enquanto ela prosseguia. – Muito me-elhor! Me-elhor! Mééé-lhor! Méééééé! – A última palavra terminou em um balido tão parecido com o de uma ovelha que Alice levou um tremendo susto.

Ela olhou para a Rainha, que, de repente, parecia ter-se enrolado em um novelo de lã. Alice esfregou as pálpebras e olhou de novo. Simplesmente, não podia entender o que havia acontecido. Estava agora dentro de uma loja? E aquela criatura era realmente – era de fato – uma ovelha que estava sentada atrás do balcão? Por mais que ela esfregasse os olhos, não conseguia modificar a cena que a rodeava. Estava no interior de uma lojinha escura, com os cotovelos apoiados no balcão, e em frente a ela havia uma Ovelha, que aparentava muita idade, sentada em uma poltrona e tricotando, interrompendo o trabalho de vez em quando, a fim de olhar para Alice através de um grande par de óculos grossos.

– O que você deseja comprar, menina? – indagou a Ovelha, finalmente, tirando por um momento os olhos de seu tricô.

– Eu ainda não sei ao certo – disse a menina, com toda a gentileza. – Gostaria de dar uma olhada em volta primeiro, se a senhora não se importa.

– Você pode olhar para a frente e para os dois lados, se quiser – disse a Ovelha. – Mas não pode olhar em toda a volta – a não ser que tenha olhos na parte de trás da cabeça.

Bem, ocorre que Alice ainda não tinha olhos nesse lugar e, assim, contentou-se em ir girando a cabeça, examinando as prateleiras assim que seu olhar caía sobre elas.

A loja parecia repleta de todo o tipo de coisas curiosas – mas o mais estranho de tudo era que, cada vez que ela olhava para qualquer prateleira, a fim de ver exatamente o que havia nela, a prateleira em particular sempre estava totalmente vazia, embora as outras ao redor estivessem tão apinhadas que nelas nada mais parecia caber.

– As coisas aqui parecem flutuar! – disse ela, finalmente, em um tom súplice, depois de haver passado um minuto ou dois tentando inutilmente fixar o olhar em um objeto grande e brilhante, que algumas vezes parecia ser uma boneca e outras vezes tinha o aspecto de uma caixa de costura, sendo que sempre se encontrava na prateleira logo acima daquela para a qual estava olhando. – Essa coisa parece ser a mais provocativa de todas, mas sei o que vou fazer – acrescentou, quando um súbito pensamento passou-lhe pelo cérebro. – Vou seguir essa coisa até a prateleira que ficar mais em cima! Vai ser difícil ela conseguir passar através do forro! Pelo menos, é o que acho...

Entretanto, até mesmo esse plano falhou: aquela “coisa” subiu através do forro e em direção ao telhado com a maior tranquilidade. Era como se estivesse habituada a agir assim.

– Você é uma criança ou um pião? – perguntou a Ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas. – Você vai me deixar completamente tonta, se continuar assim, dando voltas sem parar!...

Ela agora estava trabalhando com quatorze pares de agulhas de tricô ao mesmo tempo, e Alice foi obrigada a ficar olhando para ela, no maior dos assombros.

“Como é que ela pode tricotar com tantas agulhas ao mesmo tempo?”, pensou a criança, extremamente confusa. “A cada minuto que passa, ela se parece mais com um porco-espinho!”

– Você sabe remar? – perguntou a Ovelha, entregando-lhe um par de agulhas de tricô ao mesmo tempo em que fazia a pergunta.

– Sim, sei remar um pouco, mas não na terra, e muito menos com agulhas de tricô... – Alice havia começado a dizer, quando subitamente as agulhas transformaram-se em remos nas suas mãos, e ela percebeu que as duas estavam em um pequeno barco, deslizando sobre a água, entre duas margens não muito distantes, porém bastante altas. Desse modo, não lhe restava muita coisa senão remar o melhor que podia.

– Pena! – gritou a Ovelha, enquanto pegava ainda mais outro par de agulhas.

Essa observação não parecia requerer nenhuma resposta e, assim, Alice não falou nada, mas seguiu remando em frente. Havia alguma coisa muito estranha a respeito daquela água, pensou a menina, porque, de vez em quando, os remos ficavam grudados nela e era muito difícil puxá-los de volta.

– Pena! Pena! – gritou a Ovelha novamente, segurando ainda outro par de agulhas. – Você vai pegar um caranguejo em seguida!

“Um lindo caranguejinho!”, pensou Alice. “Bem que eu gostaria de pegar um!...”

– Você não me escutou quando eu gritei: “Pena”? – indagou a Ovelha, parecendo zangada e agarrando agora um monte de agulhas.

– Claro que escutei – respondeu Alice. – Você disse várias vezes, e bem alto. Por favor, onde é que estão os caranguejos?

– Na água, onde mais? – disse a Ovelha, cravando algumas das agulhas em seus cabelos, já que as mãos estavam cheias demais. – Pena, estou dizendo!

– Mas por que a senhora fala tanto em penas? – perguntou Alice, finalmente, bastante aborrecida. – Eu não sou uma ave!

– Claro que é – disse a Ovelha. – Você é um gansinho.

Essa afirmação deixou Alice um pouco ofendida, e, assim, a conversação foi suspensa durante um minuto ou dois, enquanto o barco derivava gentilmente, algumas vezes pelo meio de plantas aquáticas (o que fazia com que os remos

ficassem presos na água, pior ainda do que antes) e, outras vezes, por baixo de árvores, mas sempre com as mesmas margens altas erguendo-se reprovadoramente acima de suas cabeças.

– Ah, que lindo! Apareceram uns nenúfares perfumados! – gritou Alice, em um súbito transporte de alegria. – Por favor, veja! Eles realmente têm um lindo perfume e são tão bonitos!

– Você não precisa dizer “por favor” para mim, por causa desses pastos – disse a Ovelha, sem ao menos levantar os olhos de seu tricô. – Não fui eu que pus essas coisas aí e não sou eu que vou tirá-las!

– Não, mas o que eu quis dizer foi, por favor, podemos esperar um pouco enquanto apanho alguns? – suplicou Alice. – Se você não se importar de parar o barco por um minuto...

– E como é que eu vou fazer essa coisa parar? – disse a Ovelha. – Se você parar de remar, ele vai parar sozinho.

Assim, o barco foi deixado à deriva, para descer o regato como pudesse, até que deslizou gentilmente para o meio dos aguapés ondulantes. Então, as manguinhas foram cuidadosamente enroladas até acima dos cotovelos e os bracinhos foram mergulhados até essa altura, a fim de apanhar os nenúfares bem abaixo da linha d’água, antes de quebrar-lhes os talos – e, por algum tempo, Alice esqueceu-se completamente da Ovelha e de seu tricô interminável, enquanto se inclinava sobre a beirada do barco, com as pontinhas de seu cabelo um tanto emaranhado tocando a superfície da água – ao mesmo tempo em que, com um olhar ansioso e brilhante, apanhava um ramalhete após outro dos lindos nenúfares perfumados.

“Só espero que o barco não vire!”, disse para si mesma. “Ah, mas como esse é bonito! Só que não consigo apanhá-lo, nem me esticando bem.”

Realmente, o nenúfar em questão parecia um pouco provocador (“quase como se estivesse fazendo de propósito”, pensou ela), de tal modo que, embora ela conseguisse apanhar uma grande quantidade das lindas plantas aquáticas, enquanto o bote deslizava em frente a elas, sempre havia um nenúfar muito mais lindo que os outros, o qual ela não conseguia alcançar.

– Os mais bonitos são sempre os que estão mais longe! – disse ela, finalmente, com um suspiro de desapontamento, porque os nenúfares se obstinavam em crescer a uma distância bem maior do que aquela que conseguia atingir. E, desistindo da empresa, com o rosto afogueado e as mãos e o cabelo pingando água, a menina ajeitou-se de volta em seu lugar, começando a arranjar seus tesouros recém-encontrados.

Que importância tinha para ela que os nenúfares tivessem começado a murchar e a perder todo o seu perfume e beleza a partir do exato momento em que ela os havia apanhado? Mesmo os nenúfares perfumados verdadeiros, você sabe, permanecem viçosos somente por um pouquinho de tempo nos vasos – o que dizer então destes, que eram aguapés de sonho... As plantas se derretiam a seus pés quase como neve, mas Alice não deu grande importância a isso, já que tinha tantas outras coisas curiosas para atrair sua atenção.

Não haviam chegado muito além daquele ponto, quando a lâmina de um dos remos ficou trancada na água e simplesmente não queria sair (pelo menos foi o que Alice explicou mais tarde) e, em consequência disso, o cabo bateu na parte de baixo de seu queixinho; apesar de uma série de “Opa-opa-opas!” emitidos pela pobre Alice, a pancada a arrancou de seu assento e a derrubou no meio da pilha de nenúfares no fundo do barco.

Por sorte, ela não se machucou nem um pouco e logo havia recuperado seu assento; enquanto isso, a Ovelha prosseguiu com seu tricô sem dar-lhe a menor importância, como se nada tivesse acontecido.

– Você pegou um belo caranguejo! – observou ela, enquanto Alice retornava a seu assento, sentindo-se muito aliviada por ainda se achar dentro do bote.

– Ah, foi? Eu nem vi! – respondeu Alice, olhando cuidadosamente, sobre a beirada do barco, para dentro da água escura. – Gostaria que não tivesse se soltado. Gostaria tanto de apanhar um caranguejinho para levar para casa comigo!

Porém, a Ovelha apenas riu com desprezo e continuou a tricotar.

– Há muitos caranguejos por aqui? – indagou Alice.

– Caranguejos e todo o tipo de coisas – disse a Ovelha. – Há muitas coisas a escolher, trate de se decidir logo. Agora, já resolveu o que quer comprar?

– Comprar? – ecoou Alice, em um tom que era metade espanto e metade susto, visto que os remos, o barco, o rio e as margens haviam desaparecido subitamente e que ela estava, de volta, diante do balcão da lojinha escura.

– Acho que gostaria de comprar um ovo, por favor – disse, timidamente. – Por quanto a senhora o está vendendo?

– Cinco patacas e um tostão por um ovo – replicou a Ovelha. – Dois ovos custam duas patacas.

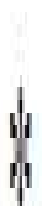
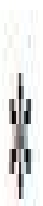
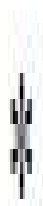
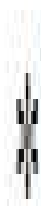
– Quer dizer que dois ovos custam menos do que um? – disse Alice, em um tom de surpresa, colocando sua bolsinha em cima do balcão.

– Só há um detalhe: você deve comer ambos, se comprar dois – disse a Ovelha.

– Então só quero um, por favor – respondeu Alice, colocando o dinheiro sobre o balcão. Isso depois de pensar: “Pode ser que um deles esteja podre, nunca se sabe”.

A Ovelha pegou o dinheiro e guardou-o dentro de uma caixa. Depois, disse:

– Eu nunca coloco as coisas nas mãos das pessoas. Não me parece que seja educado. Você deve ir pegar o ovo sozinha – disse ela, caminhando até o fundo da lojinha e pondo um ovo em pé sobre uma das prateleiras.

“Fico me perguntando: por que não é educado?”, pensou Alice, enquanto tateava pelo caminho, passando por mesas e cadeiras, pois a loja ia ficando cada vez mais escura quando mais perto chegava do fundo. “Mas que engraçado! Esse ovo parece ficar mais longe quanto mais caminho em sua direção! Deixe ver, isto é uma cadeira? Não pode ser, essa coisa tem galhos! Que estranho, encontrar árvores crescendo aqui dentro! Mas, realmente, aqui tem até mesmo um riachinho! Esta é a loja mais estranha que já encontrei!”

Assim, a menina continuou, a cada passo que dava mais espantada, porque todos os objetos pareciam transformar-se em árvores no momento em que chegava perto deles, de modo que já estava até esperando que o ovo também virasse uma árvore.

Capítulo VI

Humpty Dumpty

Entretanto, o que aconteceu foi que o ovo cresceu, cresceu e foi assumindo um aspecto cada vez mais humano. Quando estava a uns poucos metros de distância dele, percebeu que tinha olhos, nariz e boca; ao chegar ainda mais perto, viu claramente que se tratava do próprio HUMPTY DUMPTY.

– Não pode ser ninguém mais! – disse a si mesma. – Tenho tanta certeza disso como se seu nome estivesse escrito em sua testa.

Naquele enorme rosto havia lugar para escrever tal nome, facilmente, umas cem vezes. Humpty Dumpty estava sentado de pernas cruzadas, como um turco, bem em cima de um muro um tanto alto. Na verdade, esse muro parecia tão estreito que Alice ficou imaginando como ele conseguia se equilibrar. Uma vez que os olhos da criatura estavam fixamente voltados para uma direção completamente diferente daquela em que se encontrava o rosto da menina, e já que ele não parecia percebê-la nem lhe dar a mínima atenção, ela pensou que podia ser somente um boneco estufado.

– Mas, de fato, ele se parece exatamente com um ovo! – disse ela em voz alta, com as mãos estendidas e prontas para agarrá-lo, porque a cada momento esperava que ele caísse.

– É muito aborrecido – disse Humpty Dumpty, após um longo silêncio, enquanto olhava na direção oposta à de Alice – ser chamado de ovo. Muito mesmo!

– Eu só disse que você se parecia com um ovo – explicou Alice, gentilmente. – E você sabe que alguns ovos são muito bonitos – acrescentou, esperando transformar a injúria de sua observação em uma espécie de elogio.

– Há algumas pessoas – disse Humpty Dumpty, sempre olhando para outro lado – que não têm mais critério do que um bebê!

Dessa vez, Alice não soube o que responder. Aquilo não se parecia nem um pouco com uma conversa, pensou, porque, na verdade, ele nunca dizia coisa alguma a ela; de fato, sua última observação era evidentemente dirigida a uma árvore. E, assim, ela somente ficou parada ali, repetindo baixinho para si mesma:

Humpty Dumpty sentou-se no alto de um muro:

Humpty Dumpty caiu e tombou no chão duro –

E todos os cavaleiros do Rei

E todos os guerreiros, que eu sei

Tentaram erguê-lo, porém não puderam:

No mesmo lugar nunca mais o puseram!...

– As duas linhas do meio são curtas demais para a poesia – acrescentou ela, em um tom bem mais alto, esquecendo-se de que Humpty Dumpty iria escutá-la.

– Não fique parada aí tagarelando sozinha desse jeito – disse Humpty Dumpty, olhando para seu rosto pela primeira vez. – Primeiro, me diga seu nome e o que deseja.

– Meu nome é Alice, mas...

– Mas que nome bem estúpido! – interrompeu Humpty Dumpty, impacientemente. – Afinal de contas, o que significa?

– E um nome precisa significar alguma coisa? – indagou Alice, com hesitação.

– É claro que precisa – disse Humpty Dumpty, com uma risadinha curta. – Meu nome representa o formato que tenho: um formato muito útil e bonito, por sinal. Mas, com um nome como o seu, você pode ser feita em praticamente qualquer formato.

– Por que você fica sentado aí em cima, completamente sozinho? – inquiriu Alice, que não estava com vontade de começar uma discussão.

– Porque não há ninguém aqui em cima comigo, ora essa! – exclamou Humpty

Dumpty. – Por acaso você pensou que eu não sabia a resposta disso? Vamos lá, faça outra pergunta!

– Você não acha que seria mais seguro se estivesse sentado no chão? – prosseguiu Alice, que não tinha a menor vontade de propor uma adivinhação, mas que simplesmente tinha bom coração e estava sinceramente preocupada com o bem-estar da estranha criatura. – Esse muro em que você está empoleirado é muito estreito!

– Mas por que você faz essas adivinhações tremendamente fáceis? – resmungou Humpty Dumpty. – É claro que não acho! Ora, se por acaso algum dia eu caísse – realmente, isso é ridículo, não há a menor possibilidade de tal coisa suceder! –, mas se eu caísse...

Ele fez um muxoxo, apertando e esticando os lábios de uma maneira tão solene e tão importante que Alice quase caiu na gargalhada.

– Bem, se eu caísse – prosseguiu –, o Rei me prometeu... Ora, por mim você pode ficar pálida de inveja, se quiser! Não tinha pensado que eu fosse dizer isso, tinha? O Rei me prometeu, com sua própria e real boca, que iria... que iria...

– Mandar todos os seus cavalos e todos os seus guerreiros – interrompeu Alice, bastante fora de propósito.

– Eu positivamente declaro que essa ação é muito feia! – gritou Humpty Dumpty, em um súbito arroubo de paixão. – Você esteve escutando atrás das portas! Ou então atrás das árvores! Ou encostou o ouvido na abertura da tampa de uma chaminé! Caso contrário, não teria como sabê-lo!

– Mas acontece que eu não fiz nada disso – protestou Alice, muito delicadamente. – Essas coisas foram escritas em um livro.

– Ah, muito bem! Eles podem realmente escrever esse tipo de coisas em um livro! – disse Humpty Dumpty, em um tom de voz bem mais calmo. – Decerto foi na História da Inglaterra, sim, sem a menor dúvida. Agora, olhe bem para mim! Sou uma pessoa que conversou com um Rei, sim, eu sou! Talvez em toda a sua vida você não tenha oportunidade de encontrar outra. E, para demonstrar que não sou vaidoso, pode apertar minha mão!

Ele deu um enorme sorriso, quase de orelha a orelha, enquanto se inclinava para

a frente (ameaçando cair do muro ao mesmo tempo) e oferecia a mão direita a Alice. Ela apertou-a, mas, ao mesmo tempo, estava a observá-lo com um certo grau de ansiedade.

“Se ele der um sorriso mais largo, os cantos de sua boca podem se encontrar na parte de trás da cabeça”, pensou. “E aí eu não sei o que vai acontecer com seu rosto. Estou com medo de que se parta em dois e que o pedaço de cima caia!”

– Sim, “todos os seus cavalos e todos os seus guerreiros” – prosseguiu Humpty Dumpty. – Eles vão me levantar em um minuto, é claro que vão! Todavia, esta conversa está andando depressa demais. Vamos retornar à sua penúltima observação.

– Temo já não mais conseguir me recordar dela, senhor – disse Alice, com toda a educação.

– Bem, nesse caso, voltemos ao começo – disse Humpty Dumpty –, e agora é minha vez de escolher um assunto. (“Ele fala o tempo todo como se tudo isso fosse um jogo!”, pensou Alice.) – Bem, aqui está uma pergunta para você. Que idade disse que tinha?

Alice fez uns cálculos de cabeça, bem depressa, e declarou:

– Sete anos e seis meses.

– Errado! – exclamou Humpty Dumpty, triunfantemente. – Você não tinha me dito uma palavra a respeito de sua idade!

– Pensei que você quisesse dizer: “Que idade você tem?” – explicou Alice.

– Se eu quisesse dizer isso, teria perguntado – esclareceu Humpty Dumpty.

Alice não tinha a menor vontade de iniciar outra discussão e, assim, nada disse.

– Sete anos e seis meses! – repetiu Humpty Dumpty, sonhadoramente. – De fato, uma idade um tanto desconfortável. Agora, se você tivesse pedido meu conselho, eu teria dito: “Pare nos sete anos!”; porém, agora é tarde demais.

– Eu nunca peço conselhos sobre meu crescimento – retrucou Alice, indignada.

– Por que, é orgulhosa demais? – inquiriu o outro.

Alice sentiu-se ainda mais indignada com essa sugestão.

– O que quis dizer foi que uma pessoa não pode deixar de crescer ou de ficar mais velha.

– Uma pessoa talvez não possa – disse Humpty Dumpty –, mas duas podem. Com a orientação adequada, você poderia ter parado nos sete anos.

– Mas que cinto lindo você está usando! – observou Alice subitamente, porque, segundo pensava, já haviam falado demais no assunto de idade; além disso, se realmente eles iriam se alternar na escolha do assunto, agora era sua vez. – Ou, pelo menos – corrigiu-se depois de pensar um momento, uma vez que não tinha bem certeza de que o objeto em questão fosse um cinto –, você está usando uma linda gravata. Ora, eu deveria ter dito... quer dizer, que o cinto é bonito, isto é... me desculpe! – acrescentou, muito envergonhada, porque Humpty Dumpty parecia completamente ofendido, de modo que ela começou a desejar não ter escolhido tal tipo de assunto. – "O meu problema é que", pensou sem falar, "não sei direito onde estão o pescoço e a cintura desse sujeito!"

É evidente que Humpty Dumpty ficou muito zangado, embora não tenha dito nada por um minuto ou dois. Quando recomeçou a falar, parecia mais um rosnado grosso:

– É uma coisa muito ofensiva – disse ele, finalmente – que uma pessoa não seja capaz de distinguir um cinto de uma gravata!

– Eu sei que foi muita ignorância de minha parte, senhor – concordou Alice, em um tom de voz tão humilde que Humpty Dumpty amoleceu.

– É uma gravata, criança – e, por sinal, uma gravata muito bonita, como você disse. E fique sabendo que foi presente do Rei e da Rainha Brancos. Já pensou como é importante?

– Realmente, senhor? – comentou Alice, bastante satisfeita de que havia escolhido um bom assunto, no final das contas.

– Isso mesmo... Foram eles que me deram – prosseguiu Humpty Dumpty, pensativamente, enquanto cruzava um joelho sobre o outro e prendia as mãos ao redor dele. – Deram-me esta bela gravata... como um presente de desaniversário!

– Por favor, me perdoe... – disse Alice, muito confusa.

– Não estou ofendido, e você não precisa se desculpar – disse Humpty Dumpty.

– O que quero dizer, senhor, é... o que é um presente de desaniversário?

– Um presente oferecido quando não é seu aniversário, naturalmente.

Alice considerou um pouco essa afirmação.

– Acho que prefiro os presentes de aniversário – disse ela, finalmente.

– Você não faz a menor ideia do que está dizendo! – gritou Humpty Dumpty. – Diga-me lá: quantos dias existem em um ano?

– Trezentos e sessenta e cinco, senhor – respondeu Alice.

– E quantos aniversários você faz por ano?

– Um.

– E se você tirar um de trezentos e sessenta e cinco, quantos sobram?

– Trezentos e sessenta e quatro, é claro.

Humpty Dumpty deu a impressão de não ter muita certeza da resposta.

– Eu preferia que você fizesse essa conta no papel – disse ele.

Alice não pôde deixar de sorrir enquanto procurava seu bloquinho de notas dentro da bolsa e escrevia a soma exata para ele, com todo o capricho:

3 6 5

- 1

3 6 4

Humpty Dumpty pegou então o caderninho de notas e observou a operação cuidadosamente:

– É... me parece que você fez do jeito certo... – começou ele.

– Mas você está segurando o bloco de cabeça para baixo! – interrompeu Alice.

– É claro que estava! – respondeu Humpty Dumpty, alegremente, quando a menina colocou o caderno de notas na posição correta. – Bem que achei que parecia meio estranho. Como estava dizendo, parece-me que a soma foi feita da maneira correta, muito embora eu não tenha tempo de examiná-la com o devido cuidado, neste momento. Bem, isso demonstra que há trezentos e sessenta e quatro dias por ano em que você pode receber presentes de desaniversário.

– Certamente – concordou Alice.

– E somente um em que você consegue receber presentes de aniversário, percebe? Esta é que é a glória!

– Não sei o que você quer dizer com “glória” – retorquiu Alice.

Humpty Dumpty sorriu com o maior desprezo:

– É claro que você não pode saber, até que eu lhe explique. O que quis dizer foi: esta afirmação é realmente um argumento irretorquível.

– Mas “glória” não significa o mesmo que “um argumento irretorquível” – objetou Alice.

– Quando eu utilizo uma palavra – disse Humpty Dumpty, em um tom de grande sarcasmo –, ela significa exatamente o que quero que signifique, nem mais, nem menos.

– Mas a questão é – disse Alice – se você tem o direito de fazer as palavras significarem para você coisas diferentes do que elas querem dizer para as outras pessoas!...

– A questão é – afirmou Humpty Dumpty – quem é que manda aqui. Só isso.

Dessa vez, Alice ficou confusa demais para poder responder a qualquer coisa e, assim, depois de um minuto, Humpty Dumpty recomeçou:

– Pois é... algumas palavras têm muito mau gênio, percebe? Em particular os

verbos; são eles os mais orgulhosos. Você pode fazer o que quiser com os adjetivos, mas com os verbos... Todavia, eu consigo governar toda a tropa! Impenetrabilidade! É isso o que digo!

– Quer me dizer, por favor – pediu Alice –, o que significa isso?

– Agora você está falando como uma criança razoável – disse Humpty Dumpty, muito satisfeito. – Por “impenetrabilidade” quero dizer que já falamos o suficiente sobre esse assunto e que seria muito conveniente você mencionar o que pretende fazer a seguir, pois suponho que você não tenha a intenção de ficar parada aqui, conversando comigo, até o fim da vida.

– Mas isso é fazer com que uma só palavra signifique muitas coisas – disse Alice, em um tom de voz bastante meditativo.

– Quando faço uma palavra trabalhar assim desse jeito – explicou Humpty Dumpty –, sempre pago hora extra.

– Ah, é? – falou Alice, confusa demais para fazer qualquer outra observação.

– Ah, você deveria ver como elas se aglomeram ao redor de mim em uma noite de sábado – prosseguiu Humpty Dumpty, balançando a cabeça gravemente de um lado para o outro. – Para receberem seus salários, entende?

(Alice não se animou a indagar quanto ele lhes pagava e com que tipo de moeda; desse modo, você entende que não poderei contar a você, tampouco).

– O senhor parece muito hábil na explicação do significado das palavras – falou Alice. – Será que me podia fazer a gentileza de explicar o significado de um poema chamado “Jabberwocky”, ou “O Tagarelão”?

– Vamos escutá-lo – disse Humpty Dumpty. – Posso explicar todos os poemas que já foram inventados e muitos que ainda nem foram criados.

Isso pareceu muito promissor a Alice; assim, a menina repetiu a primeira estrofe:

“Era o Assador e os Sacalarxugos

Elasticojentos no eirado giravam;

Miserágeis perfuram os Esfregachugos

E os verdes Porcalhos ircasa arrobiavam”.

– Isso já chega para começar – interrompeu Humpty Dumpty: há uma porção de palavras difíceis só nessa parte. Para começar, “Assador” significa exatamente as quatro horas da tarde – a hora em que você põe a carne no fogo para assar, a fim de ficar pronta para a hora de servir o jantar.

– Essa explicação serve muito bem, segundo me parece – concordou Alice. – Mas o que significa “Elasticojentos”?

– Bem, “elasticojento” é uma mistura de elástico com nojento. Elástico é o mesmo que ativo. Você entende, essa é uma palavra braquilógica, como se fosse uma maleta em que você guarda ao mesmo tempo os artigos de toalete e uma muda de roupa íntima. Há dois significados empacotados em uma palavra só.

– Agora que você explicou, até acho fácil – observou Alice, pensativa. – Mas o que são os “Sacalarxugos”?

– Bem, os “Sacalarxugos” são uns animais meio estranhos, parecidos com texugos. Mas também são parecidos com lagartos. E têm uns rabos que parecem mais com saca-rolhas. Você pode perceber que o nome é uma mistura dessas três palavras.

– Devem ser umas criaturas realmente muito curiosas.

– Ah, que são, são! – concordou Humpty Dumpty. – Além disso, elas sempre fazem os ninhos embaixo de relógios de sol. E só comem queijo.

– E o que significa “girar” e “perfurar”?

– “Girar” é dar voltas e mais voltas ao redor de si mesmo, como fazem um giroscópio ou um pião. “Perfurar” é fazer buracos, como uma verruma ou uma pua.

– E o “eirado” deve ser aquele espaço de terra que fica ao redor do relógio de sol, imagino! – disse Alice, surpresa com sua própria conclusão.

– É claro que é. Chamam-no de “eirado”, você compreende, porque o terreno se estende vários metros à frente do relógio de sol e alcança uns quantos metros atrás dele.

– E ocupa vários metros também à direita e à esquerda e para todos os lados – acrescentou Alice, muito satisfeita.

– Exatamente. Bem, vamos adiante. “Miserágeis”, naturalmente, é uma mistura de miserável com frágil. Essa é outra palavra braquilógica para você decorar. E os “Esfregachugos” são uma espécie de pássaros muito magros e desajeitados, com as penas apontando para todos os lados – um tipo de esfregão ambulante.

– E “Porcalhos ircasa”? – perguntou Alice. – Ah, desculpe, acho que estou fazendo perguntas demais e lhe dando muito trabalho...

– Bem, um “Porcalho” é uma espécie de porco verde, compreende?... Agora, “ircasa”, bem, dessa vez não tenho muita certeza. Acho que é uma abreviatura para “vir de casa” ou “ir para casa”, qualquer um dos dois. Significa que eles se perderam, percebe?

– E o que significa “Arrobiar”?

– Ora, “arrobiar” é uma mistura de arrotar e assobiar, com um berro no fim e um espirro no meio. É difícil de explicar sem ouvir. Todavia, você escutará um ou dois, talvez, se entrar bem fundo naquela floresta ali adiante. E, depois de haver

escutado uma vez, você ficará perfeitamente satisfeita. Mas quem foi que andou lhe repetindo todas essas palavras difíceis?

– Eu as li em um livro – informou Alice. – Mas ouvi um poema faz pouco, muito mais fácil do que esse, recitado por... Tweedledee, acho que foi.

– Quanto à poesia, você sabe – disse Humpty Dumpty, esticando um dos braços e abrindo uma mão enorme para seu tamanho –, posso recitar poesia tão bem quanto qualquer outra pessoa, se chegarmos a isso...

– Oh, mas não é necessário que cheguemos a isso! – interrompeu Alice, bem depressa, na vã esperança de impedi-lo de começar.

– A peça que vou declamar – prosseguiu ele, aparentemente sem perceber a observação da menina – foi escrita inteiramente para sua diversão.

Alice sentiu que, nesse caso, realmente deveria escutar e, assim, sentou-se no solo e murmurou: “muito obrigada” em um tom de voz bastante desanimado. Humpty Dumpty então começou:

No inverno, quando os campos embranquecerem,

Cantarei esta balada para lhe satisfazer...

– Só que eu realmente não canto – acrescentou, à guisa de explicação.

– Já vi que você não está cantando – falou Alice.

– Se você pode ver se eu estou cantando ou não, sua vista é muito mais aguçada do que a da maioria das criaturas – observou Humpty Dumpty, severamente. Alice então fez silêncio, enquanto ele prosseguia:

Na primavera, quando os bosques reverdecerem,

Tentarei lhe contar o que quero dizer...

– Muito obrigada, mesmo – agradeceu Alice.

Quando os dias forem longos, em pleno verão,

Talvez você possa a canção entender...

Quando as folhas de outono escurecerem no chão,

Pegue tinta e caneta e venha escrever!...

– Eu vou escrever, desde que consiga me lembrar de tudo – disse Alice.

– Você não precisa continuar fazendo observações desse tipo – disse Humpty Dumpty. – Além de não serem sensatas, elas me atrapalham. Agora, escute Mensagem aos peixes:

Mandei um recado aos peixes do brejo.

A mensagem dizia: "Este é meu desejo!"

A mensagem chegou aos peixes do mar.

E resposta mandaram, sem fazer-me esperar.

Foi isto que os peixes mandaram dizer:

"Lamentamos, senhor, mas não podemos fazer..."

– Acho que não estou entendendo direito – protestou Alice.

– Não se preocupe, vai ficar mais fácil um pouco mais adiante – replicou Humpty Dumpty, um pouco contrariado.

Enviei nova mensagem, para que não esquecessem:

"Seria bem melhor que vocês me obedecessem!"

E logo os peixinhos responderam também:

"Mas que gênio terrível, esse que o senhor tem!"

Avisei-os uma vez, duas vezes os avisei,

Porém não atenderam aos conselhos que dei.

Comprei uma chaleira bem nova este ano

E para a grande batalha preparei o meu plano.

Meu coração bateu – pulou meu coração

E a chaleira eu enchi na bomba do portão!

Chegou a notícia e depois me contaram:

“Todos os peixinhos em suas camas deitaram!”

Falei alto e bem claro a meu mensageiro:

“Então você deve acordá-los primeiro!”

O mais alto e mais forte que pude eu falei,

Berrei-lhe aos ouvidos, bem claro gritei.

Nesse ponto, Humpty Dumpty ergueu a voz a uma altura tal, que quase estava berrando enquanto declamava esta copla. Alice pensou, com um arrepio: “Não gostaria de ser esse mensageiro por nada deste mundo!”

Respondeu-me orgulhoso, duro como basalto:

“Não é necessário que grite tão alto!”

Pois ele era mesmo vaidoso e emproado:

“Não tenha receio – darei seu recado!”

Preferi acordá-los à minha maneira:

Peguei o saca-rolhas de uma prateleira.

A porta trancada afinal descobri –

Puxei, empurrei e chutei e bati!

E quando encontrei essa porta trancada

O trinco girei e fiz força – mas nada!

Seguiu-se uma longa pausa.

– E é só isso? – perguntou Alice, com uma vozinha tímida.

– Isso é tudo – declarou Humpty Dumpty, friamente. – Adeus.

“Essa despedida foi bastante súbita”, pensou Alice. Entretanto, depois de uma sugestão assim tão forte de que estava na hora de ela partir, sentiu que dificilmente demonstraria boa educação se tentasse permanecer por mais algum tempo. Assim, ergueu-se e estendeu a mão:

– Adeus, até que nos vejamos novamente! – disse ela, o mais alegremente que pôde.

– Não vou reconhecê-la, no caso de nos encontrarmos de novo – replicou Humpty Dumpty, em um tom de voz muito aborrecido, dando-lhe apenas um dos dedos para que ela apertasse. – Você é tão parecida com todas as outras pessoas!

– Em geral, é o rosto que faz com que sejamos reconhecidos – observou Alice, pensativa.

– É justamente disso que estou me queixando – disse Humpty Dumpty. – Seu rosto é igual à cara de todo mundo. Os dois olhos, assim... (marcando os lugares no ar com o polegar) o nariz bem no meio, a boca embaixo. É sempre, sempre, sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo, ou a boca por cima deles, isso tornaria seu rosto mais interessante e me ajudaria bastante a reconhecê-la!

– Ah, mas não seria bonito – objetou Alice. Porém, Humpty Dumpty apenas fechou os olhos e respondeu:

– Espere para dar uma opinião sobre alguma coisa até que a tenha experimentado.

Alice esperou um minuto para ver se seu interlocutor falava novamente, mas ele não abriu mais os olhos e tampouco parecia perceber sua presença ali. Assim, a menina deu-lhe “Adeus!” uma vez mais e, não obtendo resposta, saiu caminhando muito quietinha. No entanto, não pôde deixar de dizer a si mesma, enquanto se retirava: “Ora, de todas as pessoas desagradáveis...” (ela repetiu a

frase em voz alta, porque era um grande conforto poder pronunciar aquela palavra) “...de todas as pessoas desagradáveis que jamais encontrei...” – mas nunca chegou a terminar a sentença, porque naquele momento um forte estrondo sacudiu a floresta de ponta a ponta.

Capítulo VII

O Leão e o Unicórnio

No momento seguinte, surgiu uma porção de soldados correndo através da floresta, primeiro em grupos de dois ou três, depois em dez ou vinte juntos e, finalmente, em batalhões tão cerrados que pareciam encher a floresta inteira. Alice protegeu-se atrás de uma árvore, com medo de que passassem por cima dela – e ficou ali olhando enquanto a tropa seguia.

Ela pensou que, em toda a sua vida, nunca havia visto soldados tão frouxos dos pés: estavam sempre tropeçando em alguma coisa ou outra, e, toda vez que um deles caía, diversos outros sempre tombavam por cima dele, de tal modo que o solo em breve estava coberto por uma porção de homens amontados por todos os lados.

Então chegou a cavalaria. Uma vez que possuíam quatro patas, os cavalos tinham muito mais equilíbrio que a infantaria. Contudo, até mesmo eles tropeçavam de vez em quando, e parecia ser regra geral que, sempre que um cavalo tropeçasse, o cavaleiro deveria cair da sela no mesmo instante. A confusão foi se tornando pior a cada momento, e Alice ficou muito feliz de sair da floresta para um lugar mais aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, muito ocupado, escrevendo em seu Livro de Memorandos.

– Mandei-os todos! – gritou o Rei, na maior das alegrias ao ver Alice. – Por acaso você encontrou alguns soldados, minha querida, enquanto passava pela floresta?

– Sim, encontrei, Majestade – respondeu Alice. – Alguns milhares até, creio eu.

– Quatro mil duzentos e sete, esse é o número exato – disse o Rei, depois de consultar o seu livro. – Não pude mandar todos os cavaleiros, sabia? Isso porque dois deles são necessários para o jogo. E não mandei os dois Mensageiros tampouco. Ambos foram até a cidade. Dê uma olhadinha na estrada e me diga se pode ver algum deles voltando.

– Na estrada não há ninguém que eu possa ver, Majestade – respondeu Alice.

– Gostaria muito de ter uns olhos aguçados como os seus – observou o Rei, em um tom invejoso. – Ser capaz de ver Ninguém! E a uma distância dessas, também. Ora, o máximo que consigo fazer é ver gente de verdade, ainda mais com essa luz!

Todo este monólogo não teve o menor resultado, uma vez que Alice ainda estava olhando atentamente para a estrada, cobrindo os olhos com uma das mãos.

– Agora estou vendo alguém! – disse ela, finalmente. – Mas ele está vindo muito devagar... e está fazendo umas coisas muito engraçadas! (Porque o Mensageiro pulava para cá e para lá, se retorcia como uma enguia e, enquanto se aproximava, suas grandes mãos se abriam para os lados, como se fossem dois leques.)

– Não são nada engraçadas – disse o Rei. – Ele é um Mensageiro anglo-saxão, e essas são atitudes anglo-saxãs. Ele só age dessa maneira quando está feliz. Seu nome é Haigha. (Ele pronunciou o nome de modo a rimar com maia.)

– “Amo meu amor com H” – quando percebeu, Alice já estava declamando – “porque ele é Honesto. Odeio meu amor com H, porque ele é Horroroso. Eu o alimento com... com... um Hambúrguer a cada Hora. Seu nome é Haigha, e ele mora...”

– Ele mora em um Hotel – completou o Rei com simplicidade, sem fazer a menor ideia de que estava entrando no jogo, enquanto Alice ainda hesitava,

escolhendo o nome de uma cidade começando com H, para ser a residência do Mensageiro. – O nome do outro Mensageiro é Hatta. Preciso de dois, percebe? Para levar e trazer. Enquanto um leva, o outro traz.

Nesse momento, o Mensageiro chegou. Para dizer pouco, ele estava completamente sem fôlego, de modo que só conseguia agitar as mãos e fazer as piores caretas deste mundo para o Rei.

– Esta jovem senhora o ama com um H – disse o Rei, apresentando Alice, na esperança de desviar as atenções do Mensageiro e de este parar de fazer tantas caretas. Contudo, não adiantou: as “atitudes anglo-saxãs” foram se tornando cada vez mais extraordinárias, enquanto os grandes olhos giravam violentamente de um lado para outro das órbitas.

– Você está me assustando! – disse o Rei. – Estou ficando tonto. Quero um sanduíche de presunto! Ou então um hambúrguer!

E, no mesmo momento, o Mensageiro, para grande alegria de Alice, abriu uma grande bolsa de couro que pendia de seu pescoço e entregou um sanduíche ao Rei, que o devorou avidamente.

– Quero outro sanduíche! – ordenou o Rei.

– Ah, sinto muito, mas não tenho mais, Majestade – disse o Mensageiro, espiando dentro da bolsa. – Agora só me restam alguns punhados de feno.

– Então me dê feno mesmo – murmurou o Rei, em uma voz quase inaudível.

Alice ficou contente ao perceber que o feno o revigorava muito.

– Nada como comer um pouco de feno quando a gente está para desmaiar – observou o Rei, mastigando com firmeza.

– Pensei que jogar um pouco de água fria em seu rosto fosse melhor, Majestade – sugeriu Alice. – Ou quem sabe alguns sais voláteis.

– Eu não afirmei que não havia nada melhor – replicou o Rei. – Só disse que não havia nada como.

Dessa vez, Alice não teve como contrariá-lo.

– Por quem você passou na estrada? – prosseguiu o Rei, estendendo a mão ao Mensageiro, que lhe entregou outro punhado de feno.

– Por ninguém, Majestade – respondeu o Mensageiro.

– Pois muito bem – disse o Rei. – Esta jovem dama também viu Ninguém. Isso quer dizer, naturalmente, que Ninguém caminha mais devagar que você.

– Faço o melhor possível – disse o Mensageiro, mal-humorado. – Tenho certeza de que ninguém caminha muito mais depressa do que eu!

– Mas ele não pode fazer isso – disse o Rei. – Caso contrário, já teria chegado aqui muito antes de você. Todavia, agora que você já recuperou o fôlego, pode nos contar o que aconteceu na cidade.

– Vou sussurrar ao seu ouvido, Majestade – disse o Mensageiro, colocando as

mãos na boca na forma de uma corneta e curvando-se a fim de chegar o mais perto possível do ouvido do Rei. Alice lamentou, pois também queria ouvir as notícias. Entretanto, em vez de sussurrar, ele simplesmente gritou o mais alto que podia:

– Eles começaram tudo de novo!!!

– Você chama isso de sussurro? – protestou o pobre Rei, dando um pulo e se sacudindo todo. – Se fizer uma coisa dessas de novo, vou mandar fritá-lo na manteiga! Seus berros atravessaram minha cabeça como se fossem um terremoto!

“Teria de ser um terremoto bem minúsculo!”, pensou Alice. – E quem é que já começou tudo de novo, Majestade? – aventurou-se a perguntar.

– Ora, o Leão e o Unicórnio, naturalmente – disse o Rei.

– Disputando a Coroa?

– Certamente – respondeu o Rei. – E a parte mais engraçada dessa brincadeira é que eles estão brigando pela minha Coroa! Vamos correr para vê-los antes que terminem! – E partiram num trote apressado, enquanto Alice repetia para si mesma as palavras da velha canção:

O Leão e o Unicórnio a Coroa disputaram:

O Leão derrotou o Unicórnio – e pararam.

Ganharam pão branco, pão preto ganharam,

Mais bolo de ameixas – e os tambores tocaram!

– Aquele... que vencer... fica com... a Coroa? – perguntou ela da melhor forma que pôde, visto que a corrida a estava deixando quase sem fôlego.

– Meu Deus, é claro que não! – disse o Rei. – Mas que ideia!

– Vossa... Majestade seria... bom o bastante... – disse Alice, resfolegando, após correr mais um pouco – para parar... um minuto... somente até... eu recuperar... a respiração?

– Eu sou bom o bastante – disse o Rei. – Mas não sou forte o bastante. Como vou parar um minuto? Você vê, ele passa assustadoramente rápido. É a mesma coisa que tentar parar um Bandagarra! [5]

Alice estava com tanta falta de ar que não conseguiu mais falar, e assim eles continuaram a correr em silêncio, até que enxergaram uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio lutavam. Estavam no centro de uma nuvem de poeira tão grande que, a princípio, Alice não conseguia distinguir quem era quem. Logo, no entanto, foi capaz de identificar o Unicórnio pelo grande chifre retorcido que trazia no meio da testa.

Eles abriram caminho até perto do lugar em que Hatta, o outro Mensageiro, estava parado assistindo ao combate. Ele segurava uma xícara de chá na mão direita e uma fatia de pão com manteiga na esquerda.

– Ele acabou de ser solto da prisão, e não lhe deram tempo para terminar o seu chá quando foi preso – murmurou Haigha ao ouvido de Alice. – A única coisa que lhe deram para comer na cadeia foram cascas de ostras. Você pode perceber perfeitamente como está faminto e louco de sede. E, a propósito, como está você, querida criança? – prosseguiu ele, colocando o braço afetuosamente ao redor do pescoço de Hatta.

Hatta olhou em sua direção e o cumprimentou com a cabeça, sem responder, enquanto continuava a mastigar seu pão com manteiga.

– Você estava feliz na prisão, querida criança? – quis saber Haigha.

Hatta olhou ao redor mais uma vez, fixando o olhar no companheiro. Dessa vez, uma lágrima ou duas escorreram por suas bochechas encolhidas. No entanto, não proferiu uma só palavra.

– Qual é o problema, não sabe falar? – gritou Haigha, impacientemente. Porém, Hatta apenas continuou a mastigar e bebeu um gole ou dois de chá.

– Fale de uma vez e deixe de tolices! – gritou o Rei. – Como está indo o combate?

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um pedaço imenso de pão com manteiga.

– O combate está indo muito bem, Majestade – disse ele, com uma voz engasgada. – Cada um já foi derrubado mais ou menos oitenta e sete vezes.

– Então suponho que em breve vão lhes trazer o pão branco e o pão preto? – Alice atreveu-se a observar.

– Já estão esperando por ele – disse Hatta. – Mas aproveitei e estou comendo um pouquinho antes que deem tudo a eles.

Houve uma pausa no combate, justamente nesse instante, e o Leão e o Unicórnio sentaram-se, bufando, enquanto o Rei anunciava:

– Dez minutos para um lanche!

Haigha e Hatta começaram a trabalhar imediatamente, carregando bandejas redondas de pão branco e de pão preto. Alice pegou um pedaço e o provou, mas achou-o muito seco.

– Creio que hoje eles não vão mais lutar – disse o Rei a Hatta. – Vá dar ordem para que comecem a tocar os tambores.

Imediatamente, Hatta saiu pulando como se fosse um gafanhoto.

Por um minuto ou dois, Alice permaneceu parada, observando. De repente, ficou muito alegre.

– Olhem, olhem! – gritou, apontando o dedo muito entusiasmada. – Lá vem a Rainha Branca correndo através do campo! Ela saiu voando de dentro daquela floresta que fica lá adiante. Como essas rainhas conseguem correr ligeiro!

– Vem algum inimigo atrás dela, sem a menor dúvida – disse o Rei, sem ao menos levantar o olhar. – Aquela floresta está cheia de inimigos.

– Mas Vossa Majestade não vai correr para ajudá-la? – perguntou Alice, muito surpresa pela sua falta de interesse no assunto.

– É inútil, é inútil! – disse o Rei. – Ela corre pavorosamente rápido. É a mesma coisa que tentar capturar um Bandagarra! Mas farei um memorando a respeito do incidente, se você quiser. Ela é uma criatura muito boa e querida – prosseguiu, repetindo a última frase para si próprio baixinho, enquanto abria o famoso Livro dos Memorandos. – Você soletra “criatura” com um “i” ou com dois?

Nesse momento, o Unicórnio veio passeando até onde eles estavam, com as mãos nos bolsos.

– Como é, ganhei dessa vez? – perguntou ao Rei, enquanto lhe lançava um olhar de passagem.

– Mais ou menos... mais ou menos... – replicou o Rei, bastante nervoso. – Mas você não devia ter cravado seu chifre nele, sabe muito bem disso.

– Ele nem se machucou – respondeu o Unicórnio, com descaso, pretendendo seguir em frente, quando seu olhar caiu sobre Alice. Imediatamente, girou nos calcanhares e ficou ali parado, durante algum tempo, olhando para ela com uma expressão do mais profundo desgosto.

– O que... é... isto? – disse, finalmente.

– Isto é uma criança! – replicou Haigha, impaciente, chegando até o lado de Alice, a fim de apresentá-la, e esticando ambos os braços com as mãos abertas na direção dela, numa atitude anglo-saxã. – Nós somente a encontramos hoje de tarde! É tão grande quanto a vida e duas vezes mais natural!

– Sempre pensei que crianças fossem monstros fabulosos! – asseverou o Unicórnio. – Por acaso ela está viva?

– Ela sabe até falar – garantiu Haigha, solenemente.

O Unicórnio olhou para Alice com uma expressão sonhadora e disse:

– Pois então fale, “criança”!

Alice não pôde impedir que seus lábios se curvassem em um sorriso, antes de

dizer:

– Pois sabe de uma coisa? Sempre pensei que os Unicórnios fossem monstros fabulosos também! Nunca havia visto um vivo antes, só nos desenhos.

– Bem, agora que vimos um ao outro – disse o Unicórnio –, se você acreditar em mim, eu acreditarei em você. Negócio feito?

– Sim, se você quiser – concordou Alice.

– Vamos lá, traga-me o bolo de ameixas, meu velho! – prosseguiu o Unicórnio, deixando-a de lado e voltando-se para o Rei. – Esse pão preto de vocês não é para mim!

– Certamente... certamente – resmungou o Rei, fazendo um sinal para Haigha. – Abra a bolsa! – cochichou. – Depressa! Não, essa não! A outra! Essa está cheia de feno!

Haigha fez surgir uma bolsa ainda maior e de dentro dela tirou um enorme bolo, o qual deu a Alice para segurar, enquanto retirava um grande prato e uma faca de trinchar. Como tudo isso podia sair de dentro da bolsa, Alice só podia adivinhar. “Era como um passe de mágica”, pensou.

O Leão havia se juntado ao grupo enquanto isso se passava. Parecia muito cansado e sonolento, e seus olhos estavam semicerrados.

– O que é isto? – disse ele, piscando preguiçosamente os olhos enquanto fitava Alice e falando em um tom cavo e profundo que era muito parecido com o soar de um grande sino de bronze.

– Quer saber o que é, então? – disse o Unicórnio ansiosamente. – Pois adivinhe. Garanto que nunca conseguirá. Eu, pelo menos, não adivinhei.

O Leão então olhou para Alice com seus olhos cansados.

– Você é animal... vegetal... ou mineral...? – perguntou, interrompendo a fala com grandes bocejos

– É um monstro fabuloso! – gritou o Unicórnio, antes que Alice pudesse responder.

– Então, vá passando o bolo de ameixas, Monstro – disse o Leão, deitando-se no chão e colocando o queixo sobre as patas dianteiras. – E tratem de sentar-se, vocês dois! – disse ele, dirigindo-se ao Rei e ao Unicórnio – Vamos dividir o bolo fraternalmente, por favor!

É evidente que o Rei parecia muito pouco à vontade, forçado a sentar-se entre aquelas duas imensas criaturas; no entanto, aquele era o único lugar que havia sobrado.

– Mas que tremendo combate podemos realizar pela coroa, agora! – disse o Unicórnio, olhando de esguelha para a mesma, que quase caía da cabeça do pobre Rei, de tanto que este tremia.

– Agora venço fácil – declarou o Leão.

– Acho que não posso concordar com isso – retrucou o Unicórnio.

– Ora, seu coração de galinha, hoje eu o persegui por toda a volta da cidade e o derrotei! – exclamou o Leão, furioso, quase erguendo-se do lugar em que estava, enquanto falava.

Aqui, o Rei interrompeu-o, a fim de impedir que a briga prosseguisse. Parecia muito nervoso, e havia um perceptível tremor em sua voz

– Por toda a volta da cidade? – indagou ele. – Mas foi uma luta muito longa. Vocês cruzaram a ponte velha, ou passaram pelo mercado? Sem a menor dúvida, a vista é melhor na ponte velha!...

– Não faço a menor ideia – rosnou o Leão, enquanto se acomodava de novo no chão. – Havia poeira demais, e não dava para se ver nada. Mas como esse Monstro demora para cortar um simples bolo!

Alice tinha sentado no chão, à margem de um pequeno córrego, com o grande prato sobre os joelhos, enquanto serrava diligentemente com a faca de trinchar.

– Mas esse bolo é muito teimoso! – disse ela, em resposta à reclamação do Leão (a essa altura, já havia se acostumado a ser chamada de “Monstro”). – Já cortei uma porção de fatias, mas elas sempre se colam de novo no bolo!

– Você é que não sabe como lidar com os bolos do Espelho – retorquiu o Unicórnio. – Primeiro, a gente distribui as fatias e só depois é que as corta.

Isso pareceu uma imensa tolice, mas Alice, muito obedientemente, ergueu-se e carregou o prato com o bolo ao redor do grupo, oferecendo as fatias que não havia cortado, e, de imediato, o bolo se dividiu em três grandes pedaços.

– Agora, você pode cortá-lo – disse o Leão, enquanto a menina retornava para seu lugar, carregando o prato vazio.

– Mas isso não é justo! – protestou o Unicórnio, enquanto Alice sentava-se de novo no solo, com a faca na mão e muito confusa sobre a maneira como proceder para cortar o bolo inexistente. – O Monstro deu ao Leão um pedaço que é o dobro do meu!

– De qualquer maneira, você pode ver que ela não guardou nada para si mesma – observou o Leão. – Você não gosta de bolo de ameixa, Monstro?

Porém, antes que Alice tivesse tempo de responder-lhe, os tambores começaram a tocar.

A menina não pôde identificar a procedência do som – o ar parecia repleto de rufar de tambores, e o barulho que deles era extraído foi ficando cada vez mais ensurdecedor, atravessando sua cabeça a tal ponto que ela achou que iria mesmo ficar surda. Alice então levantou-se de um só pulo e saltou sobre o pequeno córrego em meio a seu terror,

de modo que só teve tempo de olhar para trás e ver o Leão e o Unicórnio se porem em pé, parecendo muito zangados por terem sido interrompidos no meio da refeição. Então, caiu de joelhos, colocou as mãos sobre os ouvidos e tentou em vão diminuir o volume do terrível estrondo.

– Se isso não for o suficiente para corrê-los da cidade – pensou consigo mesma –, então nada mais será!...

[5]. O monstro imaginário citado por Carroll no poema O Tagarelão. (N.T.)

Capítulo VIII

“Fui eu mesmo que inventei!...”

Depois de algum tempo, o ruído começou gradualmente a diminuir, até ser substituído por um silêncio mortal, e Alice ergueu a cabeça meio alarmada. Não havia mais ninguém à vista, e seu primeiro pensamento foi o de que devia ter estado sonhando com o Leão e o Unicórnio e com aqueles estranhos Mensageiros anglo-saxônicos. Entretanto, descobriu o grande prato caído a seus pés, sobre o qual havia tentado fatiar o bolo de ameixa.

– Isso quer dizer que eu não estava sonhando, afinal de contas – disse a si mesma –, a não ser... a não ser que todos nós façamos parte do mesmo sonho. Minha esperança é que esse seja o meu sonho, e não um sonho do Rei Vermelho! Não gosto nem um pouquinho da ideia de pertencer ao sonho de outra pessoa! – prosseguiu, em um tom bastante queixoso. – Na verdade, estou com vontade de voltar e ir acordá-lo, só para ver o que acontece!

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por altos gritos de “alto lá! alto lá! xeque!” – quando um Cavaleiro, vestido em uma armadura pintada de vermelho brilhante, veio galopando até o lugar em que ela se achava, brandindo uma grande maça de guerra. No momento em que chegou junto de Alice, o cavalo parou de repente.

– Você é minha prisioneira! – gritou o Cavaleiro, enquanto caía da sela e se estatelava no chão, bem em frente a ela.

Assustada como se achava naquele instante, Alice mais ficou com medo por ele do que por si mesma, observando-o com alguma ansiedade, enquanto ele montava outra vez. Assim que o Cavaleiro sentiu-se confortável de novo na sela, começou o desafio mais uma vez.

– Você é minha... – mas, nesse instante, uma segunda voz interrompeu-o, gritando:

– Alto lá! Alto lá! Xeque! – e Alice olhou ao redor, um pouco surpresa, procurando por um novo inimigo.

Dessa vez, era um Cavaleiro Branco. Ele avançou até o lado em que estava a menina e caiu de seu cavalo, do mesmo jeito que o Cavaleiro Vermelho havia feito. Então, montou novamente e os dois Cavaleiros ficaram sentados nas selas, encarando-se por algum tempo, sem falar. Alice olhava de um para o outro, sentindo-se um pouco tonta e confusa.

– Ela é minha prisioneira, você sabe! – afirmou, finalmente, o Cavaleiro Vermelho.

– Sim, mas aconteceu que eu cheguei para resgatá-la – replicou o Cavaleiro Branco.

– Bem, teremos então de lutar por ela – disse o Cavaleiro Vermelho, segurando seu capacete (que até esse ponto estava pendurado ao lado da sela e tinha mais ou menos o formato de uma cabeça de cavalo) e enfiando a própria cabeça dentro dele, de modo que o assentasse firmemente sobre seus ombros.

– Você observará as Regras de Combate, naturalmente – comentou o Cavaleiro Branco, enquanto colocava o próprio capacete.

– Eu sempre as observo – disse o Cavaleiro Vermelho; de repente, ambos começaram a bater um no outro com suas armas, numa fúria tão grande que Alice escondeu-se atrás de uma árvore, para não ficar no caminho dos golpes.

– Fico imaginando quais são as Regras de Combate – murmurou para si mesma, enquanto observava a luta, olhando timidamente por um lado do tronco atrás do qual estava escondida. – Vejamos: uma regra parece ser que, se um Cavaleiro atinge o outro, ele sempre o derruba de seu cavalo, mas, se erra o golpe, ele mesmo se atira no chão. Outra regra parece ser que eles seguram as maças com os dois braços, como se estas fossem duas clavas ou dois porretes, e lutam tão ridiculamente como se estivessem representando Punch e Judy.[6] Que barulheira fazem cada vez que caem! É como se todos os ferros da lareira caíssem e batessem no guarda-fogo! E como esses cavalos são mansos... Deixam os Cavaleiros cair e subir de volta como se fossem mesas ou cadeiras!...

Outra Regra de Combate que a menina não percebeu parecia ser a de que sempre caíam de cabeça... – e a batalha terminou justamente no momento em que ambos caíram dessa forma, lado a lado, no chão. Quando se ergueram finalmente, apertaram-se as mãos e, depois disso, o Cavaleiro Vermelho montou em seu cavalo e foi embora galopando.

– Foi uma gloriosa vitória, não? – disse o Cavaleiro Branco, aproximando-se dela, resfolegando e bufando um pouco.

– Eu não sei – disse Alice, hesitante. – Não quero ser prisioneira de ninguém. Só quero seguir o meu caminho e virar Rainha.

– E você será, minha querida! Você será, assim que cruzar o próximo riacho! – disse o Cavaleiro Branco. – Vou acompanhá-la, a fim de que atravesse esta floresta com toda a segurança. Mas depois tenho de retornar, naturalmente. Esse vai ser o fim de meu lance.

– Agradeço-lhe muito – falou Alice. – Posso ajudá-lo a tirar o capacete?

Evidentemente, a tarefa estava além das forças dele. No entanto, a menina conseguiu auxiliá-lo, e finalmente o Cavaleiro livrou-se do capacete.

– Ah, que alívio! Agora posso respirar melhor – disse o Cavaleiro, empurrando para trás, com as duas mãos, seu cabelo desgrenhado, enquanto voltava para

Alice um rosto de aspecto gentil e com grandes e bondosos olhos. Ela pensou jamais ter encontrado um soldado tão estranho em toda a sua vida.

Ele estava vestido com uma armadura de estanho, que parecia assentar-lhe muito mal, e trazia uma pequena caixa de metal de aspecto muito curioso presa às suas costas, bem entre os ombros, de cabeça para baixo e com a tampa aberta e pendurada pela dobradiça. Alice ficou olhando para o utensílio com grande curiosidade.

– Vejo que você está admirando minha caixinha – comentou o Cavaleiro, em um tom de voz muito amigável. – Fui eu mesmo que a inventei, para guardar roupas e sanduíches. Observe que trago a caixa de cabeça para baixo, para que dentro dela não entre chuva.

– Mas as coisas que estavam dentro dela podem sair – observou Alice, com muita gentileza. – O senhor já percebeu que a tampa está aberta?

– Não. Eu não sabia disso – respondeu o Cavaleiro, um tanto aborrecido. – Mas então todas as minhas coisas devem ter caído! E a caixa de nada me serve se estiver vazia – comentou ele, desprendendo o objeto enquanto falava. Estava a ponto de jogá-la fora no meio dos arbustos, quando um pensamento súbito passou por sua cabeça e ele pendurou a caixa cuidadosamente no galho de uma árvore. – Sabe por que fiz isso? – indagou a Alice.

A menina sacudiu a cabeça negativamente.

– Tenho esperança de que algumas abelhas façam ninho dentro dela. Depois, poderei voltar para apanhar o mel.

– Mas você tem uma colmeia, ou alguma coisa muito parecida com uma colmeia, amarrada na sela – falou Alice.

– Sim, e é uma colmeia muito boa – disse o Cavaleiro, embora seu tom de voz soasse descontente e parecesse desmentir o que afirmava. – É da melhor espécie, extremamente bem construída, de fato. Mas até agora, nem uma só abelha se aproximou dela. E outra coisa que trago comigo é uma ratoeira, mas também não tem ratos. Suponho que sejam os camundongos que impedem que as abelhas se aproximem. Ou então são as abelhas que não deixam os camundongos chegarem. Não sei qual dos dois.

– Estava imaginando para que serviria a ratoeira – disse Alice. – Não é muito provável que apareçam ratos na sela de um cavalo.

– Talvez não seja muito provável – respondeu o Cavaleiro –, mas, se, por acaso, eles aparecerem, não quero que fiquem correndo por toda a parte. Você vê – prosseguiu, depois de uma pausa –, o melhor é que a gente esteja preparado para o que der e vier. É por essa razão que meu cavalo tem todas essas pulseiras largas ao redor das pernas.

– Mas para que servem elas? – perguntou Alice, com grande curiosidade.

– Para evitar mordidas de tubarões – replicou o Cavaleiro. – Fui eu mesmo que as inventei. E, agora, ajude-me a montar. Irei com você até o fim da floresta, para protegê-la. Mas por que está carregando esse prato?

– É para colocar nele um bolo de ameixa – respondeu Alice.

– Então é melhor o levarmos conosco – disse o Cavaleiro. – Vai ser muito útil, no caso de encontrarmos algum bolo de ameixa no meio das árvores. Ajude-me a colocá-lo dentro de meu alforje.

Essa operação levou muito tempo para ser realizada, embora Alice mantivesse o alforje aberto com muito cuidado, porque o Cavaleiro demonstrou ser muito desajeitado ao introduzir o prato na bolsa de couro: nas duas ou três primeiras vezes que tentou, acabou ele mesmo caindo dentro.

– Está muito apertado, sabe – disse ele, quando finalmente conseguiram guardar o prato. – Há uma porção de castiçais dentro do alforje – explicou, enquanto pendurava a grande bolsa na sela, que já estava carregada com maços de cenouras, com atiçadores de lareira e com uma porção de outras coisas necessárias.

– Espero que você tenha prendido bem os seus cabelos – prosseguiu ele, enquanto começavam a jornada.

– Prendi como prendo sempre – falou Alice, sorrindo.

– Não basta – disse ele, muito nervoso. – O vento é muito forte por aqui. É tão forte quanto uma sopa.

– Você tem algum um plano para evitar que os cabelos sejam arrancados pelo vento? – perguntou a menina.

– Ainda não – disse o Cavaleiro. – Mas tenho um plano que impede que o cabelo caia.

– Gostaria muito de saber como é.

– Primeiro, você pega uma varinha bem reta – disse o Cavaleiro. – Então, faz seu cabelo crescer trepando nela, como uma árvore frutífera. É bom que saiba que a razão pela qual os cabelos caem é que eles crescem para baixo. As coisas jamais caem para cima, você sabe. Eu mesmo inventei esse plano. Você pode experimentar, se quiser.

O plano não parecia ser muito confortável, pensou Alice, e, por alguns momentos, ela caminhou em silêncio, matutando sobre aquela ideia e, de vez em quando, parando para ajudar o pobre Cavaleiro, que certamente não cavalgava muito bem.

Sempre que o cavalo parava (o que fazia com bastante frequência), ele caía para a frente, e, sempre que o animal reiniciava a marcha (o que em geral fazia bruscamente), ele caía para trás. Nos intervalos, cavalgava bastante bem. Quer dizer, de vez em quando, tinha o hábito de cair para um lado; mas como, em geral, fazia isso justamente do lado em que Alice caminhava, ela chegou logo à conclusão de que a melhor tática era não caminhar muito perto do cavalo.

– Acho que o senhor não tem muita prática de cavalgar – animou-se a dizer, enquanto o ajudava a subir novamente na sela, após a quinta queda.

O Cavaleiro pareceu muito surpreso e até um pouco ofendido com essa observação.

– E o que a leva a dizer isso? – indagou, enquanto se arrastava para cima da sela, segurando os cabelos de Alice com uma das mãos, a fim de não cair para o outro lado do cavalo.

– Porque as pessoas não caem tanto assim, depois que têm bastante prática.

– Eu tenho muita prática – disse o Cavaleiro, com bastante dignidade. – Prática mais do que suficiente.

– É mesmo, senhor? – foi a única coisa que Alice conseguiu dizer, mas com o maior entusiasmo possível.

Depois disso, continuaram a marcha juntos, em silêncio. O Cavaleiro montava de olhos fechados, resmungando alguma coisa para si mesmo, enquanto Alice esperava, aflita, pelo próximo tombo.

– A grande arte de cavalgar – começou o Cavaleiro, subitamente, em voz bem alta, sacudindo o braço direito enquanto falava – é manter...

E, neste ponto, a sentença interrompeu-se tão bruscamente como havia começado, porque o Cavaleiro caiu pesadamente de cabeça sobre a estrada,

justamente à frente de Alice, que, dessa vez, ficou totalmente horrorizada, e perguntou, em um tom ansioso, enquanto o levantava do solo:

– O senhor não quebrou nenhum osso, quebrou?

– Nada de importante, não, obrigado – disse o Cavaleiro, como se não se importasse em quebrar dois ou três ossos dos menores. – A grande arte de cavalgar, como estava dizendo, é manter o equilíbrio adequado. Assim, veja...

Ele largou as rédeas e esticou os braços bem abertos, para demonstrar a Alice o que queria dizer – e dessa vez caiu estirado de costas no chão, bem embaixo das patas do cavalo.

– Tenho uma longa, uma longa prática! – insistiu, repetindo essa sentença durante todo o tempo em que Alice o ajudava a pôr-se de pé outra vez. – Tenho uma longa, uma longa prática!

– Não seja ridículo! – gritou Alice, que dessa vez perdera toda a paciência. – Você está precisando é de um cavalo de madeira com rodinhas, é nisso que você deveria cavalgar!

– E esse tipo marcha de forma uniforme e suave? – perguntou o Cavaleiro, com grande interesse, agarrando-se no pescoço do cavalo enquanto falava, bem a tempo de salvar-se do próximo tombo.

– Muito mais uniforme e suavemente do que um cavalo vivo – disse a menina, soltando então uma sonora gargalhada, apesar de todos os seus esforços para evitá-la.

– Então, vou arranjar um – disse o Cavaleiro, pensativamente, falando mais para si mesmo do que para ela. – Um, não. Dois. Vários.

Depois disso, seguiu-se um curto período de silêncio, e então o Cavaleiro recomeçou a falar:

– Sou muito bom para inventar coisas. Bem, ouso dizer que você percebeu, da última vez que me levantou do chão, que eu estava com um ar muito pensativo, não percebeu?

– Realmente, você estava um pouco sério – concordou Alice.

– Bem, acontece que, justamente naquele momento, estava inventando uma maneira nova de passar por cima de um portão. Você gostaria de saber como é?

– Sem a menor dúvida, senhor – respondeu Alice, com toda a educação.

– Vou lhe contar como foi que essa ideia surgiu – anunciou o Cavaleiro. – Eu disse comigo mesmo: “A única dificuldade são os pés. A cabeça já está alta o bastante para passar sem problemas”. Então, pensei o seguinte: primeiro, ponho a cabeça em cima do portão. É fácil, porque a cabeça é mais alta do que ele. Aí, me viro e fico de cabeça para baixo, entende? Com a cabeça apoiada no portão e com os pés lá em cima, muito mais no alto do que a cabeça e, portanto, muito mais alto do que o portão também. Aí, é só dar um impulso e passar por cima, percebe?

– Sim, imagino que você esteja nas últimas quando tudo acabar – disse Alice, pensativamente. – Mas não acha que isso tudo seria muito complicado?

– Eu ainda não experimentei – disse o Cavaleiro, gravemente. – Assim, não posso responder com certeza à sua pergunta. Mas, sim, acredito que seria realmente um pouco complicado.

Ele pareceu tão aborrecido com essa ideia, que Alice mudou de assunto bem depressa.

– Mas que capacete engraçado o senhor tem! – disse ela, alegremente. – Também é uma invenção sua?

O Cavaleiro olhou orgulhosamente para seu capacete, que estava pendurado na sela.

– Sim – disse ele. – Mas já inventei um capacete melhor do que este. Parecia um pão de açúcar. Quando eu o usava, cada vez que caía do cavalo, ele tocava o chão antes de mim. E, como era bem comprido, minha queda era muito menor! Mas havia um perigo muito grande – eu podia cair dentro dele, sem a menor dúvida. De fato, isso me aconteceu uma vez. Mas o pior foi que, antes de eu conseguir sair, o outro Cavaleiro Branco apareceu e o colocou na cabeça. Pensou que fosse seu próprio capacete.

O Cavaleiro parecia tão solene enquanto fazia tal relato, que Alice não ousou soltar sequer uma gargalhada.

– Que horror! Acho que você deve ter machucado o outro Cavaleiro – disse ela, com a voz trêmula –, já que estava sobre a cabeça dele!

– Tive de dar uns chutes em sua cabeça, naturalmente – disse o Cavaleiro, com a cara mais séria deste mundo. – Depois disso, ele conseguiu livrar-se do capacete. Mas levou horas e horas para conseguir me tirar de dentro. Foi tudo tão rápido como um relâmpago, você sabe. E fiquei muito apertado – como um relâmpago também, creio eu.

– Mas “rápido” e “apertado” são coisas muito diferentes – objetou Alice.

– Para mim não fez diferença – disse o Cavaleiro, sacudindo a cabeça. – Fiquei apertado muito depressa e foi bem depressa que me apertei lá dentro. Posso lhe garantir!

Em sua excitação, o Cavaleiro soltou as rédeas do cavalo e ergueu as duas mãos no ar, rolando instantaneamente para fora da sela e caindo de cabeça dentro de uma vala funda.

Alice correu até a beira da vala, a fim de procurá-lo. A menina ficou horrorizada com a nova queda, pois já há algum tempo ele vinha cavalgando excepcionalmente bem (para ele!). Temia que dessa vez ele realmente tivesse se machucado. Entretanto, embora só conseguisse ver as solas dos sapatos de metal dele, ficou muito aliviada ao ouvi-lo falando do mesmo jeito que antes, como se nada tivesse acontecido.

– Sim, foi muito rápido e ficou muito apertado – ele prosseguiu. – Mas foi muito descuido da parte dele colocar o capacete de outro homem – e com o próprio homem dentro, ainda por cima.

– Como é que você pode continuar falando tão tranquilamente, de cabeça para baixo? – indagou Alice, enquanto o puxava pelos pés e finalmente o largava à beira da vala.

O Cavaleiro pareceu muito surpreendido com a pergunta.

– E que importância tem o lugar em que meu corpo se encontra? – perguntou. – Minha mente continua a funcionar do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais de cabeça para baixo fico, mais facilidade tenho para inventar coisas novas.

Após uma pausa, prosseguiu:

– Mas a coisa mais inteligente que já fiz foi inventar a receita de um novo pudim enquanto comia um prato de carne em um banquete.

– A tempo de mandar cozinhá-lo para o fim da refeição? – indagou Alice. – Bem, dessa vez você certamente trabalhou depressa!

– Bem, não foi para o fim do banquete – disse o Cavaleiro, em um tom de voz lento e pensativo. – Não, certamente não foi servido nesse banquete.

– Quer dizer, então, que foi no dia seguinte? Suponho que você tenha comido algum outro tipo de pudim e que não quis comer dois de uma vez só, não foi?

– Bem, também não foi no dia seguinte – repetiu o Cavaleiro, no mesmo tom de antes. – Não, não foi no dia seguinte. Na verdade – prosseguiu, com a cabeça baixa e a voz saindo em um murmúrio cada vez mais inaudível – não acredito que esse pudim jamais tenha sido feito! Pior ainda, não acredito que venha a ser feito algum dia! Todavia, foi um pudim muito inteligente que inventei...

– E de que você queria que ele fosse feito? – perguntou Alice, esperando alegrá-lo, porque o pobre Cavaleiro parecia muito desapontado com aquela história toda.

– O primeiro ingrediente era papel mata-borrão – respondeu o Cavaleiro, com um gemido.

– Ah, mas não creio que ficasse muito gostoso!...

– Não, não ficaria gostoso, se fosse só isso – interrompeu o Cavaleiro, ansiosamente. – Mas você não tem a mínima noção da diferença que faz misturar mata-borrão com outras coisas. Por exemplo: pólvora e lacre... E aqui devo deixá-la.

Haviam justamente chegado ao fim da floresta. Alice pareceu confusa, porque ainda estava pensando no tal pudim.

– Você está com uma carinha triste – disse o Cavaleiro, muito preocupado. – Deixe-me cantar uma canção para confortá-la.

– É muito comprida? – indagou Alice, que já havia escutado poesia demais para um dia só.

– É longa, sim – concordou o Cavaleiro. – Mas é muito, muito bela. Todas as pessoas que me escutam cantá-la – ou ficam com lágrimas nos olhos ou então...

– Ou então o quê?... – quis saber Alice, porque o Cavaleiro tinha parado de repente.

– Ou então não ficam, naturalmente. A canção é chamada Olhos de Hadoque.

– Ah, o nome é esse então? – disse Alice, tentando sentir algum interesse.

– Não, você não entendeu – disse o Cavaleiro, um pouco envergonhado. – É assim que é chamado. Mas o nome realmente é O velhinho bem velhinho.

– Então eu deveria ter dito: “É assim que a canção é chamada”? – falou Alice, corrigindo sua pergunta anterior.

– Não, não deveria. Isso é uma coisa completamente diferente! A canção é chamada de Maneiras e meios: mas isso é apenas o nome pelo qual é chamada, você compreende?

– Bem, qual é a canção, então? – disse Alice, que a essa altura estava totalmente apatetada.

– Eu já ia chegar lá – disse o Cavaleiro. – A canção realmente é Sentado em um portão, e a letra e a música são de minha lavra... quer dizer, tudo é uma invenção minha.

Dito isso, ele fez parar o cavalo e deixou as rédeas caírem sobre seu pescoço. Depois, batendo lentamente o compasso com uma das mãos, e com um leve sorriso iluminando seu rosto gentil e um tanto tolo, como se apreciasse muito a melodia de sua canção, começou.

De todas as coisas estranhas que Alice encontrou em sua viagem Através do Espelho, esta era a única que ela sempre conseguia lembrar com a maior clareza. Anos depois, conseguia trazer à memória a cena inteira, como se tivesse ocorrido ontem. Os doces olhos azuis e o sorriso bondoso do Cavaleiro, o sol do crepúsculo brilhando através de seus cabelos desgrenhados e reluzindo em sua armadura, num fulgor de luz que a ofuscava, o cavalo a mover-se lentamente, com as rédeas soltas ao redor do pescoço, mordiscando a relva a seus pés, as sombras negras que se acumulavam na floresta às suas costas. Tudo isso ela gravou como se fosse um quadro, ao mesmo tempo em que, com uma das mãos, cobria os olhos para defendê-los da luz e, apoiada contra o tronco de uma árvore próxima, observava o estranho par e escutava, meio acordada, meio em sonho, a música melancólica da canção.

– Mas a melodia não é uma invenção dele – murmurou para si mesma. – Chama-se Eu já te dei tudo e nada mais posso fazer. A menina ficou ali parada, escutando com toda a atenção, mas nenhuma lágrima veio aos seus olhos.

Eu vou lhes contar tudo quanto puder.

Embora bem curta pareça esta história:

Um velhinho bem velhinho encontrei

Sentado sozinho junto à porteira.

Seu nome perguntei e logo indaguei:

“E como dirige sua vida matreira?”

Na mente a resposta afinal registrei

Como água passando por uma peneira.

“Borboletas alegres na vida eu procuro” –

Disse ele – “que dormem no meio do trigo.

E faço pastéis com a carne que eu curo

De ovelha e cordeiro; e nas ruas eu digo

Ao homem que compra, ao bom marinheiro

Que as velas enfuna na fúria dos mares,

Que a carne é saudável pernil de carneiro

E assim vou levando minha vida aos azares...”

Enquanto escutava, eu pensava em um plano:

Queria de verde minha barba pintar;

Queria abanar-me com leque de pano

De um jeito que o rosto pudesse ocultar.

E assim que o velhinho findou seu relato

Não tive resposta que lhe declarasse;

E então, na cabeça, com os dedos lhe bato,

Sua vida insistindo que me confessasse.

À balada retorna, com voz bem viril: –

“Eu sigo” – diz ele – “o alcantil da montanha:

E quando um riacho eu encontro, gentil,

Eu ponho-lhe fogo, derreto uma banha

E assim eu fabrico um forte elixir

Que rotulo ‘Rowlands – Óleo de Macassar’

Mas, por cada garrafa, só posso pedir

Duas patacas e meia, porque mais não vão dar!”

Porém, todo o tempo, eu só estava pensando

Em me alimentar na panela de grude.

Sem comer mais nada, assim mesmo engordando.

Quando ele parou, fui um pouco mais rude:

Agarrei-o dos ombros, sacudi-o sem pena,

Deixei-o azulado por falta de ar!...

– “Como é que tu vives?” – eu fiz uma cena. –

“Me conte o que faz, senão vou te matar!”

Ele disse: “Eu procuro os olhos de hadoques

Por entre a charneca, por entre o capim;

No silêncio da noite, os transformo em berloques

Ou botões de colete e alguns guardo pra mim;

Mas muitos eu vendo, não a peso de ouro,

Nem por prata brilhante, mas por moedinhas;

Por tostões de cobre amarrados em couro

Dou nove botões e as sobras são minhas.

"Do chão eu escavo o pão com manteiga;

Com galhinhos treinados eu pego siris;

Às vezes procuro na relva mais meiga

Carruagens e rodas – e isto lhe diz"

(Respondeu, piscando) – "qual seja a maneira

Que minha fortuna ajuntar permitiu...

Se me der a honra de pagar a primeira,

Bebo à sua saúde – Vossa Graça me ouviu!"

Dessa vez escutei, porque tinha acabado

De um projeto importante o planejamento:

Da Ponte de Menai conservar o traçado

"Fervendo em bom vinho todo o seu vigamento

E assim evitando da ferrugem o estrago!"

E então ao velhinho muito agradeci

Por beber-me à saúde um límpido trago

E por ricos segredos que enfim percebi!...

E hoje, se acaso, por sorte ou azar,

Lambuzo meus dedos com cola grudenta

Ou meu pé direito procuro enfiar

No sapato esquerdo, em tortura bem lenta;

Se, às vezes, eu deixo cair no dedão

Um peso bem grande e sofro bastante,

Eu choro, pois lembro no meu coração

Daquele velhinho, que ouvi num instante.

De aspecto calmo, de voz muito lenta,

Cabelos mais brancos que a neve do chão,

Cuja fisionomia a memória ainda tenta

Lembrar com saudade, lembrar com razão:

Um bico de corvo recorda o nariz;

As brasas, as chamas, o fogo, a lareira

Relembram seus olhos e o tempo me diz

Que estava perdido naquela porteira.

De mágoas tomado, senil, distraído,

O corpo movendo pra frente e pra trás,

Resmunga sem dentes o rosto sofrido,

Mastiga a gengiva e não satisfaz!

Como um búfalo o velho frequente roncava

Naquela tardinha de antigo verão;

E muito tranquilo, sua morte aguardava,

Sentado sozinho num velho portão!

Assim que o Cavaleiro cantou as últimas palavras da balada, pegou as rédeas e voltou a cabeça de seu cavalo na direção de onde tinha vindo.

– Você tem apenas alguns metros a percorrer – disse ele. – Desça a colina, atravesse aquele pequeno riacho e então você será uma Rainha. Mas, por favor, fique mais um pouquinho até que eu vá embora, sim? – suplicou, enquanto Alice lançava um olhar ávido na direção para a qual ele havia apontado. – Eu não vou me demorar muito. Você vai me esperar e abanar com seu lencinho até eu chegar àquela curva da estrada? Acho que isso vai me encorajar, sabe?

– É claro que eu vou esperar – respondeu Alice. – E muito obrigada por ter me acompanhado todo esse tempo. E pela canção também. Realmente gostei muito dela.

– Espero que tenha gostado – disse o Cavaleiro, com alguma dúvida na voz. – Na verdade, você não chorou tanto quanto pensei que fosse chorar.

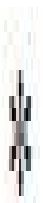
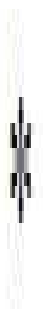
Então apertaram-se as mãos, e o Cavaleiro seguiu lentamente na direção da floresta.

– Não vai demorar para ele levar outra queda, acredito – disse Alice com seus botões, observando a estranha figura ir diminuindo lentamente. – Pronto! Lá se foi ele! De cabeça, como sempre! Seja como for, está montando de novo com bastante facilidade. É o que dá ter tantas coisas penduradas ao redor da sela do cavalo.

E assim ela prosseguiu, falando sozinha, enquanto olhava o cavalo caminhar lentamente ao longo da estrada e o Cavaleiro cair da sela, primeiro para um lado e depois para o outro. Após o quarto ou quinto tombos, chegou à curva e então a menina abanou seu lencinho e aguardou até que o velho Cavaleiro desaparecesse de vista.

– Espero tê-lo encorajado – disse ela, voltando-se para correr colina abaixo. – E, agora, atravessar o último dos riachos e virar Rainha! Que coisa mais linda! Como isso soa importante!

Mais alguns passos e ela chegou à margem do riacho.

– A Oitava Casa, finalmente! – gritou enquanto saltava...

... e caía sobre o solo, para repousar sobre um gramado tão macio quanto musgo, com pequenos canteiros de flores aparecendo aqui e ali.

– Ah, como estou feliz de ter chegado aqui! Mas o que é isso em minha cabeça? – exclamou, num tom de desânimo, ao erguer as mãos e tocar em alguma coisa muito pesada que estava colocada bem firme sobre sua cabeça.

– Mas como é que isso chegou aqui sem que eu percebesse? – disse ela, retirando o objeto de sua cabeça e colocando-o no colo, a fim de descobrir o que poderia ser.

Era uma coroa de ouro.

[6]. Punch e Judy são personagens de um espetáculo tradicional de fantoches muito popular na Inglaterra, em que Punch, um pequeno corcunda com um espetacular nariz de gancho, luta comicamente com sua esposa Judy... O termo Punch and Judy show designa familiarmente qualquer disputa ridícula provocada por uma ninharia e foi introduzido na literatura a partir de 1876, embora fosse de uso corrente no inglês coloquial por muitos séculos. (N.T.)

Capítulo IX

A rainha Alice

– Bem, isso é maravilhoso! – falou Alice. – Eu nunca esperei tornar-me Rainha tão ligeiro... E vou lhe dizer uma coisa, Majestade – prosseguiu a menina, em um tom de voz muito severo (ela adorava repreender a si mesma) –, não fica bem Vossa Majestade ficar rolando assim no gramado! As Rainhas têm de ter dignidade, você sabe muito bem disso!

Assim, ela se ergueu e começou a andar para cá e para lá – a princípio muito dura, porque temia que a coroa caísse de sua cabeça: mas se confortou com o pensamento de que não havia ninguém mesmo para vê-la e podia ensaiar à vontade.

– Depois, se sou mesmo uma Rainha – disse ela, sentando-se de novo –, dentro de pouco tempo eu saberei andar como uma.

Naquela terra, tudo acontecia de maneira tão estranha que Alice não ficou nem um pouco surpresa de encontrar a Rainha Vermelha e a Rainha Branca sentadas junto a ela, uma de cada lado. Ela gostaria muito de perguntar-lhes de que maneira tinham chegado ali, mas temia ser isso falta de educação. Contudo, não havia mal algum em perguntar – pensou ela – se o jogo tinha terminado.

– Por favor, Vossa Majestade, poderia fazer a gentileza de me dizer... – começou ela, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

– Só fale quando alguém lhe dirigir a palavra! – interrompeu a Rainha Vermelha, bruscamente.

– Mas, se todo mundo obedecer a essa regra – disse Alice, que estava sempre pronta para iniciar uma pequena discussão – e se você somente falar quando alguém lhe dirigir a palavra e a outra pessoa sempre esperar que você comece, ninguém vai falar nada nunca, você entende? E assim...

– Ridículo! – exclamou a Rainha Vermelha. – Ora, você não percebe, criança... – e aqui ela se interrompeu, franziu a testa e, depois de pensar por um minuto, subitamente mudou o assunto da conversa. – O que você quis dizer com aquela frase absurda: “Depois, se sou mesmo uma Rainha”? Que direito tem de considerar-se uma? Você não pode ser uma Rainha, fique sabendo, enquanto não passar pelos exames. E, quanto mais cedo começarmos, melhor.

– Eu só falei “se”...! – desculpou-se a pobre Alice, em um tom de lamento.

As duas Rainhas se olharam, e então a Rainha Vermelha observou, com um pequeno estremecimento:

– Ela diz que somente falou “se”...!

– Mas ela falou muito mais do que isso! – gemeu a Rainha Branca, torcendo as mãos. – Oh, ela falou mesmo muito mais do que isso!

– Você falou mesmo e sabe disso – afirmou a Rainha Vermelha para Alice. – Fale sempre a verdade – pense antes de falar – e, depois que tiver falado, escreva tudo.

– Eu tenho certeza de que não quis dizer... – Alice começou, mas a Rainha Vermelha a interrompeu, impacientemente.

– É justamente disso que estou me queixando! Você deveria ter querido dizer! Para que você pensa que serve uma criança que não sabe o que quer dizer? Até mesmo uma brincadeira deve ter um significado – e uma criança é mais importante do que uma brincadeira, espero eu. Você não pode negá-lo, mesmo que tente com as duas mãos.

– Eu não posso negar coisas com as minhas mãos – objetou Alice.

– Ninguém disse que você fez isso – falou a Rainha Vermelha. – Eu disse que você não poderia fazê-lo, mesmo que tentasse.

– Ela está naquela disposição de espírito – disse a Rainha Branca – em que quer negar alguma coisa... só não sabe o quê!

– Um mau gênio cruel e terrível – observou a Rainha Vermelha. Depois disso, houve um silêncio embaraçoso por um minuto ou dois.

A Rainha Vermelha finalmente o quebrou, ao dizer à Rainha Branca:

– Quero convidá-la para o banquete de Alice esta noite.

A Rainha Branca deu um sorriso pálido e disse:

– E eu quero convidar você.

– Eu não sabia que estava dando uma festa – disse Alice. – Mas se vai haver uma, acho que eu é que deveria convidar as pessoas.

– Nós lhe demos a oportunidade de fazer isso – observou a Rainha Vermelha –, mas ouso dizer que você ainda não recebeu muitas lições de boas maneiras.

– Boas maneiras não são ensinadas por meio de lições – discordou Alice. – As lições servem para você aprender matemática e coisas desse tipo.

– Você saber fazer uma adição? – perguntou a Rainha Branca. – Quanto é um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?

– Eu não sei – respondeu Alice. – Perdi a conta.

– Ela não sabe fazer uma adição – interrompeu a Rainha Vermelha. – Você consegue fazer uma subtração? Quanto são oito menos nove?

– Mas eu não posso tirar nove de oito, você sabe – replicou Alice prontamente. – Mas...

– Ela não sabe fazer uma subtração – disse a Rainha Branca. – Pelo menos, consegue fazer uma divisão? Divida uma bisnaga de pão por uma faca: qual é a resposta disso?

– Suponho... – começou Alice.

Porém, a Rainha Vermelha respondeu por ela:

– Pão com manteiga, naturalmente. Vamos tentar outra operação de subtração: tire um osso de um cachorro: o que fica?

Alice considerou a adivinhação:

– O osso não iria ficar, é claro, porque eu o tirei. E o cachorro não iria ficar também, ele viria me morder. E tenho certeza de que eu não ficaria!

– Então você acha que não ficaria nada? – inquiriu a Rainha Vermelha.

– É. Acho que a resposta é essa.

– Errado, como sempre – disse a Rainha Vermelha. – Iria ficar a paciência do cachorro.

– Mas eu não vejo como...

– Ora, pense direito! – gritou a Rainha Vermelha. – O cachorro iria perder a paciência com você, não iria?

– Talvez perdesse – concordou Alice, cautelosamente.

– Então, se o cachorro fosse embora, a paciência dele ficaria! – exclamou a Rainha, triunfantemente.

Alice falou da maneira mais séria que pôde:

– Talvez eles fossem cada um para o seu lado – enquanto pensava consigo mesma: “Mas que tolices estamos dizendo!”.

– Ela simplesmente não sabe fazer contas – disseram juntas as duas Rainhas, enfaticamente.

– E você, sabe fazer contas? – perguntou Alice, voltando-se subitamente para a Rainha Branca, porque não estava gostando que lhe botassem tantos defeitos sem motivo.

Então a Rainha engoliu em seco e fechou os olhos.

– Eu sei somar – disse ela –, se você me der o tempo necessário. Mas não sei subtrair, quaisquer que sejam as circunstâncias!

– Naturalmente você conhece o ABC – provocou a Rainha Vermelha.

– É claro que conheço – retorquiu Alice.

– Pois eu também conheço – acrescentou a Rainha Branca, num cochicho. – Muitas vezes repetimos o alfabeto juntas, querida. E vou lhe contar um segredo: sei ler palavras escritas com uma letra só! Isso não é maravilhoso? Entretanto, não perca a coragem. No devido tempo, você também aprenderá.

Aqui, a Rainha Vermelha começou novamente:

– Por acaso você sabe responder a perguntas úteis? – indagou. – Como é que se faz pão?

– Ah, isso eu sei! – falou Alice, com entusiasmo. – A gente apanha flor de farinha...

– E onde é que você apanha essa flor? – quis saber a Rainha Branca. – Em um canteiro de jardim ou no meio das sebes?

– Bem, a gente não apanha realmente – explicou Alice. – A gente mói o trigo bem fino que fica como um pó branco...

– Você pega o pó do chão? Quantos hectares? – disse a Rainha Branca. – Você tem de ser mais precisa, não pode estar deixando tantas informações de fora.

– Abane a cabeça dela! – interrompeu a Rainha Vermelha, muito ansiosa. – Ela vai ficar com febre de tanto pensar.

Assim, elas pegaram maços de folhas das árvores e puseram-se a abaná-la vigorosamente, até que a menina teve de pedir que parassem, porque seus cabelos esvoaçavam para todos os lados.

– Acho que ela já está bem – disse a Rainha Vermelha. – Você conhece línguas? Como é que se diz putzgrila em francês?

– Putzgrila não é português – replicou Alice, com seriedade.

– E quem foi que disse que era? – redarguiu a Rainha Vermelha.

Alice pensou que havia um jeito de safar-se da dificuldade dessa vez.

– Se você me disser de que língua veio a palavra putzgrila, lhe darei a tradução em francês! – exclamou, triunfalmente.

Mas a Rainha Vermelha se empertigou toda e falou:

– Rainhas nunca fazem acordos.

“Gostaria que as Rainhas nunca fizessem perguntas”, pensou Alice.

– Não vamos discutir – intrometeu-se a Rainha Branca, ansiosamente. – Qual é a razão por que caem os raios?

– A causa dos raios – falou Alice, com decisão, pois tinha certeza absoluta disso – são os trovões. Não, não! – corrigiu-se apressadamente. – É exatamente o contrário.

– Agora é tarde para corrigir sua resposta – afirmou a Rainha Vermelha. – No momento em que você diz uma coisa, já está dita, de modo que você deve aceitar as consequências.

– Isso me faz lembrar – disse a Rainha Branca, com os olhos baixos e torcendo e

retorcendo as mãos nervosamente – que nós tivemos uma tempestade tão forte na quinta-feira passada... Quero dizer, numa das quintas-feiras do último conjunto de quintas-feiras.

Alice ficou muito confusa.

– Em nosso país – observou –, só existe um dia da semana de cada vez.

– Mas que maneira mais idiota de fazer as coisas – respondeu a Rainha Vermelha. – Aqui em nosso país, geralmente, os dias e as noites vêm em grupos de dois e três. Algumas vezes, no inverno, chegamos a ter cinco noites juntas: para aquecerem umas às outras, é claro.

– Então, cinco noites de inverno são mais quentes do que uma? – Alice animou-se a perguntar.

– Cinco vezes mais quentes, é claro.

– Mas elas deveriam ser cinco vezes mais frias!...

– Pois acertou na mosca! – exclamou a Rainha Vermelha. – São cinco vezes mais quentes e também cinco vezes mais frias. Exatamente como sou cinco vezes mais rica do que você e também cinco vezes mais esperta!

Alice deu um suspiro e desistiu.

“Essa conversa toda é como uma adivinhação que não tem resposta!”, pensou.

– Humpty Dumpty também viu isso, sabe? – começou a Rainha Branca, em voz baixa, parecendo estar falando sozinha. – Ele veio até a nossa porta com um saca-rolhas na mão...

– E o que queria? – quis saber a Rainha Vermelha.

– Ele disse que iria entrar de qualquer jeito – continuou a Rainha Branca –, porque estava procurando um hipopótamo. Mas acontece que naquela manhã nós não tínhamos nenhum em casa.

– E costumam ter? – perguntou Alice, espantadíssima.

– Bem, só nas quintas-feiras – respondeu a Rainha.

– Eu sei o que é que queria de verdade – interrompeu Alice. – Queria castigar os peixinhos, pois...

No entanto, a Rainha Branca recomeçou:

– Pois foi uma tempestade tão horrível que você nem pode imaginar!

– Ela nunca poderia, você sabe – disse a Rainha Vermelha.

– Uma parte do telhado caiu, e os trovões entraram pela casa e começaram a rolar através das peças em enormes bolas, derrubando tudo! Fiquei tão assustada que não conseguia lembrar meu próprio nome!

“Eu nem ao menos tentaria lembrar meu nome no meio de um desastre!”, pensou Alice. “De que adiantaria?”

Porém, é claro que ela não disse isso em voz alta, por medo de ofender a Rainha.

– Vossa Majestade deve perdoá-la – disse a Rainha Vermelha a Alice, segurando uma das mãos da Rainha Branca e acariciando-a gentilmente. – Ela tem um bom coração, mas em geral não consegue parar de dizer tolices.

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que achou que deveria dizer alguma coisa gentil, mas que realmente não conseguia pensar em nada.

– Na verdade, ela nunca recebeu uma boa educação – prosseguiu a Rainha Vermelha. – Mas é espantoso como tem bom gênio! Basta dar uns tapinhas em sua cabeça e a coitada fica toda feliz!

Entretanto, isso era muito mais do que Alice teria coragem de fazer.

– Um pouco de bondade... colocar uns papelotes no cabelo dela... isso dá resultados maravilhosos!

A Rainha Branca soltou um profundo suspiro e deitou a cabeça no ombro de Alice.

– Estou com tanto sono! – gemeu.

– Está cansada, a pobrezinha! – disse a Rainha Vermelha. – Alise seus cabelos... empreste-lhe seu gorro de dormir... e cante uma canção de ninar bem tranquilizante!

– Mas eu não trouxe comigo um gorro de dormir – disse Alice, enquanto tentava seguir a primeira instrução. – E não conheço nenhum acalanto tranquilizante.

– Então terei de cantar eu mesma – disse a Rainha Vermelha. E começou:

Adormeça no colo de Alice, senhora,

Espere o banquete – está quase na hora!

Iremos ao baile, depois do festim:

Rainhas Branca e Vermelha, e Alice por fim!

– Agora você já sabe a letra – acrescentou, colocando a cabeça no outro ombro de Alice. – Pois então cante tudo para mim. Estou ficando com sono também.

E, logo em seguida, as duas Rainhas estavam ferradas no sono e roncando alto.

– O que é que eu vou fazer? – exclamou Alice, olhando em volta de si, cheia de perplexidade, enquanto uma cabeça redonda e então a outra rolavam de seus ombros e se acomodavam em seu colo como dois sacos pesados. – Acho que isso nunca aconteceu antes, que alguém tivesse de cuidar de duas Rainhas adormecidas ao mesmo tempo! Não, nem em toda a História da Inglaterra. Não poderia ter acontecido, naturalmente, porque nunca houve mais do que uma Rainha de cada vez. Tratem de acordar, suas coisas pesadas! – prosseguiu, impaciente. Contudo, não houve resposta, salvo um leve ressonar.

Todavia, aconteceu que o ressonar foi se transformando em um ronco e ficando mais claro a cada minuto, até começar a soar como uma melodia. Finalmente, Alice pôde até entender algumas palavras e começou a escutá-los com tanta atenção que, quando as duas grandes cabeças subitamente desapareceram de seu colo, ela mal sentiu falta delas.

Estava parada diante de uma porta em arco, sobre a qual estavam escritas as palavras RAINHA ALICE em letras bem grandes, e, de cada lado do arco, havia uma campainha. Numa estava indicado Campainha das visitas e na outra, Campainha dos criados.

– Acho melhor esperar até que essa canção termine – pensou Alice – e então tocarei a campainha... Mas... qual das campainhas devo tocar? – prosseguiu ela, extremamente confusa. – Não sou uma visita nem sou uma criada. Deveria haver uma outra campainha marcada Rainha, ora essa!...

Exatamente nesse instante, a porta se abriu um pouquinho e uma criatura com um longo bico colocou a cabeça para fora por um momento e disse:

– A entrada está proibida até a semana depois da semana que vem! – e fechou a porta de novo, com uma batida forte.

Alice bateu e tocou as campainhas em vão por um longo tempo, mas, finalmente, um Sapo muito velho, que estava sentado embaixo de uma árvore, levantou-se e veio manquitolando em sua direção. Estava vestido com uma roupa amarela brilhante e calçava um enorme par de botas.

– Qual ser o problema? – perguntou o Sapo, em um cochicho rouco e profundo.

Alice deu a volta nos calcanhares, pronta a brigar com qualquer pessoa.

– Onde é que está o criado que tem obrigação de atender à porta? – começou zangada.

– Mas que porta? – inquiriu o Sapo.

Alice quase bateu com o pé no chão, de tão irritada com a voz lenta e arrastada do seu interlocutor.

– Esta porta, é claro!

O Sapo olhou para a porta, com seus grandes olhos opacos, durante um minuto. Então, chegou mais perto e esfregou o polegar nela, como se estivesse experimentando para ver se saía a tinta. Só depois olhou para Alice.

– Atender à porta? – disse ele. – Mas o que é que a porta está querendo?

Sua voz era tão rouca que Alice mal conseguia entendê-lo.

– Não entendo o que você quer dizer – protestou ela.

– Eu falar português, não falar? – insistiu o Sapo. – Ou você ser surda? O que foi que a porta pedir a você?

– Não me pediu nada! – falou Alice, impacientemente. – Eu é que estou batendo nela!

– Mas não deveria... não deveria mesmo – resmungou o Sapo. – Ela ficar aborrecida, compreender?

Então, o animal avançou e deu um pontapé na porta com um de seus grandes pés.

– Você deixar ela em paz – falou ele, ofegante, enquanto manquitolava de volta para seu lugar, debaixo da árvore. – E ela deixar você em paz, entender?

Nesse momento, a porta se escancarou e escutou-se uma voz estridente cantando:

Ao País do Espelho, Alice proclama:

“Tenho um cetro na mão e a coroa à cabeça!

Vinde hoje ao jantar e ninguém disso esqueça:

Que Alice oferece, agora que é Rainha!

Pois venham comigo ao jantar, Criaturas

Do Espelho – e conservem suas mentes bem puras!

Com a Branca Rainha e a Vermelha também,

Um banquete entre amigos no Mundo do Além!”

Então, centenas de vozes cantaram em coro:

Pois encham os copos com grande presteza

E recubram as toalhas com flocos de aveia!

Dos cristais e baixelas o brilho incendeia

E os convivas se ajuntam, cantando, na mesa!

Os casacos bem limpos, refulgindo os botões –

Ponham ratos no chá e declamem canções!

No café ponham gatos, açúcar e grês:

Salve Alice Rainha, por trinta vezes três!...

Seguiu-se um barulho confuso de gritos de alegria e brindes, e Alice pensou:

– Por trinta vezes três, eles devem querer dizer noventa. Ou, então, são trinta e três. Será que alguém está contando os brindes?...

Em um minuto, houve silêncio novamente e a mesma voz estridente entoou outra estrofe:

“Criaturas do Espelho!” – Alice convoca –

“Contemplar-me é uma honra, escutar é um prazer!

Vinde todas agora a dançar e a comer,

Enquanto o copeiro outro prato retoca.

Será um privilégio tomar chá e jantar;

Com a Rainha Vermelha poder conversar;

Pois Alice é Rainha e a todos eu digo:

Que a Branca Rainha hoje bebe comigo!...”

Seguiu-se o coro novamente:

Pois encham os copos com melado e com tinta

E passem a noite em feroz bebedeira!

Porém não se exaltem, que é só brincadeira

E com brindes sinceros não haja quem minta!

Ponham areia na cidra e lã dentro do vinho,

Misturem no ponche bastante azevinho –

Pois neste banquete só comer não contenta:

Salve Alice Rainha nove vezes noventa!...

– Nove vezes noventa! – repetiu Alice, em desespero. – Ora, eles nunca vão chegar ao fim! É melhor que eu entre de uma vez...

E, assim, ela atravessou a porta escancarada e houve um silêncio mortal no momento em que entrou no salão.

Alice olhou nervosamente para as mesas, enquanto caminhava ao longo do grande salão, e percebeu que havia cerca de cinquenta convidados de todos os tipos: alguns eram animais; outros, pássaros; e havia até mesmo algumas flores no meio deles.

“Estou contente que tenham vindo sem esperarem para ser convidados”, pensou. – Eu jamais saberia quais as pessoas certas convidar!

Havia três cadeiras na cabeceira da longa mesa. As Rainhas Branca e Vermelha já haviam ocupado duas delas, mas a cadeira central estava vazia. Alice sentou-se nela, muito pouco à vontade por causa do silêncio, e desejando ardentemente que alguém falasse.

Finalmente, a Rainha Vermelha começou:

– Você perdeu a sopa e o peixe – disse ela. – Tragam o pernil!

E então os copeiros colocaram um pernil de carneiro diante de Alice, que olhou para ele muito ansiosa, uma vez que nunca tivera de trinchar uma carne antes.

– Você parece um pouco tímida. Permita-me apresentá-la a esse pernil de carneiro – disse a Rainha Vermelha. – Alice, este é o Carneiro; Carneiro, esta é Alice.

A perna de carneiro ergueu-se no prato e fez uma breve curvatura perante Alice, que a retribuiu, sem saber se devia amedrontar-se ou divertir-se com aquilo.

– Posso oferecer-lhes uma fatia? – disse ela, pegando a faca e o garfo e olhando de uma Rainha para a outra.

– Certamente que não – disse a Rainha Vermelha, muito decidida. – A etiqueta não permite cortar fatias de alguém a quem acaba de ser apresentada. Removam o pernil!

Imediatamente, os copeiros levaram o pernil para fora do salão e trouxeram um grande pudim de ameixa em seu lugar.

– Por favor, não me apresentem ao pudim – pediu Alice, bem depressa. – Caso contrário, não vai haver jantar algum. Posso servir um pouco para vocês?

No entanto, a Rainha Vermelha ficou com cara de amuada e rosnou:

– Pudim, esta é Alice; Alice, este é o Pudim. Removam o pudim!

E os copeiros retiraram o segundo prato tão depressa que Alice não teve tempo sequer de retribuir o cumprimento feito por ele.

Todavia, ela não conseguia entender por que a Rainha Vermelha era a única a dar ordens no banquete. Assim, à guisa de experiência, ela ordenou:

– Copeiro! Traga de volta o pudim!

E lá estava ele de volta prontamente, como num passe de mágica. Era tão grande que ela não podia deixar de sentir-se um pouco intimidada perante ele, do mesmo jeito que estivera perante o pernil de carneiro. Todavia, dominou com grande esforço sua timidez e cortou uma fatia, que passou à Rainha Vermelha.

– Mas que impertinência! – exclamou o Pudim. – Imagino como você se sentiria se eu fosse cortar uma fatia de você, criatura!

O Pudim falou com uma voz espessa e gordurosa, e Alice não soube o que responder. Simplesmente ficou ali sentada, olhando com espanto para o prato de comida e engolindo em seco.

– Diga alguma coisa – ordenou a Rainha Vermelha. – É ridículo deixar que o Pudim se encarregue de toda a conversação!

– Sabe, hoje recitaram tantos poemas para mim – começou Alice, um pouco amedrontada, porque, assim que abriu a boca, fez-se de novo aquele silêncio mortal e todos os olhos se fixaram nela. – E foi uma coisa muito interessante, penso eu: todas as poesias se referiam a peixes, de uma forma ou de outra. Você sabe por que aqui as pessoas gostam tanto de peixe?

Ela se dirigiu à Rainha Vermelha, cuja resposta fugia um pouco do assunto.

– Quanto a peixes – disse ela, muito lenta e solenemente, com a boca próxima ao ouvido de Alice –, Sua Majestade Branca conhece uma linda adivinhação, toda em versos, naturalmente, a respeito deles. Quer que ela declame?

– Vossa Majestade Vermelha é muito gentil em mencionar – murmurou a Rainha Branca na outra orelha de Alice, em uma voz que parecia o arrulhar de uma pomba. – Eu ficaria tão contente! Você me deixa?

– Faça-me o favor, Majestade – respondeu Alice, muito polidamente.

A Rainha Branca riu, cheia de alegria, e fez um carinho na bochecha de Alice. Depois, começou:

Primeiro, o peixinho deve ser apanhado.

Isso é fácil: até

Um bebê tem pescado;

A seguir, o peixinho deve ser adquirido.

É barato: nas bancas

De uma feira ou mercado

Um centavo adquire um peixão bem comprido!

Depois, o peixinho tem de ser cozinhado.

Isso é fácil: até

Se prepara na hora!

Mais adiante, o peixinho tem de ser ensopado.

É barato: num prato

Deposita a senhora

Com bastante tempero e com molho dourado!

Mas o mais importante vem em terceiro lugar.

Isso é fácil: até

Um bebê, sobre a mesa

A travessa quentinha poderá colocar.

É barato: o difícil

O que dá mais despesa

É a força precisa para a tampa tirar!

A tampa do prato tem de ser retirada.

É difícil: parece

Que é grudada com goma!

Prende à tampa a travessa com força e pressão!

E agora: você

Antes que a gente coma,

Tira a tampa primeiro ou resolve a questão?

– Você tem um minuto para pensar, depois tem de adivinhar – disse a Rainha Vermelha. – Enquanto isso, beberemos à sua saúde. À saúde da Rainha Alice!!! – berrou ela o mais alto que pôde, e todos os hóspedes começaram a beber imediatamente, embora de maneiras muito estranhas. Alguns deles colocavam os copos no alto das cabeças, virados ao contrário, como abafadores de velas, e bebiam tudo o que escorria pelo seu rosto. Outros viravam as jarras e bebiam o vinho enquanto este escorria pelas beiradas da mesa. Três deles (que eram muito parecidos com cangurus) saltaram sobre um prato de carne assada e começaram gulosamente a lamber o molho, "como porcos no cocho", pensou Alice.

– Você deve agradecer ao brinde com um lindo discurso – disse a Rainha Vermelha e, enquanto falava, olhava carrancuda para Alice.

– Nós vamos lhe dar todo o nosso apoio, entendeu? – cochichou a Rainha Branca, enquanto Alice se erguia para cumprir a tarefa, obedientemente, mas um pouco assustada.

– Agradeço muitíssimo – murmurou a menina, em resposta –, mas acho que posso fazer isso sozinha, sem o auxílio de ninguém.

– Acho que não vai dar certo – disse a Rainha Vermelha, muito decidida, de modo que Alice optou por submeter-se de bom grado.

(– E como elas me empurravam! – comentou depois, ao relatar à sua irmãzinha a história do banquete. – A impressão que dava é que elas queriam me achatar!)

De fato, foi extremamente difícil para ela manter-se em seu lugar, enquanto fazia o discurso. As duas Rainhas (para lhe dar apoio) a empurravam tanto, uma de cada lado, que quase a levantavam no ar.

– Ergo-me agora para agradecer... – começou Alice. E ela realmente ergueu-se, enquanto falava, quase dez centímetros. No entanto, agarrou-se à beirada da mesa e conseguiu baixar até que seus pés tocaram o chão.

– Tenha cuidado! – gritou a Rainha Branca, agarrando os cabelos de Alice com as duas mãos. – Alguma coisa vai acontecer!...

E, então (conforme Alice descreveu mais tarde), todos os tipos de coisas começaram a acontecer ao mesmo tempo. As velas cresceram até chegarem ao teto, parecendo mais uma porção de caniços com fogos de artifício na ponta. Quanto às garrafas, cada uma delas pegou dois pratos e os prendeu como se fossem asas, e, utilizando garfos como se fossem pernas, elas começaram a voar em todas as direções. “E pareciam realmente pássaros”, pensou Alice, observando o que se passava o melhor que podia, em meio à pavorosa confusão que começava.

Nesse momento, ela escutou um riso rouco a seu lado e voltou-se para ver o que havia acontecido com a Rainha Branca. Porém, em vez da Rainha, o pernil de carneiro estava sentado na cadeira.

– Aqui estou eu! – gritou uma voz do lado da terrina de sopa, e Alice virou-se novamente, bem a tempo de ver o rosto largo e bem-humorado da Rainha sorrindo para ela, por um momento, na borda da terrina, antes de desaparecer completamente dentro da sopa.

Não havia um momento a perder. Diversos convidados já dormiam dentro dos pratos, e a concha da sopa estava caminhando sobre a mesa, vindo em direção à cadeira de Alice, fazendo sinais impacientes para que saísse do caminho.

– Ah, eu não aguento mais isso! – gritou a menina, pondo-se em pé e segurando a toalha da mesa com as duas mãos. Um bom puxão e pratos, pires, convidados e velas caíram todos juntos, formando uma pilha no chão.

– E quanto a você... – prosseguiu, voltando-se ferozmente para a Rainha Vermelha, que ela considerava a causa de todos aqueles absurdos. Entretanto, a Rainha não estava mais a seu lado. Tinha subitamente encolhido até ficar do tamanho de uma bonequinha, e agora estava sobre a mesa, correndo alegremente para cá e para lá, como se perseguisse seu próprio xale, que se arrastava atrás dela.

Em qualquer outra ocasião, Alice teria ficado surpresa com tudo isso, mas estava furiosa demais para se surpreender com qualquer coisa.

– Quanto a você... – ela repetiu, agarrando a pequena criatura no momento em que esta pulava por cima de uma garrafa que tinha acabado de pousar na mesa – ...eu vou sacudi-la até que se transforme em um gatinho, é o que vou fazer!

Capítulo X

Sacudindo

Ela agarrou a figurinha e a ergueu da mesa enquanto falava, sacudindo-a para a frente e para trás com toda a sua força.

A Rainha Vermelha não ofereceu a menor resistência. Somente seu rosto foi ficando muito pequeno, enquanto os olhos aumentavam e ficavam verdes. E continuou, enquanto Alice a sacudia sem parar, a ficar mais baixa – e mais gorda – e mais macia – e mais redonda – e...

Capítulo XI

Acordando

...e, no final das contas, era realmente um gatinho.

Capítulo XII

E quem foi que sonhou?

– Vossa Majestade Vermelha não deveria ronronar tão alto – comentou Alice, esfregando os olhos e dirigindo-se ao gatinho, respeitosamente, ainda que um pouco severa. – Você me acordou de um sonho... Oh, um sonho tão lindo! E você esteve comigo o tempo todo, gatinho – você viajou comigo por todo o País do Espelho. Sabia disso, querido?

Os gatinhos têm um hábito muito inconveniente (conforme Alice observara uma vez) de sempre ronronar, não importa o que você diga a eles.

– Se ao menos eles ronronassem para dizer “sim” e miassem para dizer “não”, ou qualquer regra parecida – ela tinha dito –, sempre se poderia manter uma conversa com eles! Mas como é que se fala com uma pessoa que diz a mesma coisa todo o tempo?

Nessa ocasião, o gatinho somente ronronou, de modo que foi impossível adivinhar se ele queria dizer “sim” ou se queria dizer “não”.

Assim, Alice procurou por entre as peças de xadrez que estavam sobre a mesa, até que encontrou a Rainha Vermelha. Então, ajoelhou-se sobre o capacho da lareira e colocou a Rainha em frente ao bichano, para que olhassem um para o outro.

– Agora, gatinho! – gritou ela, batendo palmas triunfalmente. – Confesse que foi nela que você se transformou!

(– Só que ele não quis olhá-la – disse a menina, depois, quando estava explicando a coisa toda à sua irmãzinha. – Ele virou a cabeça e fingiu não estar vendo. Mas parecia um pouco envergonhado; portanto, acho que deve ter sido na Rainha Vermelha que ele se transformou.)

– Sente-se mais empertigado, querido! – exclamou Alice, com um riso alegre. – E faça uma curvatura enquanto estiver pensando no que vai fazer... no que vai ronronar. Assim, você ganha tempo, lembre-se!

Ela então levantou o gatinho no colo e lhe deu um beijinho “em homenagem ao tempo em que ele tinha sido a Rainha Vermelha”.

– Snowdrop, minha querida! – ela continuou, olhando, sobre o ombro, para a gatinha branca, que ainda estava pacientemente suportando sua toalete. – Quando será que Dinah vai acabar a limpeza de Vossa Majestade Branca? Nem consigo imaginar. Deve ser por isso que você estava tão desarrumada em meu sonho. Dinah! Você sabia que está esfregando uma Rainha Branca? Realmente, é uma grande falta de respeito de sua parte!

E ela continuou a tagarelar, enquanto se acomodava confortavelmente, com um cotovelo apoiado no tapete e o queixo na palma da mão, a fim de observar os gatos.

– E em que será que Dinah se transformou! Diga-me, Dinah, você assumiu o papel de Humpty Dumpty? Eu acho que sim. Mas é melhor não mencionar a seus amigos por enquanto, porque não tenho certeza.

“A propósito, gatinho, se realmente você tivesse estado em meu sonho, de uma coisa teria mesmo gostado. Ouvi um monte de poemas essa tarde, e todos eram sobre peixes! Amanhã de manhã você vai ganhar uma verdadeira guloseima. Vou lhe dar sua refeição matinal e, enquanto você estiver comendo, declamar um poema intitulado A Morsa e o Carpinteiro. Aí você poderá fazer de conta que está comendo ostras, querido!

“E agora, gatinho, vamos ver quem realmente estava sonhando tudo isso. Essa é uma questão muito séria, meu querido, e você não deveria ficar lambendo a pata

assim, enquanto falo. Afinal de contas, Dinah já o lavou completamente hoje de manhã! Percebe, gatinho, esse sonho deve ter sido meu ou do Rei Vermelho. Ele era parte de meu sonho, é claro. Mas será que eu era parte do sonho dele também? Foi o Rei Vermelho que sonhou, gatinho? Você representou o papel da esposa dele, meu querido, portanto deve saber. Oh, gatinho, por favor, me ajude a resolver isso! Tenho certeza de que sua pata pode esperar!"

Contudo, o gatinho arteiro simplesmente começou a lamber a outra pata e fingiu que nem tinha escutado a pergunta.

Quem você acha que sonhou?

Um barco navega, sonhando, contente,

Na tarde de julho – e o sol, complacente,

O mar ilumina em fulgor resplendente...

Crianças felizes, na praia abrigadas,

Num grupo de três, a escutar, encantadas,

Um simples relato de lendas douradas...

Desbotam memórias a cada arrebol

Dos ecos arcanos de antigo farol –

As geadas do inverno mataram o sol!...

O fantasma de Alice assombra-me ainda,

Debaixo dos céus se movendo – tão linda!

Na terra invisível de sonhos infinda...

Somente crianças, ao ouvirem a história,

Com olhos ansiosos, atentas à glória,

Percebem o ouro no meio da escória...

E fazem seus ninhos na Terra Encantada,

Sonhando de dia e na noite estrelada

Com mortos verões transformados em nada...

E ao serem jogadas na estranha corrida

É a mensagem dourada afinal percebida:

Que a vida é um sonho e que o sonho é a vida!...

FIM

Ilustrações da edição original por John Tenniel

O grande desenhista inglês John Tenniel (1820-1914) foi durante 50 anos o principal ilustrador e caricaturista da famosa revista satírica inglesa Punch. Ilustrou vários livros infantis, mas os seus trabalhos que ficaram célebres foram Alice no país das maravilhas, publicado em 1865 e Alice no país do espelho.

Table of Contents